


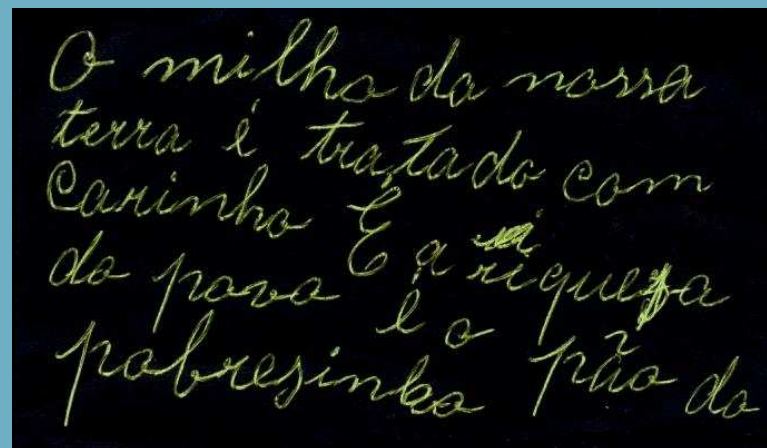
ACAFA

Nº 4 (2011)  On-line

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Popular Poetry of Cortelhões and Plingacheiros

Francisco Henriques e João Carlos Caninas
Prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata



Vila Velha de Ródão, 2011

**POESIA POPULAR
DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS¹**

**Popular Poetry
of Cortelhões and Plingacheiros**

Francisco Henriques e João Caninas

Prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Digitalização de arquivo sonoro por Alexandre Miguel Lima

Palavras-chave

Poesia popular, Romance popular, Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova

Key words

Popular poetry, popular novel, Vila Velha de Ródão, Proença-a-Nova

¹ Este texto foi publicado originalmente em 1991 no nº 12 (1989) de Preservação, boletim informativo da Associação de Estudos do Alto Tejo, com uma tiragem de 50 exemplares e teve apoio de reprografia do GEOTA – Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente.

Resumo

Este documento é um simples reportório de poesia popular, alguma da qual cantarolada, totalizando 642 peças.

O registo desta poesia foi efectuado na década de 80 do século XX, numa área correspondente a Vila Velha de Ródão e a Proença-a-Nova, dois municípios vizinhos, situados no interior-centro de Portugal Continental.

A recolha foi demorada e beneficiou dos testemunhos de inúmeros informantes, geralmente idosos, e hoje (ano de 2011) já desaparecidos do convívio dos vivos.

A primeira divulgação deste património cultural imaterial foi efectuada há cerca de 20 anos.

Abstract²

This document is a simple repertoire of popular poetry, some of which hummed, totaling 642 pieces.

The record of this poem was made in the 80s of the twentieth century, in an area corresponding Vila Velha de Ródão and Proença-a-Nova, two neighboring counties, located within the center of mainland Portugal.

The collection was long and benefited from the numerous testimonies of informants, usually old people, and today (2011) they have already disappeared from the society of the living.

The first diffusion of this intangible cultural heritage was carried out for about 20 years.

² Tradução de Luisa Carreiro Filipe.

Prefácio ou nota liminar

Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata³

Estar atento para preservar algo que integra um passado (ou o que se vai tornar passado) que guarda uma parte da substância identitária do homem é uma acção meritória, digna de elogio e reconhecimento presente e vindouro. É o que se passa com a recolha de *Poesia Popular dos Cortelhões e Plingacheiros*, trabalho de Francisco Henriques e João Caninas, louvável pela ideia, pela acção, pela coordenação e organização, com o apreço devido também aos seus colaboradores.

As palavras da poesia popular, que se tornam vivas na voz do povo, da voz do povo foram colhidas, e aqui estão, guardiãs de um testemunho, que funciona como pequena riqueza sociológica, histórica, linguística, agasalhando ainda o sentir e o pensar ao longo de um tempo.

O que é colectivo, dito ou cantado por toda a gente quase desde bruma do tempo, teve um autor individual que foi perdendo autoria, sendo

³ Professora aposentada da Escola Superior de Educação.

esquecido esse autor, todavia anonimamente avivado na boca de todos. O criador inicial pode ser mais ou menos letrado, mas prova-se que o povo se apropria daquilo de que gosta, do que lhe dá prazer em encontros de amigos e conhecidos, em encontros de festa ou até no simples trauteio que, por vezes, acompanha o trabalho diário.

A popularidade destas produções alimenta-se de referências a bens materiais e espirituais, ligando-se ao ambiente em que se vive, nomeando locais, falando de crenças e invocando Deus, a Virgem e santos de devoção, apreendendo o quotidiano do trabalho e das relações humanas, a riqueza e a pobreza, as estações do ano, o Natal e o Entrudo, a flora que explode em flores (rosas, cravos, alecrim, rosmaninho, manjericos, violetas e mais), em árvores e em frutos (dos mais notados está a azeitona, o limão, a laranja), não esquecendo animais domésticos que partilham quotidianos do homem.

Não admira que, no caso presente, a recolha tenha a referência de um espaço geográfico em que se nomeia Vila Velha de Ródão, o Tejo, Gavião, Abrantes, Castelo de Vide, Montes da Senhora, Perais, Nisa, Alpalhão, Fronteira, Alter do Chão, Entroncamento, Castelo Branco (apenas para dar exemplos) e Portugal, neste caso quando a influência

num lugar restrito vem dum espaço mais alargado de identidade. Vejamos a quadra 50: «Ó Portugal desgraçado / Nunca te vi assim / Quem me dera ser eterno / Para ver teu triste fim.»; a quadra 470, recolhida na Foz do Cibrão, apresenta variante sobretudo no segundo verso: «Ó Portugal, Portugal / Ainda num ficas assim / Quem pudesse ser eterno / Para ver teu triste fim.». Levar-nos-ia a algumas alterações curiosas de sentido o cotejo das duas quadras, o que não cabe nesta nota de limiar. Também interessante é a alusão a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que projecta mais uma vez Portugal, na quadra 473: «O Sacadura Cabral / Mais o Gago Coutinho / Foram ambos a passear / Nas asas dum passarinho». É interessante o conhecimento destes nomes ligados à aviação, associando a asas de passarinho.

É sobremaneira rica a alusão às relações humanas, emergindo simultaneamente preconceitos, regras de convivência, valores, carreando também sentimentos e emoções. Destaco apenas, para exemplificar, o **posicionamento da mulher**, a moça bem falada ou mal falada, o **jogo de sedução** («Chamaste ao meu cabelo / Cabelo de uma cigana / Também chamei ao teu / Laços de prender quem ama» - quadra 80), o **casamento e a apetência de haveres** («Menina casa comigo / Que sou muito afazendado / Toda a fazenda que tenho / Corro-

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

a toda assentado» - quadra 132; «Há seis dias que estou casado / Quem me dera estar solteiro / Olha o diabo da mulher / Só me procura pelo dinheiro» - 1ª quadra da recolha 625), as **novas relações dentro do casamento** («Minha sogra tem má gosto / Gosta de fita amarela / Diz que não gosta de mim / Gosto eu do filho dela» - quadra 14; de leitura esclarecedora será também a recolha 628, uma cantiga dialogada, um diálogo entre marido e mulher, em que o traço dramático dá mais ênfase à apreensão dos problemas do casal). A crítica, com escárnio e maldizer, está muito presente e vai definindo relações e contextos.

O livro contém 642 recolhas, das quais 534 são quadras. As restantes integram-se, *grosso modo*, em romances populares, cantilenas, cantigas dialogadas, *encomendações das almas*. A Introdução e notas prévias constituem-se como guias de leitura úteis e que aguçam o apetite.

O objectivo do presente prefácio não me permite ir mais longe e quase tenho pena. Não resisto a terminar com a quadra 365:

*A tinta com que escrevo
Tenho-a na palma da mão
O papel tiro-o do peito
A tinta do coração.*

Apresenta-se a voz do povo como uma voz de Deus, pela sabedoria, pela experiência, pela distinção do Bem e do Mal, com função pedagógica, com marca sociológica, participando numa história historicamente, com a força da língua num estilo característico que plasma sentimentos, emoções, graças, numa semântica de dureza ou doçura.

Memória das gentes e grande potencial de estudo – para agradecer aos organizadores desta obra.

Introdução

O que dissemos na introdução aos *Contos Populares dos Cortelhões e Plingacheiros*⁴, continua válido e podíamos-lo repetir aqui parcialmente.

Revelamos então as motivações principais que estiveram subjacentes a este vasto trabalho de recolha da tradição popular, deixando, já na altura, antever o aparecimento público desta e de outras recolhas temáticas.

Na prática, foi a poesia que despoletou todo o conjunto de recolhas. E isto, porque nos foi impossível viver e tomarmos conhecimento desta riqueza poética e simultaneamente ficar-lhe indiferente, como aliás, ainda tentámos.

As primeiras recolhas de poesia popular iniciaram-se nos finais de 1983, não possuindo ainda, nessa altura, o carácter metódico que ganharam cerca de dois anos mais tarde. A partir daí, a pouco e pouco, e sempre que as nossas actividades profissionais, arqueológicas e outras o permitiam, íamos engrossando esta colectânea.

⁴ HENRIQUES, F. & CANINAS, J. (1989) *Contos Populares dos Cortelhões e Plingacheiros*. Preservação, 8. Vila Velha de Ródão: 79p.

A área desta recolha temática é, aproximadamente, a mesma das contribuições já dadas a público⁵, e que abrange a área dos concelhos de Proença-a-Nova (PN) e Vila Velha de Ródão (VVR). Excepção feita a uma recolha de São José das Matas (Mação), o que acaba por ter pouca importância, não só devido à quantidade de informação que se dilui no conjunto, como também à sua proximidade geográfica com os concelhos de Ródão e Proença.

O método de recolha, utilizado para esta colectânea de poesia, foi idêntico ao método utilizado nos dois temas já publicados, ou seja colhendo para fita magnética, junto de cada informante, a maior quantidade possível de informação. Assim, se nos abstermos de uma percentagem razoável de quadras soltas, a quase totalidade da poesia é gravada, conservando mesmo a sonoridade musical de grande parte desse material.

Na sua totalidade os informantes nasceram e residem na área já indicada, ou nas suas abas. É justo que façamos aqui uma menção especial àqueles informantes que mais contribuíram para esta colectânea – sem desprimor, naturalmente, para todos os outros.

⁵ HENRIQUES, F. & CANNAS, J. (1990) *Medicina e Farmácia Popular dos Cortelhões e Plingacheiros*. Preservação, 9-11. Vila Velha de Ródão: 37-87.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Referimo-nos a Maria do Carmo (Ribeiro), de Montes da Senhora (PN), a Balbina Castelo Pires, de Perais (VVR), a Maria Rosa Mota, de Gavião de Ródão (VVR) e a Joaquina Rosa Dias, de Bairrada (PN).

Parte significativa deste material foi recolhido junto de pessoas que ultrapassaram já as seis, sete e mesmo oito décadas de vida. Outra parte, pequena por sinal, junto de informantes mais novos, mas depois de terem “vivido duas vidas” – a vivência quase medieval da sua aldeia de criança e adulto jovem e a vida dos nossos dias com muito do que pode oferecer.

A gente desta área é muito simples, afável, amiga de partilhar, austera, trabalhadora até à exaustão e possuidora de uma memória admirável. Mesmo com a idade a contar muitas dezenas de anos, conseguem lembrar e repetir fidedignamente vários textos, alguns de grande dimensão.

Nos trabalhos de campo, colaboraram directamente com os subscritores os seguintes elementos: Maria dos Anjos M. Tavares Henriques, Maria Albertina M. Tavares, Ricardo Jorge R. Henriques e João Paulo Duarte.

Vem ainda a propósito registar a informação de que há algumas dezenas de anos o Sr. Padre Geada, responsável do Orfeão da Covilhã e conhecedor da riqueza do cancioneiro da região de Perais, fez recolhas de cantares junto de um grupo de mulheres desta aldeia, utilizando-os posteriormente no reportório do Orfeão de que era responsável.

Esta pequena colectânea de poesia popular foi um trabalho lento, somatório das contribuições dos vários informantes. De nosso, tem o trabalho de colecta e registo. Assim surgiu este documento que, mesmo simples, acaba por ser um pequeno contributo para um conhecimento mais completo da área em causa e, por consequência, da riquíssima poesia beirã. Gostaríamos que fosse esta a nossa primeira contribuição nesta temática.

Ao não transcrevermos musicalmente os poemas, - e para a grande maioria temos elementos para o fazer – cometemos, logo neste primeiro contributo, um “pecado mortal”. Como entender-se globalmente esta poesia sem o seu suporte musical? É como corpo sem alma. Tentamos remediar o mal, intitulando o escrito como poesia e não cancioneiro.

Esta foi também uma das razões para o divulgarmos neste “arquivo”. Se a qualidade fosse superior, então sim, compreendia-se uma publicação melhorada. De facto, o *Preservação* tem servido como arquivo público da nossa actividade, sendo também o nosso modo de divulgação mais económico, aspecto a ter sempre em conta. A sua divulgação é sempre limitada e deficiente.

Se este número de *Preservação* vier a ser útil a especialistas desta temática, consideramos ter atingido um dos nossos primeiros objectivos.

Exceptuando um pequeno conjunto de composições poéticas, às quais os informantes anotavam dúvidas quanto à sua origem (livresca, escolar), e de características pouco ou nada populares, todos os restantes textos, recolhidos até Março de 1990, estão aqui concluídos.

Sempre que recolhemos a mesma composição, junto de dois ou mais informantes, optámos sempre pela versão mais completa ou incluímos ambas as versões.

A poesia registada nas fitas magnéticas foi fiel e integralmente passada ao papel e, tanto quanto possível, respeitamos a transcrição fonética para a grande maioria dos seus textos.

Não estava previsto inicialmente dividir o trabalho em duas partes (I e II). Fizemo-lo em face da quantidade de quadras soltas apresentada e tendo em vista um mais fácil manuseamento do conjunto. Apesar da especificidade da Nota Prévia que elaboramos para as quadras soltas, também para elas se mantém válido o que escrevemos nesta introdução.

Por terem sido prestadas pelos informantes na altura da recolha, por melhorarem a sua compreensão, sentido e razão de ser, alguns textos possuem notas de esclarecimento.

O aparecimento de quatro ou mais pontos seguidos é sinónimo de falta de texto, conforme o testemunho do informante no momento da recolha. Os pontos de interrogação surgem quando não conseguimos perceber correctamente na gravação a palavra ou frase correspondente.

Para uma mais fácil referenciação, presente e futura, todos os textos poéticos são numerados.

A aprendizagem da poesia/canto popular era um processo que se iniciava em criança e se prolongava pela vida fora, tal como qualquer

outro. Tinha naturalmente maior incidência quando adolescente e adulto jovem.

A aprendizagem fazia-se por audição e repetição de um repertório vasto, mas não inesgotável. Depois era quase dever de cada um, “um parecer bem”, saber cantar ou pelo menos participar no canto. Mas havia ainda os “cantadores” e as “cantadeiras” que faziam do canto uma arte. E esses eram vezes a fio os animadores de bailes, romarias, feiras e ajuntamentos afins.

O canto estava presente em todas as actividades do quotidiano e fases da vida. Poderíamos quase dizer que, onde houvesse seres humanos haveria canto de natureza apropriado. Era o caso de bailes e romarias – que não raras vezes eram unicamente animadas pelo canto. Assim, deparamos ao longe da colectânea com dezenas de textos festivos, característicos destas ocasiões – das idas e vindas para ajuntamentos festivos ou mesmo para o trabalho. O local de trabalho era também um dos lugares privilegiados, principalmente em tarefas agrícolas menos esgotantes – sacha, monda, etc, - com ou sem participações de ambos os sexos. Na nossa área eram, por exemplo, frequentes os cânticos ao

desafio entre ranchos da azeitona a trabalharem na mesma área ou, no mesmo rancho, entre elementos femininos e masculinos.

Entre todos os agentes que contribuíram para a difusão da poesia/canto popular, destacamos particularmente o homem dos folhetos, que andava de romaria em romaria, a cantar e a vender os folhetos com poesia de características nitidamente popular. Quiçá os herdeiros longínquos dos jograis. Um número muito apreciável de textos da Parte II possui características nítidas de folheto.

De uma reflexão, superficial que seja, acerca desta temática, há, entre outras, uma questão que nos surge com especial importância: qual a função da poesia/canto popular? Não é uma resposta fácil para simples colectores como nós. Mas, e perdoem-nos os avisados a ousadia, depois de manusearmos este vasto conjunto de textos, de conhecermos esta área sob diversas perspectivas, de conhecermos bem as suas gentes, com muitos dos seus usos e costumes, atrevemo-nos a avançar com uma tríade de funções principais: a religiosa, a lúdica e a sociológica.

A função religiosa é manifesta num conjunto significativo de textos, que fazem parte de ritos religiosos, apesar de nem sempre ser linear a fronteira do religioso com o laico.

A função lúdica é a mais representativa desta colectânea. Podemos observar dezenas de textos de dias festivos e romarias. Esta está igualmente bem representada nas cantigas de trabalho. E chamamos especial atenção para as Excelências, exemplo ideal da mecanização/ entorpecimento desejado ou exigido pela própria tarefa. Outras, pelo seu ritmo e conteúdo, têm um efeito inverso do referido. Dentro ainda desta função é curioso verificar o uso da quadra solta, especialmente para enviar recados, críticas e mensagens de teores vários, velada ou abertamente e, com frequência, de um personagem para o do sexo contrário.

A Quaresma, por ser um período especial do calendário religioso, tinha os seus cantos e melodias próprias. Poucos mais estavam recomendados, além de uma prática pouco efusiva em efeitos de alegria. Mas quem conseguia impedir que a alegria transbordante da juventude se não manifestasse, pelo menos através do canto?

Vejamos a quadra que se segue que é bem reveladora deste sentimento.

Agora é tempo santo
Não é tempo de cantar
Nós como somos cachopas
Deus nos há-de perdoar.

O objectivo último da função sociológica é o aperfeiçoamento do indivíduo como ser social. Esta função trespassa toda a poesia, havendo contudo textos onde toma uma importância especial. É o caso de composições que cantam e perpetuam as boas e más condutas, ensinando e divulgando a moralidade vigente. Em suma perpetuam todo o vasto e complexo sistema de valores sociais.

Neste conjunto de textos poéticos, podemos observar alguns grupos temáticos, como o geográfico, o político, o religioso, a morte, o amor, o satírico-crítico. De um modo sumário, tentaremos abordar cada um dos grupos mencionados.

Geográfico. Integram esta temática um pequeno conjunto de textos que apresentam um povo ou os povos de uma determinada área correspondente algumas vezes à freguesia, extravasando outras os seus limites, ou ainda, correspondendo a uma rota.

Ao longo do texto os aglomerados populacionais vão sendo apresentados e caracterizados sumariamente. A caracterização é feita geralmente pela apresentação das virtudes, dos defeitos, ou pela referência a bens ou construções que podem pertencer ao campo ficcional.

Curiosa é também a caracterização dos habitantes de alguns lugares. Esta apreciação pode ser mais ou menos lisonjeira, reflectindo o juízo do autor e mais vezes ainda o estado de conflitualidade / rivalidade com comunidades vizinhas.

Algumas composições são um verdadeiro hino a determinados lugares.

Político. Apenas um pequeníssimo grupo de composições têm como base este tema. São textos que caracterizam algumas nações europeias face à Grande Guerra, ou de crítica a figuras políticas.

Chamamos especial atenção para os textos 544 e 545 pelo que têm de belo e harmonioso, ainda que a crítica seja primária. Têm um sabor nitidamente popular. Os políticos visados, João Franco⁶ e Paiva Couceiro⁷, foram figuras marcantes da cena política portuguesa no início do século XX.

Parece certo que a Política pouco deveria dizer à generalidade destas gentes.

Religioso. Nesta temática, podemos observar três diferentes sentidos de utilização: a puramente religiosa, cujos textos eram usados em ofícios religiosos (novena, terço, etc.); a festiva, correspondente a manifestações de festividades populares de fundo religioso (Janeiras, etc.); a laboral, cujos textos continuam a desenvolver a temática

⁶ João Ferreira Franco Pinto Castelo Branco (1855-1929). Natural de Alcaide (Fundão). Fundador da corrente política chamada o Franquismo. Notável homem público, iniciou a sua actividade política no Partido Regenerador, com o qual veio a cindir em 1901 criando o Partido Liberal. Coligado com o Partido Progressista chefiou o governo formado em Maio de 1906. Com o aval do Rei D. Carlos deu o golpe de estado de Maio de 1907, inaugurando a ditadura e desenvolvendo então uma política de extermínio de todos os partidos políticos o que provocou protestos generalizados. Em 1 de Fevereiro de 1908, com a morte do Rei D. Carlos e do Príncipe Luís Filipe, terminou a sua carreira política, exilando-se.

⁷ Henrique Mitchell de Paiva Couceiro (1861 – 1944). Foi oficial de grande mérito no Exército português, monárquico e grande colonialista. Refugiou-se em Espanha após a implantação da República. Militarmente esteve à frente da Monarquia do Norte (de 19.1.1919 a 13.2.1919) refugiando-se novamente em Espanha após a sua derrota.

religiosa mas quase sempre cantados durante o trabalho, no período da Quaresma.

Os temas de fundo religioso mais comuns, são, o nascimento de Cristo – Cântico dos Castilhos e dos Reis Magos, a subida de Cristo para o Calvário e a sua crucificação, o culto dos mortos – pedir para as Almas e Excelências e finalmente, relatos de acontecimentos extraordinários com intervenção humana e divina.

As boas virtudes são sempre expressas ou subentendem-se.

Do ponto de vista sonoro, os cânticos da Quaresma são caracterizados pela extensão, indolência, lentidão e arrastamento de voz.

Morte. A morte é dos temas de eleição da poesia popular desta área. Não a morte como fecho de uma longa vida ou doença. Mas a morte premeditada ou inesperada.

O impacto social de uma morte é directamente proporcional ao seu carácter incomum, ao inesperado da situação e à violência física ou moral usada para o efeito.

É curioso verificar que dos quinze textos que, na Parte II, versam a morte, somente quatro composições tratam a morte por doença ou por acidente (sem violência).

Em contrapartida, registamos dez textos em que a morte surge de modo violento e premeditado. Observamos então a morte por ciúme, por amor contrariado e por outras razões, mas sempre com uma relação amorosa subjacente.

O infanticídio aparece também bem representado, tal como o suicídio, a defesa da honra e mesmo um caso sobrenatural.

Uma característica comum à totalidade dos textos referidos é a juventude das vítimas.

Amor. A temática amorosa está relativamente bem representada na Parte II desta colectânea.

Os textos assinalam as diversas fases pelas quais pode passar a relação amorosa. O primeiro – ainda que parcialmente em prosa por falta de memória da informante – é o romance de D. Martinho, texto

muito conhecido, no qual a paixão do perseguidor só lhe dá paz com a posse do objecto amado.

A corte aparece num pequeno conjunto de textos onde são registadas intervenções de ambos os participantes. É quase um jogo, onde a recusa inicial da mulher vai dando lugar a uma cedência progressiva.

As declarações de amor e o pedido de casamento aqui registados são feitos de modo primário e bem simplista. Com uma resistência de fachada por parte da rapariga, no início, e uma aceitação incondicional no fim.

O ciúme, frequente na relação amorosa, é aqui referido numa cantiga ao desafio. A rapariga enganada⁸ é um motivo bem representado nesta colectânea. Conseguimos coligir seis textos deste género.

É curioso verificar que em nenhuma das composições há uma crítica aberta à mulher pelo facto de se deixar enganar ou raptar. A única crítica declarada a uma mulher não foi pelo facto de ter ficado grávida, mas por incriminar um rapaz inocente. A mulher aparece quase sempre

como inocente. Os culpados ou são os autores masculinos da façanha, ou a própria mãe da rapariga, ou outros elementos.

Ainda neste âmbito, temos um vasto conjunto de textos que trata a relação amorosa de um modo mais suave – com um carácter pouco didáctico e muito lúdico – à maneira das quadras soltas. O tema aparece quase sempre tratado de um modo geral, nunca particularizando situações como as citadas anteriormente. São textos simples e transbordantes de alegria, usados em ocasiões festivas (bailes, festas, casamentos, etc.). A própria música é um convite à vida. Quanto ela difere, por contraste, dos temas da Quaresma!

Satírico-críticos. Além dos textos que achámos por bem incluir nesta alínea, existem muitos outros onde a sátira e a crítica são manifestos.

Existe uma corrente satírica, de contornos muito suaves, em alguns textos, onde nem sequer o humor está completamente ausente.

Os textos críticos faziam da desaprovação e da condenação social os principais objectivos.

⁸ Mulher enganada – mulher grávida de um homem com quem não casou.

Quando tratámos da temática da morte, mencionámos três casos de infanticídio que são outras tantas críticas severas a quem os perpetrou. Apresentamos quatro textos que evidenciam os maus-tratos dados às crianças. As mães e as madrastas são as responsáveis e, portanto, o alvo das críticas. A incapacidade de defesa das crianças abre muitas vezes caminho a maus-tratos vários, quer por parte dos pais, quer por estranhos. Quando assim é, ergue-se do grupo social a voz de protesto que desmotiva acções semelhantes.

Três outros textos referem-se ao casamento contra a vontade dos pais da rapariga e a fuga ao estatuto de mulher casada. Surge então a crítica e a “chamada à razão” por parte do marido, sem que, no entanto, consiga os seus objectivos, ao mesmo tempo que se levanta a voz crítica do grupo.

A colectânea de poesia popular que agora tornamos pública é constituída por poesia de várias épocas e dos tipos e temáticas referidas, exprimindo sempre a energia poética deste povo.

As temáticas dos textos poéticos, que apresentamos na Parte I e na Parte II, não se esgotam nesta meia dúzia de grandes grupos. cremos, entretanto, serem estes os mais significativos.

A poesia popular é caracterizada pelo anonimato. O autor pode ser o primeiro a cantá-la, mas perde imediatamente a paternidade. Os seus autores são pessoas de ambos os sexos e frequentemente sem qualquer grau de instrução. Mas atenção, não confundir instrução com cultura. Porque apesar de não terem instrução escolar, encerram em si uma vasta cultura e, principalmente, a hipersensibilidade imprescindível a qualquer poeta.

Para estas pessoas parece não ser difícil fazer poesia, principalmente quadras. Ainda que haja muitos textos que não obedecem aos cânones vigentes ou que se observe a deturpação de uma ou outra palavra para conserto da rima.

É característico também de cada pessoa, de cada comunidade, fazer as adaptações – característica inerente à própria oralidade – linguísticas, temáticas e outras que julgue necessárias. Pelo que seria curioso estudar as pequenas variações de um mesmo texto poético dentro de uma determinada área geográfica.

Já anteriormente demos a entender que o canto não é privilégio de um dos sexos. Cantam homens e mulheres em conjunto na maioria das

circunstâncias. Casos há, raros por sinal, em que se podem agrupar para cantar, pessoas de um só sexo.

O mundo rural trespassa a totalidade da poesia popular. Quer sob a forma de valores, de referências, quer a nível de cenários. A cidade quando aparece, é sempre de forma fugaz, longínqua, de acesso quase proibitivo, lugar do rei, dos estudantes, da maltesaria e do vício.

Outra característica de fundo da totalidade da poesia popular, e já o dissemos, é a sua oralidade. A poesia popular não foi concebida para ser escrita. A sua divulgação e perpetuação assentam na memorização prévia. E tal como nos contos populares, cada indivíduo era livre de introduzir consciente ou inconscientemente alterações à versão ouvida, ainda que mantendo sempre o corpo principal. Esta é uma das razões, e apenas uma, da existência de várias versões de um mesmo texto, até em comunidades muito próximas.

Os limites de distribuição conhecida, de alguns dos temas agora dados a público, não se confinam à área do Alto Tejo (português). Com maior ou menor variação, vamos encontra-los em áreas limítrofes ou até noutras muito distantes.

Pelos vários particularismos, mesmo ténues, que os textos apresentam consoante as regiões, achamos por bem inscrevê-los igualmente nesta recolha.

Do ponto de vista sonoro, notamos diferença significativa entre as recolhas feitas em Perais e noutras áreas do concelho de Ródão e mesmo no de Proença-a-Nova. Parece que o compartimento inferior da falha do Ponsul, com a sua peneplanície e terras de fertilidade superior, serve de suporte a uma sonoridade própria.

Por último agradecemos a excelente colaboração prestada pela Maria dos Anjos Tavares Henriques, pela Maria Luísa Filipe e pelo Jorge Gouveia, e ainda a Alexandre Miguel Lima pelo tempo que dedicou, graciosamente, a converter para suporte digital uma parte do arquivo sonoro correspondente às recolhas efectuadas em fita magnética.

Parte I. Quadras soltas

Nota prévia às quadras soltas

Couberam nesta série os conjuntos de quatro versos, com sentido intrínseco, de temáticas variadas e recolhidos isoladamente junto dos informantes, independentemente, ou não, de terem já pertencido a algum conjunto de duas ou mais quadras.

Como deixámos atrás antever, cremos que nem todas as quadras soltas nasceram como tal, muitas há que são fragmentos de cantigas ao desafio, perdurando agora, apenas uma ou outra quadra, ou pedaços de poemas maiores mas que, por motivos vários, se perderam ou o informador não recorda; ou partes de histórias em prosa que incluem uma ou outra quadra, ou ainda, quadras oriundas de cartas escritas em verso.

Mas todas elas, ou a sua quase totalidade, são caracterizadas pela espontaneidade (a quadra surge em qualquer lugar, de qualquer situação) e simplicidade, que aqui é sinónimo de inteligibilidade.

Para observar a rima e suas características elaborámos uma amostragem de quarenta e cinco quadras, colhidas de vários informantes de ambos os sexos e de todos os concelhos. Obteve-se o seguinte resultado.

Tipo de rima	Nº de quadras	% sobre o total da amostragem
Sem rima (ABCD)	1	2%
Rima emparelhada (AABB)	1	2%
Rima alternada (ABAB)	5	11%
Rima entre o 2º e o 4º verso	38	85%

Gramaticalmente e para a mesma amostragem, a rima pode ser considerada pobre e perfeita.

É do conhecimento geral que o heptassílabo (redondilha maior) é o verso popular por excelência. Para o confirmar, também nesta colectânea, elaborámos uma pequena amostragem com vinte quadras

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

(oitenta versos) recolhidas de vários informantes, de ambos os sexos e concelhos. Obteve-se a distribuição seguinte.

Número de sílabas	Nº de versos	% sobre o total
Pentassílabo (5 sílabas)	1	1%
Hexassílabo (6 sílabas)	2	3%
Heptassílabo (7 sílabas)	72	90%
Octossílabo	4	5%
Eneassílabo (9 sílabas)	1	1%

A linha de pensamento da quadra nem sempre é uniforme, no sentido literal do termo. Porque muitas vezes, os dois últimos versos não completam o juízo avançado pelos primeiros, funciona melhor nestas situações uma linha de pensamento comparativo. Exemplo:

Antes que o lume se apague
Na cinza fica o calor
Antes que o amor ausente
No coração fica a dor.

Ou:

Não há cravo como o branco
Que até no cheiro é doce
Nem amor como o primeiro
Se ele acabado não fosse.

Pelo seu tamanho e facilidade de construção, a quadra acabou por se tornar o modelo de estrofe mais difundido na literatura popular, oferecendo assim, maior versatilidade temática. E, mesmo que desviando-se de alguns grupos temáticos referidos na introdução, nunca chega a negá-los. Predominam nas quadras soltas a relação homem / mulher enquanto adulto jovem, mesmo que, nem sejam os mais jovens os seus autores.

Assim, é toda uma vida de relação que passa por elas, como o amor (e grande número de quadras, directa ou indirectamente, falam de amor), como a quadra exemplificante muito bem sintetiza:

Canto cantigas de amor
Não é por eu namorar
Todas falam de amor
Eu alguma hei-de cantar.

O ódio, desejos, conselhos, saudades, desgostos, promessas, críticas, a morte (que na quadra solta aparece sempre desejada por não haver correspondência afectiva ou posse do objecto amado), etc.

Ao nível do conteúdo, algumas quadras são de uma subtileza e filosofia extraordinárias. Noutras, tudo é mais descuidado, desde a forma ao conteúdo, chegando algumas (poucas) a assemelhar-se a uma mera arrumação de palavras.

Achamos que poderia ser útil para o leitor a apresentação por ordem decrescente de grupos de referências que julgamos mais significativas. Assim:

Da flora e frutos. É a mais significativa em termos numéricos. Rosa com 11 referências, cravo nove, azeitona sete, oliveira sete, silva seis, limão cinco, cravo roxo quatro. Segue-se uma longa lista onde aparecem mais 50 espécies vegetais e 12 tipos de frutos.

Da fauna. A pássaros há oito referências (espécies não especificadas), pomba cinco, rouxinol três, galo três e ovelha três. Segue-se uma lista que acrescenta a esta mais 21 novos elementos faunísticos, sendo alguns macho ou fêmea de um outro já referenciado.

De lugares. O Tejo (rio) e Vila Velha de Ródão seguem à frente com sete referências cada, logo seguidos de Montes da Senhora e Portugal ambos com cinco e Alentejo com quatro. Segue-se uma lista com 34 novos lugares, onde, além de vários nomes de povoações é incluída alguma microtoponímia ou ainda, nomes de países como Espanha, Brasil, França e Inglaterra.

De elementos familiares. A mãe é de longe o elemento familiar mais referido, 28 vezes, seguido pela sogra com 11 menções e o pai com quatro. Segue-se depois um conjunto de sete diferentes elementos familiares com escassas referências.

De profissões e estatutos. São escassas as referências a estes estatutos. Apenas os pastores e o rei aparecem com duas menções, seguidas de mais 11 referências diferentes com uma menção apenas.

Hagiológicas. O São João com oito menções é de longe o santo mais referenciado, seguido pela Senhora do Castelo e a Senhora da Alagada com três cada, Jesus Cristo com duas, seguido de cinco diferentes referências.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Pela existência de quadras cujo narrador era manifestamente feminino ou masculino, elaborámos uma amostragem em 210 quadras, colhidas junto de informantes diferentes e de ambos os sexos. Obtivemos o seguinte resultado:

Narrador	Nº de quadras	% sobre o total da amostragem
Feminino	29	14%
Masculino	36	17%
Neutro	145	69%

No que se refere à poesia em geral e às quadras soltas em particular, as mulheres foram de longe as principais informantes, em termos de quantidade de material.

Vejamos o quadro abaixo, elaborado a partir de uma amostragem de 494 quadras populares:

Informante	Nº de quadras	% sobre o total da amostragem
Masculino	60	12%
Feminino	434	88%

Algumas quadras incluídas nesta colectânea, apresentam diferenças de pormenor, alterando muitas vezes, apenas, uma ou outra palavra, ainda assim, verificámos vantagens em incluí-las também neste conjunto.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

1. Quero cantar que mandam
Não quero ser mal mandada
Não quero que digam ao mundo
Filha de pai mal educada.

2. Adeus Montes da Senhora
Bem passeada vos deixo
Saudades não as levo
Mas também as cá não deixo.

3. São João era bom moço
Se não fosse tão velhaco
Foi à fonte com três moças
E voltou de lá com quatro.

4. Janelas avarandadas
Só o meu amor as tem
Hei-de mandar fazer
Umas avarandadas também.

5. Figueira que não dá figos
Não se vai acima dela
Menina que falas a todos
Não se faz caso dela.

6. Procurei a paz no mundo
Fui ao cemitério e li
No alto da porta escrito
“Não há paz senão aqui.”

7. As estrelas miudinhas
Fazem o céu bem composto
Assim são as bexiguinhas
Menina, nesse teu rosto.

8. A Senhora d' Alagada
Vai pelo Tejo acima
Com a sua cesta no braço
Vai para sua vindima.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

9. São João para ver as moças
Fez uma fonte de prata
As moças não bebem nela
São João todo se mata.

10. Quando eu era pequenino
Que eu deitava o meu pião
Diziam-me as moças todas
Deita-mo aqui na mão.

11. Quando eu era pequenino
Ainda não comia pão
Davam-me as moças beijinhos
Mas agora já mos não dão.

12. Ó mar largo, ó mar largo
Ó mar largo, sem ter fundo
Mais vale andar no mar largo
Que nas bocas do mundo.

13. A oliveira se queixa
Se queixa e tem razão
Que colhem a azeitona.
E deitam a rama no chão.

14. Minha sogra tem má gosto
Gosta de chita amarela
Diz que não gosta de mim
Gosto eu do filho dela.

15. Trigueirinha engraçada
Toda a gente te cobiça
No domingo na igreja
Quem te vê não ouve missa.

16. Nom cortes a silveirinha
Que está na minha janela
É a escada do amor
Que sobe e desce por ela.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

17. Quando eu era pequenino
Acabado de nascer
Ainda mal abria os olhos
Já era para te ver.

18. Violeta reverdida
Quem me dera tua cor
Para desfazer em tinta
Para escrever ao meu amor.

19. Todas as flores em Maio
Vão visitar o castelo
A margaça vai de branco
E o pimpilho de amarelo.

20. Coração arriba arriba
Se não podes pede ajuda
A mulher sem o teu agrado
É pior que a noite escura.

21. A salsa da minha horta
Qualquer raminho põe gosto
Se tu não querias ser minha
Não nasceras a meu gosto.

22. Aqui te baptizo meu menino
À beira deste ribeiro
Deus te faça um ladrãozinho
Com os pezinhos bem ligeiros⁹.

23. Eu fui procurar o sábio
Que diga porque razão
Se um beijo dado no rosto
Se sente no coração.

⁹ Esta quadra é referida como a que o povo cigano utiliza quando do baptismo dos seus filhos.
Há outras versões.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

24. Se os beijos fizessem nódoa
Como estaria o teu rosto
Eles como não a fazem
São dados com muito gosto.

25. Se eu fosse galo cantava
Lá em cima na guarita
Namorava as moças todas
E casava com a mais bonita.

26. Eu hei-de ser a geadá
Que tudo hei-de queimar
No quintal do meu amor
Prometo não entrar.

27. Fui ao Jardim do Senhor
Colher a sécia sentida
Sem por o pé fiz pegada
Sem falar fui conhecida.

28. Já fui cravo já fui rosa
Já fui raminho inteiro
Já te namorei de graça
Agora nem por dinheiro.

29. A salsa da minha horta
Qualquer raminho tempera
Trata amor da tua vida
Não estejes à minha espera.

30. Já comi e já bebi
Já molhei a minha garganta
Eu sou como o rouxinol
Quando bebe sempre canta.

31. A minha mãe coitadinha
Com penas adoeceu
Faltaram-lhe os meus carinhos
Não pode vencer morreu.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

32. O Tejo quando vai grande
Deixa o junco acamado
O amor que deixa o outro
Já tem o caldo entornado.

33. Toda a vida fui pastor
Toda a vida guardei gado
Tenho uma cova no peito
De me encostar ao cajado.

34. Namorados falai baixo
Que as paredes têm ouvidos
Os segredos encobertos
São os que são mais sabidos.

35. Não me atires com pedrinhas
Que eu estou lavando a loiça
Atira-me com beijinhos
Com que a minha mãe não oiça.

36. Ó jardim malancioso
Deixaste secar a rosa
Quem ama dois corações
Nem d' um nem d' outro se goza.

37. Estas meninas de agora
Estas que de agora são
Usam relógio no pulso
Mas não sabem que horas são.

38. Estas meninas de agora
São algumas não são todas
Usam meias sobre meias
Para fazer as pernas gordas.

39. Casadinha de há três dias
Mandou trabalhar o homem
Trabalha homem trabalha
Quem não trabalha não come.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

40. Rua abaixo rua acima
Toda a gente me quer bem
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

41. O limão tira o fastio
A laranja o bem querer
Tira de mim o sentido
Se me queres ver morrer.

42. Fui ao mato à carqueija
Escorreguei numa goriça
Estas meninas de agora
Têm a tromba de cortiça¹⁰.

43. Fui ao mato à carqueija
Escorreguei na flor do tojo
Estas meninas de agora
São pequenas e metem nojo.

44. Ó videira dai-me um cacho
Ó silva dai-me uma amora
Amor dai-me o teu retrato
Quero-te ver a toda a hora.

45. Ranhosa grande ranhosa
Ranhosa vai-te assoar
Coitadinha de uma mãe
Criar um filho para te dar.

46. Ó meu amor por lá andas
Deixa-te andar descansado
Que por aqui não há olhos
Que sejam do meu agrado.

¹⁰ Esta quadra era cantada quando a informante, em criança, era pastora.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

47. Se és galo levanta a crista
Se és frango larga a penugem
Se queres cantar comigo
Ataca os sapatos e fuge.

48. Mandaste-me aqui vir
Meu amigo à tua festa
Quem tem fome não se ri
Corpo sem alma não presta¹¹.

49. A salsa verde do mar
Navega para onde quer
É como o rapaz solteiro
E enquanto não tem mulher.

50. Ó Portugal desgraçado
Nunca te vi assim
Quem me dera ser eterno
Para ver teu triste fim.

51. O girassol quando nasce
Traz maravilhas no pé
Confiança nos rapazes
Quanto menos melhor é.

52. Anel d' oiro não é prenda
Que se dê a um amor
Prenda é um lenço branco
Com duas letras em cor.

53. Relógio que das as onze
Te peço por caridade
Que dê as onze mais cedo
E a meia-noite mais tarde.

¹¹ Quadra que se diz ter sido cantada por um tocador, a quem pediram para animar uma festa, sem que previamente lhe tenham dado de comer.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

54. Eu já vi nascer o sol
Numa bacia aos quadrados
Sempre há-de haver quem se me meta
Na vida dos namorados.

55. O retrato da laranja
Anda dentro do limão
Também tu minha menina
Andas dentro do meu coração.

56. Já vi um gato a ler
Uma galinha a passar escola
Nas costas de uma formiga
Jogando jogo de bola.

57. Coração não andes triste
Os dias que há-de viver
Anda alegre se puderes
Que a terra te há-de comer.

58. Já lá vem o Natal perto
A seguir vem o Entrudo
Para que te quero a ti
Ó meu borrego lanudo.

59. Tu já namoras à rica
À pobre não te convém
Namoras uma menina
Ao gosto da tua mãe.

60. Eu passei à tua porta
Pus a mão na fechadura
Assomaste à janela
A roer na cornadura.

61. Deitei azeite no copo
Aguardente na candeia
Desculpem ó meus senhores
Em cantar em terra alheia.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

62. Ao meu pai peço desculpa
Se me puder desculpar
Quero ir a correr mundo
Quero a casa abandonar.

63. Namorei uma tecedeira
Pelo buraco do pano
Estava tec, tec, tec
Não me dava o desengano.

64. Ó Abrantes, ó Abrantes
Terra da maltesaria
Eu também era maltês
Quando eu a Abrantes ia.

65. Eu passei à tua porta
Pus a mão na fechadura
Não m' a quiseste abrir
Coração de pedra dura.

66. Namorei-te foi verdade
Deixei-te tinha razão
Deixei-te porque não quis
Segredos na tua mãe.

67. És branquinho como o leite
Corado como a cebola
Eu carinhos não t' os dou
Casar contigo sou tola.

68. Linda é a mocidade
Pena é vê-la fugir
Não é como a Primavera
Que se vai e torna a vir.

69. Cantar e bailar
Ó rapaziada
Ao romper da aurora
Sobre a madrugada.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

70. Calcanharinho tem ela
Calcarinho de alverla
Quem me dera o meu calcarinho
No calcarinho dela.

71. Antes que o lume se apague
Na cinza fica o calor
Antes que o amor ausente
No coração fica a dor.

72. As ondas do mar são brancas
No meio são amarelas
Ai da mãe que cria filhos
Para andar no meio delas.

73. Quem me dera saber ler
Pr' ó meu nome assentar
Só para haver se não havia
Tanto em mim que falar.

74. Aguardente medronheira
É boa de uma vez
Quando a missa acabar¹²
Hei-de lá ir outra vez.

75. Tubareiro, tubareiro
Dá-me o teu parceiro
Se eu achar dois ou três
Hei-de cozinhar-te num caldeiro.

76. O meu coração fechou-se
Fechou-se já não se abre
Quem o fechou era seu
Consigo levou a chave.

¹² Há outra versão, cujo terceiro verso possui o seguinte texto: “quando eu lá passar”.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

77. Deitei-me a dormir um sono
A sombra do milho grosso
Deitei-me no mês de Março
Acordei no mês de Agosto.

78. Três com um burro
É que vão bem
Um a cavalo, outro a pé
Outro vê se a carga vai bem.

79. Três com um burro
É que vão bem
Um carrega, outro segura
Outro vê se a carga vai bem.

80. Chamaste ao meu cabelo
Cabelo de uma cigana
Também chame ao teu
Laços de prender quem ama.

81. Se ouvires dizer que eu morro
Não tenhas pena meu bem
Que a morte de desgraçado
Não causa pena a ninguém.

82. Duma mãe que me criou
Ao peito com tanto mimo
Agora vou para a guerra
Morrer como um passarinho.

83. Os meu olhos não são olhos
Sem terem os teus defronte
São como dois ribeirinhos
Que correm de mar a monte.

84. A açucena com o pé na água
Pode estar sessenta dias
Eu sem ti nem uma hora
Fará meses e dias.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

85. O mar também é casado
O mar também tem mulher
É casado coma areia
Dá-lhe beijos quantos quer.

86. A açucena com o pé na água
Navega para onde quer
É como o rapaz solteiro
Enquanto não tem mulher.

87. A rosa que se desfolha
É para cobrir o chão
Só eu não tenho quem cubra
As penas do meu coração.

88. Alegria não a tenho
A tristeza comigo mora
Se tudo for como eu desejo
A tristeza irá embora.

89. O vinho em sendo demais
Num copo de um indivíduo
Quer andar não é capaz
Faz-lhe perder o sentido.

90. Rua abaixo, rua acima
Cá vou com o meu chapéu na mão
Namorando as casadas
Que as solteiras já cá estão.

91. Apaga-me essa candeia
Que o azeite está caro
À minha frente tenho olhos
Que me alumiam mais claro

92. Eu fui das que acendi lume
Numa chaminé dourada
Eu fui das que tive amores
Reparti e fiquei sem nada.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

93. A minha mãe mais a tua
Foram lavar ao mar
Ambas numa pedra
Sem nenhuma se molhar.

94. As cantigas que t' cante
Meto-as dentro dum saco meu
O meu pai é serrador
Serra os cornos ó teu.

95. As cachopas do Chão de Galego
Andam dentro de um baú
Vêem-lhe os ratos por trás
Roem-lhe o olho do cú¹³.

96. Adeus ó santo de S. Gens
Adeus ó santo da Moita
Se eu me apanho fora desta
Não me torno a meter noutra.

97. Ó minha mãe que é aquilo
Que está no canto da lenha
É a gata da vizinha
À espera que o gato venha.

98. Nesta rua cheira a sangue
Foi alguém que se matou
Foi a mãe do meu amor
Que da janela se atirou.

99. O mar também é casado
O mar também tem filhinhos
É casado com a areia
E os peixes são os filhinhos.

¹³ Quadra dita pelos pastores de Montes da Senhora para os pastores do Chão de Galego, devido à grande rivalidade existente entre eles. Os pastores eram geralmente crianças, com idades até aos 12 ou 13 anos.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

100. Dorme dorme meu menino
Que a tua mãe já lá vem
Foi lavar os cueirinhos
À fontinha de Belém¹⁴.

101. Tenho dentro do meu peito
A pena de uma pombinha
Todas as penas avoam
Não sei que pena é minha.

102. Tens o chapéu à rebimba
Andas todo arreimbado
Tu não gostas de mim
Eu de ti não gosto nada.

103. O que te importa o meu chapéu
O meu chapéu que te importa
O que te importa o meu chapéu
Das abas até à copa.

104. Haja quem queira comprar
Que eu estou disposta a vender
Uma casa sem telhado
Com as paredes por fazer.

105. O amor quando se encontra
Causa pena e dá gosto
Sobressalta o coração
Sobem as cores ao rosto.

106. Comprei um chapéu branco
Pr' à noite namorar
O chapéu já se rompeu
E o namoro vai acabar.

¹⁴ Quadra para adormecer crianças.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

107. Lisboa por ser Lisboa
Por ser a terra do rei
Não há terra como a minha
Terra onde m' eu criei.

108. Estou aqui à tua porta
Com um freixinho de lenha
Estou à espera da resposta
Que da tua boca venha.

109. Tenho os meus sapatos rotos
Com as solas descosidas
Ao poder de andar de noite
À procura das raparigas.

110. Quero dar a despedida
Como o Maio deu às flores
Quim se despede a cantar
Não leva pena de amores.

111. A mulher é desgraçada
Até no vestir da saia
Não há desgraçada nenhuma
Que aos pés da mulher não caia.

112. Duas noites tem um ano
Que alegra o coração
É a noite de Natal
Mais a do S. João.

113. Quatro coisas são precisas
Para saber namorar
Olho vivo e pé ligeiro
E discreta saber falar.

114. Não olhes para mim não olhes
Que eu não sou o teu amor
Eu não sou como a figueira
Que dá fruto sem flor.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

115. O trevo é delicado
Que até na folha faz laço
Não faças conta comigo
Que eu conta contigo não faço.

116. À luz daquela candeia
Se fez o meu casamento
Ó candeia não te apagues
Qu' emos ir ao juramento.

117. O limão é fruta azeda
Criada no verde escuro
Ninguém tenha a presunção
De ter seu amor seguro.

118. O meu amor é um goivo
Criado na goivaria
Quem ama por tu se chama
Amor não tem senhoria.

119. Eu sou como o aeroplano
No ar penso a minha vida
Eu penso e não me engano
Para mim és infingida.

120. Eu venho aqui da festa
Já me moeu um sapato
Ainda venho mais contente
Qu' aqueles qu' andam além ó mato.

121. O cantar é uma arte
Que Deus deu às criaturas
Quem não sabe tartaceia
Como o cego às escuras.

122. De vagar se vai ao longe
Mais tolo é quem se mata
Cada noite tem seu dia
Nom há coisa mais barata.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

123. Pedi-te água não m' a deste
 Ó ingratição d' uma prima
 Vinhas com ela da fonte
 E dizias que a não tinhas.

124. Se eu soubera ler no mar
 Como sei escrever na areia
 Não me escapava no mundo
 Mulher bonita nem feia.

125. Minha avó morreu ontem
 E o diabo foi com ela
 Deixou-me a chave d' adega
 Mas o vinho bebeu-o ela.

126. Anda amor vamos à murta
 Que eu bem a sei apanhar
 Debaixo da murteirinha
 Laços d' oiro te hei-de armar.

127. Deste-me um ramo de murta
 Amor que esperas de mim
 A murta dá-se a quem morre
 Eu para ti já morri.

128. O meu amor foi-se embora
 Desta p' ra outra nação
 Abalou foi a seu gosto
 À minha vontade não.

129. Ó minha mãe quem me dera
 Desatar o nó que dei
 Ó filha não te casaras
 Que eu não t' obriguei.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

130. Agora é tempo santo
Não é tempo de cantar
Nós como somos cachopas
Deus nos há-de perdoar¹⁵.
131. Cantas bem não cantas mal
Cantas de toda a maneira
Tenho ouviste dizer
Cantigas não vão à feira.
132. Menina casa comigo
Que sou muito afazendado
Toda a fazenda que tenho
Corro-a toda assentado.
133. O meu amor é estudante
Usa bata e batina
Quando vai para o liceu
Sempre diz “adeus menina”.
134. O ladrão do milho verde
Tem toda a velhacaria
Sustenta a água no olho
Para beber ao meio-dia.
135. Cantigas são pataratas
Pataratas são cantigas
Pataratas meto-as eu
Na cabeça às raparigas.
136. Arremenda o teu pano
Chega-te ò ano
Torna-o arremendar
Torna-te a chegar.

¹⁵ Esta quadra era cantada durante a Quaresma.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

137. Uma silva me prendeu
Outra me deu a prisão
Outra me deu o dinheiro
Para a minha libertação.

138. Quem a mim me ouve cantar
Julgará não julga bem
Julgará que estou alegre
Meu coração penas tem.

139. Ó mulher abre-me a porta
Que eu venho da bebedeira
Eu começo no domingo
E acabo na segunda-feira.

140. Ó mulher abre-me a porta
Que eu trago aqui castanhas
Eu a porta não te abro
Que já sei das tuas manhas.

141. Tu julgas que eu por me rir
Que me deixei enganar
Eu sou como o marmeleiro
Que dobra e não quer quebrar.

142. Ó meu amor se tu sabes
O namorar dos caminhos
É passar e não falar
E aos olhos dar um jeitinho.

143. Os rapazes de agora
Matam os pais com trabalho
Nunca se levantam da cama
Sem ouvir um grande ralho.

144. Rapariga a tua vida
Não a contes a ninguém
Uma amiga tem amigas
Outra amiga amigas tem.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

145. Se os passarinhos soubessem
Quando era dia da Sr^a da Assunção
Nem comiam nem bebiam
Nem punham os pezinhos no chão.

146. Quem de cá não é
Quem cá não mora
Que faz aqui
Que não se vai embora.

147. Toda a moça que é bonita
Não havia de nascer
É como a pêra madura
Todos a querem comer.

148. Amor com amor se paga
Porque não pagas amor
Olha que Deus não perdoa
A quem é mau pagador.

Quadras (1 a 148) recolhidas junto de Maria do Carmo (Ribeiro), de Montes da Senhora (PN), nos anos de 1984 a 1989.

149. Era uma vez uma velha
Mais velha que a Saragoça
Queria dançar o baião
Pensava que era moça.

150. Era uma vez uma velha
No tempo da eira
A fazer poeira
Puxa lagarto por esta orelha¹⁶.

151. Fui ao mato
Pútigas apanhei
Comi, comi
E nunca me fartei.

¹⁶ Esta quadra faz parte de uma brincadeira de criança cujo objectivo final é puxar ambas as orelhas mutuamente.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

151-A. Ó Senhora d' Alagada
Ponha a côdea à tijalada
Se não minha mãe vem da missa
E dá-me com uma chamiça.

152. Era uma velha muito velha
Que queria dançar o baião
Agarrou-se a uma cadeira
E caíu com cú no chão.

153. Pô pó rei
Pô prá rainha
Agora já estou
Na minha casinha¹⁷.

Quadras (149 a 153) ouvidas por Francisco J. Ribeiro Henriques (VVR) em criança.

154. O meu criado
Criados tem
Quando eu mando
Manda ele também.

155. O piolho mais a pulga
Andavam na serra a serrar
Foi lá ter o percevejo
Carregado com o jantar.

156. Minha sogra morreu ontem
Enterrei-a no palheiro
Deixei-lhe os braços de fora
Para tocar o pandeiro.

157. Minha sogra morreu ontem
Enterrei-na na valeta
Deixei-lhe os braços de fora
Para tocar a punheta.

¹⁷ Há uma pequena história da qual esta quadra faz parte.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

158. Eu vou aqui por d' abaixo
Com o meu cajado às costas
Eu perdi as minhas ovelhas
E procuro as minhas cachopas.

159. Amanhã por esta hora
Onde estarás tu meu corpo
Ou aqui ou noutro lado
Ou na sepultura morto.

160. O fumo só vai
Pró lado dos mais formosos
Tanto lhes dá
Que até os faz ranhosos.

161. Eu mais o meu irmão
Camisas temos só uma
Quando o meu irmão a veste
Fica o rapaz sem nenhuma.

162. Casei com uma velha
Por causa de filharada
Ai o raio da velha
Teve sete numa ninhada.

163. Os cachos da borda d' água
São colhidos à mão canhota
Não há coisa mais macia
Que as mamas de uma cachopa.

164. Era uma vez uma velha
Mais velha que a Saragoça
Falaram-lhe em casamento
E a velha tornou moça.

165. Menina que estás à janela
Com o olho do cú de fora
Diz-me quantos peidos deste
Desde que nasceste até agora.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

166. Aqui venho, venho
Aqui digo, digo
Venho perguntar à menina
Se quer namorar comigo.

Quadras (154 a 166) recolhidas junto de Luís Henriques (Rabacinas, PN) em 1975.

167. A cantar ganhei dinheiro
A cantar se me acabou
O dinheiro que é mal ganho
Água o deu água o levou.

168. Se pensas que eu penso em ti
Penso que pensas mal
Nunca em ti pensei nem penso
Nem penso pensar em tal.

169. Ó desafio, desafio
Comigo ninguém o cante
Eu tenho quem mo ensine
O meu amor é estudante.

170. O Tejo quando vai grande
Passa por debaixo da ponte
Por causa das raparigas
Muitos sapatos se rompem.

171. Anda comigo rosinha
Deixa a tua mãe roseira
Olha que esta noite chove
E rosa molhada não tem cheiro.

172. A roseira da estação
Deita as rosas para a linha
O meu coração não fala
Não fala mas adivinha.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

173. O alecrim da barreira
Encostado deita a chora
Sempre há-de haver quem se meta
Na vida de quem namora.

174. O alecrim da barreira
Encostado deita a flor
Sempre há-de haver quem se meta
Na vida do meu amor.

175. Solteirinha não te cases
Goza da boa vida
Que eu já vi uma casada
Chorava de arrependida.

176. Cravo roxo à janela
É sinal de casamento
Menina recolha o cravo
Pra casar ainda nem tempo.

177. A folha da oliveira
Não é curta nem comprida
Nela se pode escrever
Uma carta a uma amiga.

178. Nas ondas do teu cabelo
Aprendi a navegar
É para que saibas amor
Que há ondas sem ser no mar.

179. Pus-me a contar as estrelas
Só a do norte deixei
Por ser a mais pequenina
Contigo a comparei.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

180. Ó Vila Velha de Ródão
Ao fundo da serra ficas
Não sei como tens criado
Mocidade tão bonita¹⁸.

181. Janelas avarandadas
Mora aqui algum doutor
Mora cá a minha sogra
É a mãe do meu amor.

182. Minha terra é Leiria
Onde se faz o papel
Minha sogra é Maria
Meu amor é Manel.

183. A folha da oliveira
Quando cai no lume estala
Assim é o meu coração
Quando para o teu não fala.

184. A Senhora do Castelo
Está virada para Abrantes
Está dizendo venha, venha
Sou a mãe dos navegantes.

185. Ó Senhora do Castelo
Donde o penedo caiu
Ninguém diga o que não sabe
Nem afirme o que não viu

Quadras (167 a 185) recolhidas junto de Maria José Tomás (Vila Velha de Ródão) em Janeiro de 1984.

¹⁸ Fomos informados de que esta quadra foi cantada pela primeira vez na inauguração do Hospital de Vila Velha de Ródão.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

186. Traz o chapéu à rebimba
Anda todo arreimbado
Tens cara de boa gente
E acções de mal educado.

Quadra (186) recolhida junto de Joaquim Ribeiro Fernando (Vila Velha de Ródão) em Fevereiro de 1984.

187. Ó rapazes do meu tempo
Plantai os olhos em mim
Eu fui o que mais amei
E fui o que mais sofri.

188. No outro lado do Tejo
Nem chove nem cai orvalho
Menina que há-de ser minha
Não me dê tanto trabalho.

189. Três coisas fazem o mundo
E eu tenho bem a certeza
É a gente e a terra
Com a ajuda da natureza.

190. Os padres quando dizem missa
Ao inferno são chamados
Levam os filhos ao colo
E dizem que são afilhados.

Quadras (187 a 190) recolhidas junto de Eusébio Henriques (Gavião de Ródão, VVR) em Fevereiro de 1984.

191. Esta Vila não tem igreja
O povo pouco se importa
A tropa não tem espingarda
E o castelo não tem porta.

Quadra (191) recolhida junto de António S. Pedro Tropa (Vila Ruivas, VVR) em Fevereiro de 1984.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

192. Adeus Vila da Sobreira
Duas coisas te dão graça
É o relógio na torre
E o chafariz na praça.

193. Minha sogra morreu ontem
Enterrei-a no bagaço
Deixei-lhe os braços de fora
Para tocar o palhaço.

194. Ó almas do outro mundo
Se quereis algum socorro
Meu marido está na cama
E esqueci-me de lá por o corno¹⁹.

195. Adeus montes da Senhora
Minha linda freguesia
Onde fui baptizado
Naquela sagrada pia.

Quadras (192 a 195) recolhidas junto de José Henriques (Rabacinas, PN) em Fevereiro de 1984.

196. Eu moro nas Pesqueiras
Sou filho de pescadores
Vamos ver se tenho jeito
Para pescar o meu amor.

197. Porto do Tejo
És linda terra
Melhor cartaz
Que o mundo encerra.

Quadras (196 e 197) recolhidas junto de José Manuel S. Aparício (Vila Velha de Ródão) em Fevereiro de 1984.

¹⁹ Esta quadra faz parte de uma história de adultério. Ver conto n.º 35 in Contos Populares dos Cortelhães e Plingacheiros, de F. Henriques e J. Caninas, Preservação, n.º9, 1988.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

198. Debaixo da água há lodo
Debaixo do lodo há areia
Debaixo dum amizade
É que o amor se falseia.

199. Cabelo preto às ondas
Penteado ao deserto
Sobrancelhas ramalhudas
Olhinhos por quem m'eu perco.

200. Da minha janela à tua
É o salto de uma cobra
Quem me dera já chamar
À tua mãe minha sogra.

201. O teu cabelo faz ondas
O teu cabelo é mar
Nas ondas do teu cabelo
Me hei-de deitar à afogar.

202. Minha sogra tem mau gosto
Gosta da cor amarela
Ela não gosta de mim
Gosto eu do filho dela.

203. Muito brilha o cor-de-rosa
Ao pé do branco lavado
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

204. Violeta azul escuro
Quem me dera a tua cor
Para desfazer em tinta
Para escrever ao meu amor.

205. O cravo tem vinte folhas
E a rosa vinte e uma
Anda o cravo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

- | | | | |
|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 206. | Deitada na minha cama
Uma carta tua li
Olhei de letra em letra
A chorar me adormeci. | 210. | Deitei um limão correndo
À tua porta parou
Quando o limão te quer bem
Fará quem o deitou. |
| 207. | Daqui para a minha terra
Tudo é caminho chão
Tudo são cravos e rosas
Plantados por minhas mãos. | 211. | Tenho à minha janela
O que tu não tens à tua
Um vaso com manjericos
Que dá cheiro a toda a rua. |
| 208. | Chamaste ao meu cabelo
Canavial de Viana
Também eu chamei ao teu
Olhinhos de quem ama. | 212. | O Alentejo não tem sombra
Senão a que vem do céu
Senta-te aqui amor
Debaixo do meu chapéu. |
| 209. | Azeitona miudinha
Também vai para o lagar
Também eu sou miudinha
Miudinha no amar. | 213. | Se passares pelo adro
No dia do meu enterro
Pede à terra que não coma
As tranças ao meu cabelo. |

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

214. Se ouvires dizer que eu morro
Tem pena amor considera
Morro por causa de ti
Bem nova me come a terra.

215. No outro lado do Tejo
Tem meu pai um castanheiro
Que dá castanhas em Maio
Cravos roxos em Janeiro.

216. Daqui donde eu estou
Bem vejo cerejas na cerejeira
Também vejo olhinhos lindos
Numa carinha solteira.

217. Já chove já quer chover
Uma água miudinha
Se chover na tua cama
Amor vem ter à minha.

218. Onze horas é meio-dia
Está meu amor a almoçar
Quer me dera ser pombinha
Para o ir à acompanhar.

219. O Tejo quando vai grande
Deixa o junco acamado
O amor que há-de ser meu
Já o tem Deus apalavrado.

220. Ó bela ponte do Tejo
Cercada de lírios brancos
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

221. Ó bela ponte do Tejo
Também a do Açafal
Passa-lhe a estrada por cima
Que atravessa Portugal.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

222. Com um A se escreve amor
Com um R recordação
Com um C se escreve o teu nome
Que trago no coração.

223. Já amei trinta amores
De amores nunca fui pobre
P'ra t'a amar sozinho
Deixei de amar vinte e nove.

224. À tua porta menina
Estão três pedras assentes
Uma é minha outra é tua
Outra é dos padecentes.

225. Trigueirinha é engraçada
Pelo mundo pode andar
A branca desconsolada
Em casa se deixa estar.

226. Quem me dera ser hera
Pela parede a subir
Entrava pela janela
Contigo ia dormir.

227. Julgas que eu te quero
Eu por ti não dou a vida
Eu não sou tão regateiro
Que apanhe a fruta caída.

228. Eu amava-te ó garoto
Se não te foras gabar
Pela língua morre o peixe
Bem te puderas calar.

229. Quem me dera ser cigarro
Na boca de um fumador
Andava sempre brilhante
Na boca do meu amor.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

230. Abaixa-te ó serra alta
Que eu quero ver a Lardosa
Quero ver o meu amor
Que anda na Flor de Rosa.

231. A honra é como o vidro
Ainda é mais delicada
Quem perde, perde tudo
E julga que não perde nada.

232. Ó alto pinheiro, ó alto
No cimo tem cinco pinhas
Quem me dera ser pastor
Dessas cinco meninas.

233. A silva que me prendeu
Foi a silva da praça
Nem foi silva nem foi nada
Foi um ar da sua graça.

234. Eu queria ter uma mãe
Nem que ela fosse silva
Nem que ela me picasse
Sempre era sua filha.

235. Ó alto pinheiro ó alto
Na ponta revira o vento
Só para mim não revira
Amor o teu pensamento.

236. O comboio da Beira Baixa
Tem quarenta janelas
Mais abaixo ou mais acima
Meu amor vai numa delas.

237. O meu amor é António
António da Conceição
Eu hei-de-lhe mudar o nome
De António para João.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

238. Esta rua tem pedrinhas
Esta rua pedras tem
Nesta rua mora gente
Nesta rua mora alguém.

239. Esta terra não tem cravos
Nem janelas para os ter
Uma terra com tanta rosa
Algum cravo há-de ter.

240. Já chove já quer chover
Já correm os barroquinhos
Estão os campos alegres
Já cantam os passarinhos.

241. O sol é que alegre o dia
Se algum desvio não tem
À vista desses teus olhos
Se alegram os meus também.

242. Ó Vila Velha de Ródão
Já cá tens o que querias
Os Bombeiros Voluntários
Coisa que tu não merecias.

243. Eu vou aqui por debaixo
Com o meu chapéu à lagosta
Menina levanta a saia
Qu' o meu touro vai c' a mosca.

244. Mandei fazer um relógio
Das folhinhas do poejo
P' ra contar as horas e minutos
Que a ti não te vejo.

245. A menina que lhe manda o laço
Anda dentro do seu coração
Se não lhe mandasse o laço
Morreria de paixão.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

246. Eu namoro, tu namoras
Nós os dois namoramos
Não sei que namoro é o nosso
Que nunca mais nos ajuntamos.

247. Estava para embarcar
Um pé dentro outro fora
Lembrei-me do meu amor
Mande o barco embora.

248. Subi ao céu por uma linha
Duma nuvem fiz encosto
Dei um beijo numa estrela
Pensei que era o teu rosto.

249. Chamaste aos meus cabelos
Poleiro dos passarinhos
Eu chamo à tua boca
Gaiola dos meus beijinhos.

250. Ó Vila Velha de Ródão
Cercada de margaridas
Sempre foste e hás-de ser
O jardim das raparigas.

251. As penas leva's o vento
Aqueles que leves são
Não há vento que leve
Uma que trago no coração.

252. Camarada, camarada
Camarada, camaradão
Não me chames camarada
Que camarada é ladrão.

253. Foi um dia de chuva
Que me pus a pensar
Que vim a este mundo
Para ti e para te amar.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

254. Te envio esta carta
Com uma recordação
Pois nela digo tudo
O que sinto no coração.

255. Subi ao céu por uma linha
Desci por um diamante
Quem vai ao céu para te ver
Já te tem amor bastante.

256. Não te encostes à barreira
Que a barreira deita pó
Encosta-te a mim menina
Estou sozinho vivo só.

257. Semei no meu quintal
A semente do repolho
Nasceu um velho careca
Com uma batata no olho.

258. Não sei o que estou ouvindo
Lá p'r'ós lados do João
Cantiga tão bem cantada
Da raiz do coração.

259. Não sei o que estou ouvindo
Lá p'r'ós lados do nascente
Cantiga tão bem cantada
Pela boca dum inocente.

Quadras (198 a 259) recolhidas junto de Maria Helena Ribeiro Henriques (Gavião de Ródão, VVR) em 1984 e 1985.

260. Ó Vila Velha de Ródão
Em frente do Gavião
Tu vales muito dinheiro
Porque tens lá a estação.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

- | | | | |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 261. | Castelo de Vide não presta
É terra de Cardadores
Portalegre é mais abaixo
Onde eu tenho os meus amores. | 265. | Ó grande Entroncamento
Ó linha que vais prá Beira
Ó comboio que arrasas tudo
Com tanta gente estrangeira. |
| 262. | Adeus Montes da Senhora
Logo ali à entrada
Está uma roseira branca
Ao pé da tua encarnada. | 266. | Cravo roxo vem de Nisa
Rosas brancas de Alpalhão
Raparigas da Fronteira
Rapazes do Alter do Chão. |
| 263. | Adeus Montes da Senhora
Logo à primeira esquina
Está um tanque de água azul
Cercado de murta fina. | 267. | Ó Senhora d' Alagada
Que estais nos olivais
Guardai a minha azeitona
Não m' a comam os pardais. |
| 264. | Adeus Montes de Senhora
Cercada de pinheirais
Há lá rapazes bonitos
Raparigas muito mais. | 268. | Eu não quero nem brincando
Dizer adeus a ninguém
Quem parte leva saudades
Quem fica saudades tem. |

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

269. Era já noite cerrada
Dizia a filhinha à mãe
Debaixo daquela latada
Passava-se a noite bem.

270. Moras detrás da igreja
Comes em prato de vidro
Antes que queira não posso
Tirar de ti o sentido.

271. Chapéu preto desabado
Faz figura de ladrão
Já te fui encontrar
A roubar meu coração.

272. Olhos verde cor de esperança
Inconstantes cor de mar
Sou criança bem o sei
Sou criança em te amar.

273. Casada nunca eu fora
Solteira trinta mil anos
Casada cheia de filhos
Solteira cheia de enganos.

274. À minha porta faz lama
À tua faz um lamaceiro
Não digas mal de mim
Sem para ti olhares primeiro.

275. O que não dizem os lábios
Dizem os olhos chorando
Os olhos mentem chorando
Os lábios mentem falando.

276. Eu contei às avessas
As pedras de uma coluna
Nove, oito, seis, cinco
Quatro, três, dois, uma.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

277. Vivo como posso
Ao sol e ao frio
A roer num osso
Como um cão vadio.

Quadras (260 a 277) recolhidas junto de Maria da Conceição Ribeiro (Montes da Senhora, PN) em 1984.

278. Parabéns à tua saia nova
Que aqui vens estrear
Eu não sou pardal de telhado
Que caio na ratoeira que andas a armar.

279. Havides m' o ter dito
Para eu estar informado
Qu' eu armava-lhe um galriço
Já a tinha apanhado.

280. Ó Ana vem cá abaixo
Ó ama eu já lá vou
A ama quer conversa
Eu conversa não lha dou.

281. O país está muito mal
Mas pior p'r'ós inocentes
Já não se pode beber leite
Porque as vacas estão doentes.

282. O meu amor é moleiro
Faz a farinha macia
Onde passa o tempo dele
É da Grila p'r'á Baixia.

283. O anel que tu me deste
Quinta – Feira da Trindade
Fica-me largo no dedo
Apertado na amizade.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

284. Passarinhos da ribeira
Eu também sou vosso irmão
Trazeis as penas nas asas
Eu trago-as no coração.

285. Ó Vila Velha de Ródão
Já lá tem o que queria
A Guarda Republicana
Coisa que ela não merecia.

286. Pois sim António eu vou
Espera aí um bocadinho
Vou ali à minha sala
Buscar-te um copo de vinho.

287. Menina das sete saias
Todas elas de veludo
Debaixo das sete saias
Está um bicho cabeludo.

Quadras (278 a 287) recolhidas junto de Guilhermino Pires Nogueira (Gavião de Ródão, VVR) em Fevereiro 1984.

288. Chamaste-me trigueirinha
Isto é do pó da eira
Lá me verás ao Domingo
Como as rosas na roseira.

289. Ó lua que vais tão alta
Vai dizer à minha amada
Que eu lhe passei à porta
Ao romper da madrugada.

290. Hei-de casar este ano
Que é ano de muito milho
Minha sogra dá-me um moio
Mais o paspalhão do filho.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

291. Mal me quer, bem me quer
Tenho eu no meu jardim
O bem me quer acabou
O mal me quer não tem fim.

292. Namorei-me da bonita
Da bonita sem fazenda
Agora morro à fome
A bonita não m' a lembra.

293. Quando eu aqui cheguei
E não vi o meu amor
Logo o meu coração disse
Ó que baile sem valor.

294. O meu amor na veia d' água
Leva a vida mal segura
Leva os olhos na mortalha
E o corpo na sepultura.

295. Casada não sou casada
Não sei se me casarei
Minha palavra está dada
Não sei se a cumprirei.

296. Quando eu era pequenina
Usava fitas e laços
Agora que estou casada
Uso os meus filhos nos braços.

297. Meu amor não quer qu' eu use
Lenço de lã à semana
Só ele é que quer usar
Gravata à republicana.

298. Quando eu era pequenina
Usava fitas aos molhos
Agora que estou casada
Uso lágrimas nos olhos.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

299. A oliveira da serra
Do vento é combatida
É como a moça bonita
De amores é perseguida.

300. A silva que me prendeu
Foi a da Quelha da Fonte
Silva verde não me prendas
Que o meu amor está defronte.

301. A minha mãe p' ra me casar
Prometeu-me tudo quanto tinha
No fim de me ver casada
Deu-me uma agulha sem linha.

Quadras (288 a 301) recolhidas junto de Adelina Pires Cunha (Gavião de Ródão, VVR) em Março 1984.

302. Esta noite qu' há-de vir
Forim os ladrões ó monte
Roubaram o qu'eu nom tinha
E lançaram o fogo à fonte.

Quadra (302) recolhida junto de João Pereira Eduardo (São José das Matas, M) em Março 1989.

303. Castelo Branco se queixa
Que não tem moças formosas
Vinde à aldeia de Perais
Qu' inté as silvas dão rosas.

Quadra (303) recolhida junto de Balbina Castelo Pires (Perais, VR) em Março 1986.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

304. As oliveiras de Vila Velha
Ao longe são olivais
Adeus Vila Velha de Ródão
Adeus para nunca mais.

305. O rouxinol quando canta
Revolve a pena com o bico
Encosta-se à mangerona
A dar combate ao manjerico.

306. Não há cravo como o branco
Que até no cheiro é doce
Nem amor como o primeiro
Se ele acabado não fosse.

307. A história do meu avô
Era uma cantiga dele
Eu tenho ameixas padocas
Detrás do meu bardo às cambalhotas.

308. Cantei uma, cantei duas
Com esta já são três
Cante lá ó rico primo
Qu' é agora a tua vez.

309. Quando a minha avó nasceu
Foi a minha mãe baptizada
Era no tempo das uvas
Estava eu alembrada.

310. O rouxinol canta de noite
De manhã a cotovia
Todos cantam só eu choro
Toda a noite e todo o dia.

311. Minha mãe p' ra me casar
Prometeu-me três ovelhas
Uma é coxa, outra é cega
Outra é musga das orelhas.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

312. Chove água miudinha
Por cima do arvoredado
Meninas como tu
Nunca me meteram medo.

313. O meu amor me deixou
Por eu ter a saia rota
Anda cá filho da puta
Que eu em casa tenho outra.

314. Azeitona vermelhinha
Também vai para o lagar
Todos falam aos seus amores
Só eu não tenho vagar.

315. Eu bem sei que sabes sabes
Eu bem sei que sabes bem
Eu bem sei que sabes dar
O valor a quem o tem.

316. Grande árvore é o sobreiro
Como não há outra igual
Deixam grande rendimento
À nação de Portugal.

317. Ó eterna saudade
Onde a miséria me tem
Grito ninguém m' acode
Olho não vejo ninguém.

318. Quem me dera encontrar-te
Num caminho bem comprido
Era para te procurar amor
O que terminas comigo.

319. Ó minha mãe, minha mãe
Não me chame sua filhinha
Eu sou uma desgraçada
Que nasci p' r' á triste vida.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

320. Ó minha mãe dos trabalhos
Para quem trabalho eu
Trabalho mato o meu corpo
Não tenho nada de meu.

Quadras (304 a 320) recolhidas junto de Maria da Piedade Bispa (Gavião de Ródão, VVR) em Março de 1984.

321. Dias de Maio
Dias de amargura
Mal amanhece
É logo noite escura²⁰.

Quadra (321) recolhida junto de Benvinda Rosa (Vila Velha de Ródão) em Setembro de 1983.

322. As meninas de agora
Não sabem como hão-de estar
Ainda mal estão sentadas
Já estão com os joelhos no ar.

323. Essa casa é bem alta
Forrada de erva moura
Quem lá vive dentro
É o cravo mais a papoila.

324. O cuco quando canta
Na rabiça do arado
As raparigas de agora
Andam com o fogo no rabo.

325. A luz daquela candeia
Tem mil cravos no morrão
Eu tenho mais de mil
Penas no coração.

²⁰ Da quadra a que se refere esta nota contam o seguinte: logo pela manhã uma rapariga que vinha da fonte com um asado à cabeça, encontrou o seu namorado que ia para os trabalhos agrícolas, com uma charrua às costas. Começaram a falar sem qualquer deles apear a talha ou a charrua. Ao anoitecer surgiu esta quadra que exprime o desagrado pela “pequenez” do dia.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

326. A rola se foi queixar
Que lhe tiraram o ninho
Não o fizeras tu rola
Tão à beira do caminho.

327. Não passes à minha porta
Que me rompes a calçada
Tu de mim gostas pouco
E eu de ti não gosto nada.

328. Da minha casa à tua
É uma estrada seguida
Do meu coração ao teu
É uma vida comprida.

329. Fui à Espanha, sou espanhol
Fui a França, sou francês
Fui a Inglaterra, sou inglês
Agora sou português.

330. Ó minha pombinha branca
Já num vais bóer à vala
Por causa de ti pombinha
Já meu amor não me fala.

331. És branca como a cebola
Corada como a romeira
Estás apalpada de todos
Com' o figo da figueira.

332. Debaixo da saudade
Nem chove nem cai maresia
Já falei a verdade
A quem tanto mintia.

Quadras (322 a 332) recolhidas junto de António Dias (Perais, VVR) em Agosto de 1983.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

333. Dentro desta carta
Vai alfazema e mangerico
Vai com soledades
Qu' eu com soledades cá fico.

334. Adeus que me despeço
Adeus quero-me despedir
Adeus que me vou embora
Adeus que me quero ir.

335. Dentro desta carta
Vai raminho de laranjeira
Desculpa ir mal notada
Para amor é a primeira.

336. Ceifei pão no Alentejo
À sombra de uma donzela
Deitei cravos no montulho
Rosas brancas na gabela.

337. Adeus que me vou embora
Adeus que me vou partir
Dá-me os teus braços
Que me quero despedir.

338. Ó alto pinheiro, ò alto
Quem te há-de colher a rama
Há-se ser uma menina
Chamada Maria Ana.

Quadras (333 a 338) recolhidas junto de Teresa Cardoso Henriques (Rabacinas, PN) em Março de 1986.

339. No outro lado do Tejo
Tenho eu os meus marmelos
Se o barqueiro não me passa
Lá me caem de amarelos.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

340. No outro lado do Tejo
Tenho eu os meus abrunhos
Se o barqueiro não me passa
Lá me caem de maduros.

341. No outro lado do Tejo
Tenho eu os meus feijões
Se o barqueiro não me passa
Lá me comem os alantejões.

Quadras (339 a 340) recolhidas junto de Manuel Dias (Vale do Cobreão, VVR) em Março de 1986.

342. Canto cantigas de amor
Não é por eu namorar
Todas falam de amor
Eu alguma hei-de cantar.

343. Subi ao alto loureiro
Cortei-o de nó a nó
Tu falas para quem queres
Eu falo para ti só.

344. Andas abaixo e acima
Como retrós na balança
Enquanto não fores minha
Meu coração não descansa.

345. Olha as armas que tu trazes
É o fuso mais a roca
Se brincas com os rapazes
Desfazem-te a maçaroca.

346. Eu hei-de te amar, amar
Há-de ser um dia, um dia
Quando eu tiver vagar, vagar
Linda rosa de Alexandria.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

347. Ó meu amor dá-me um sim
Senão dá-me um desengano
Que eu quero desenganar
Outros amores que eu amo.

348. O amor e o dinheiro
Não podem andar encobertos
O dinheiro é chocalheiro
E o amor desinquieta.

349. O Sete-Estrela vai alto
Mais alto vai o luar
Mais alto vai a aventura
Que Deus tem para nos dar.

350. Passarinhos que passais
Dai-me novas de um ausente
Se o virdes podeis dizer-lhe
Que o amo eternamente.

351. Amarelo, amarelo
Amarelo é linda cor
Quem se veste de amarelo
Ainda espera outro amor.

352. Eu sou o Manel Cantigas
Eu sou o cantigas Manel
Eu de um pau faço cantigas
As cartas são de papel.

353. Manjerico orvalhado
Deitado às camadinhas
Se eu soubesse quem tu eras
Não ouvias falas minhas.

354. A camélia vaidosa
Movida pelos ciúmes
Vai pedir à linda rosa
Que te dê os seus perfumes.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

355. Felicidade encontrada
Vela de noite na mão
Basta um ventinho de nada
E estamos na escuridão.

356. Voa papel voa
No ar faz estrelação
Vai-me levar esta carta
Ao meu amor que é João.

357. Abre-te janela densa
Retira-te tranca de vidro
Revolve o teu coração
Que o meu está revolvido.

358. O amor da azeitona
É como o da cotovia
Acaba-se a azeitona
Fica-te com Deus Maria.

359. Quando eu nasci chorava
Com pena de ter nascido
Eu parece que adivinhava
Que estava o mundo perdido.

360. Quando a lua vai mais alta
É maior a claridade
Tal qual a tua falta
Me aumenta a saudade.

361. Esta carta foi escrita
Junto de um ramo de goivos
Diz-me lá ó meu amor
Quando havemos de ser noivos.

362. O sol é que alegre o dia
Pela manhã quando nasce
Eu não sei o que seria
Se o sol um dia faltasse.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

363. Algun tempo era eu
 No teu prato a melhor sopa
 Agora sou o veneno
 Que caio na tua boca.

364. Eu suspiro para te ver
 Quero-te amar sou diligente
 Diz-me amor se pode ser
 Aquilo que foi antigamente.

365. A tinta com que escrevo
 Tenho-a na palma da mão
 O papel tiro-o do peito
 A tinta do coração.

366. Os meus olhos sabem ver
 Olhos bonitos são os teus
 Se não fossem os teus olhos
 Não se perdiam os meus.

367. O coração de uma pomba
 É maior que o d' um pardal
 Também o dia do Entrudo
 É maior que o do Carnaval.

368. Altas torres tem teu peito
 Nas mais altas já m' eu vi
 Já caim delas abaixo
 Não sei como não morri.

369. Dizem qu' a folha do trigo
 É mais larga que a da cevada
 Também a minha amizade
 Ao pé da tua é dobrada.

370. Ó lua que vais tão alta
 Alumia cá p' ra baixo
 O meu amor é pequenino
 Às escuras não o acho.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

371. Ao fechar esta carta
Fechei o meu coração
São tantas as saudades
Como de letras aí vão.
372. Tenho dentro do meu peito
Um cravo roxo e dourado
Cercado de águas tristes
Que eu por ti tenho chorado.
373. Tenho dentro do meu peito
Um relógio a trabalhar
Trabalhar com todo o jeito
Sem ninguém corda lhe dar.
374. Ó coração retraído
Ó cara cheia de enganos
Foi a paga que me deste
Por ter-te amado tantos anos.
375. Se os meus dedos fossem fitas
Minhas mãos formassem laços
Que linda prisão tu tinhas
Meu amor nestes meus braços.
376. Se me tornares a deixar
Para mim é um tormento
Passo horas esquecidas
Contigo no pensamento.
377. Os dedos das minhas mãos
São cinco espigas de trigo
Gosto de ti é verdade
Na tua cara t' o digo.
378. Daqui para a minha terra
São duzentos portelinhos
De portela em portela
Deixo saudades minhas.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

379. Não sei ler nem escrever
Nem aprendi com ninguém
Trago escrito no sentido
O que à memória me vem.

380. Ó meu amor se tu queres
Toda a vida viver bem
Hás-de ouvir e calar
Não digas mal de ninguém.

381. Quando abalei de casa
Aos meus pais pedi a bênção
Agora para cantar
Aos senhores peço licença.

382. Meu amor se tu queres
Que minha mãe seja tua
Dá passadas perde tempo
Ó meu amor continua.

383. Algum dia era eu
Raminho na tua mão
Agora sou vassoura
Com que varres o chão.

384. Pedra que muito rebola
Nunca procura assento
Rapaz que muito namora
Não assenta o pensamento.

385. Eu hei-de amar uma pedra
Deixar o teu coração
Uma pedra não me deixa
Tu deixas-me sem razão.

386. Onde foste tu à missa
Neste domingo passado
Que eu não te vi na igreja
No teu lugar acostumado.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

387. Azeitona já está preta
Já recebeu as três cores
Já foi branca e vermelhinha
Agora é rei dos amores.

388. Meu amor está de luto
Que não o sabe ninguém
Tenho penas encobertas
Causadas por ti meu bem.

389. Eu troquei meus olhos pretos
Pelos teus acastanhados
Agora todos me chamam
Amor de olhos trocados.

390. Se o dinheiro se trocasse
Por uma amizade real
Eu era a primeira a trocar
Cá dentro de Portugal.

391. Os meus olhos é que são
A causa de eu te querer tão bem
Quando estão ao pé dos teus
Não olham para mais ninguém.

392. Ó laranja, ó tangerina
Tens a semente no gomo
A tua gente imagina
Que eu com os olhos te como.

393. Ó acipreste dos vales
Retiro dos passarinhos
Retirada ando eu
Meu amor dos teus carinhos.

394. Deixas-te estar o caicho das uvas
Lá na parreira pendendo
Deixa-te estar amor firme
Lá no termo dos Envendos.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

395. Dizes que eu não sei contar
Eu também digo que não
Quem aprende sabe ler
Eu nunca fui à lição.

396. De todas as flores do campo
O rosmaninho é rei
Eu gosto tanto de ti
E tu de mim não sei.

397. Amar-te não é só isso
Tenho mais que me embarasse
Há muito tempo que eu era tua
Se eu sozinha governasse.

398. Cansa a cabra, cansa a cobra
E torne o peixe a nadar
Tudo cansa neste mundo
Só eu não canso de te amar.

399. O meu amor coitadinho
Já lá leva o desengano
O meu pai não pode fazer
Dois casamentos num ano.

400. Anda por aí à toa
Liga a todos e a ninguém
Logo na hora perdoa
E até magoa quem lhe quer bem.

401. Mata-me que eu morrer quero
Na ponta da tua lança
Não achas amor mais firme
Apesar de eu ser criança.

402. O meu amor disse à mãe
Que havia de me deixar
Agora deixei-o eu
Vai-se ele agora gabar.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

403. Não te ponhas em alturas
Olha que podes cair
Eu já vi um homem rico
Pelas portas a pedir.

404. Não te ponhas em alturas
Podes crer que és mulher
Se eu te armar um laço
Cais como outra qualquer.

405. Vamos ali para o alto
Que eu do alto vejo bem
Quero ver o meu amor
Se ele fala com alguém.

406. Onde estará quem me quer
Quem me quer onde estará
Que será da minha vida
Da minha vida o que será.

407. Ó meu amor de tão longe
Tira um dia vem-me ver
Cartas não valem nada
Para mim que não sei ler.

408. Quero muito à minha sogra
Ela é muito asseada
Ela trás o meu amor
De camisinha engomada.

409. Amores são alcatruzes
Uns de folha outros de lata
Uns que vêm outros que vão
São a coisa mais barata.

410. A salsa da minha horta
Tem a folha retorcida
Retorcida fora a língua
De quem fala na minha vida.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

411. As vozes da minha harmónica
São de pau de laranjeira
Quanto mais toca mais retine
Quanto mais retine mais cheira.

412. Eu hei-de-me ir e deixar-te
Como a água deixa a fonte
Só para te ver chorar
Lágrimas de mar a monte.

413. O meu amor me deixou
Para ver o que eu fazia
Julgava que eu que chorava
E eu canto com alegria.

414. Voando apanhei um dia
Uma borboleta na mão
Apanhei o teu sentido
A roubar meu coração.

415. Tenho um saco de cantigas
E uma cesta pelo arco
Pus-me a cantar as da cesta
P' ra não desatar o saco.

416. Por cima se ceifa o pão
Por baixo fica o restolho
Menina não se namora
Com rapaz que empisca o olho.

417. A Senhora do Castelo
Está virada ao Conhal
Quem lá passa e não reza
Faz um pecado mortal.

418. A água corre ao abaixo
Ao cima não tem corrente
Meu amor está zangado
Eu também não estou contente.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

419. Meu amor é baixinho
Eu alta também não sou
É o par mais azadinho
Que Deus ao mundo deitou.

420. O loureiro por vingança
Deus lhe deu a baga preta
A quem prometo não falto
Pede a Deus que eu prometa.

421. Ó Júlia já te casaste
Já o laço te apanhou
Queira Deus que sempre digas
Se bem estava, melhor estou.

422. Cachopas cantai bailai
Deixai o que assim não é
Que as que não cantam nem bailam
Também lhes escorrega o pé.

423. Vai-te embora mas não julgues
Que me tornas a lembrar
Em mais momento nenhum
Me tornes a procurar.

424. Ó rapazes tomai juízo
Que o machado vai na mão
O que não serve para a madeira
É desfeito em carvão.

425. Amores do Outro Lado
Não os quero nem de graça
A desculpa que eles dão
É que a ribeira não se passa.

426. Rapazes quando eu morrer
Fazei-me um enterro à rica
Deixai-me o cú de fora
P' ra cagar p' ra quem cá fica.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

427. Ó meu lencinho da mão
Não percas a tua cor
Que foste a primeira prenda
Que me deu o meu amor.

428. Quero-te bem às mãos cheias
Tenho-te amizade aos molhos
Que linda prisão tu tinhas
Meu amor nestes meus olhos.

429. Eu hei-de-te amar aos meses
P' ra não andar às semanas
Eu hei-de dormir contigo
P' ra não fazer duas camas.

430. Está o céu enevoadado
Azado p' ra chover
As nuvens p' r' á deitar
E o chão p' r' á receber.

431. Quatro castanhas assadas
Quatro pingas de água pé
Quatro beijos de uma moça
Fazem um rapaz andar em pé.

432. Ó candeia não te apagues
Que hás-de ir ao juramento
À luz daquela candeia
Se fez o meu casamento.

433. Vou-me embora, vou-me embora
Vou-me embora, não vou não
Antes que eu me vou embora
Cá fica o meu coração.

434. Quatro castanhas assadas
Cozidas são beldroegas
A ti morde-te o lombo
Eu cá te tiro as cócegas.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

435. Eu venho aqui de tão longe
À fama deste barulho
Julgava que era bolota
E saiu-me cascabulho.

436. Passei hoje à tua porta
Cheirou-me a bacalhau cru
Espreitei pela fechadura
Estavas tu a lavar o cú.

437. Eu gosto de ver chover
Mas não hei-de andar à chuva
Eu gosto de amar e crer
Os filhos de uma viúva.

438. Eu hei-de ir à tona d' água
Até chegar ao Brasil
Quem por mim perdeu o sono
Agora pode dormir.

439. À sombra do teu chapéu
Aprendi a namorar
É para que saibas amor
Que há ondas sem ser no mar.

440. Bailo saias, canto saias
As saias acerto dançando
Muito gosto eu de saias
Indo o meu par acertando.

441. Menina não se admire
Do meu gato fazer renda
Eu já vi uma galinha
De caixeira numa venda.

442. Eu gosto de ver dançar
Moças de saia rasteira
Batem o pé em terra firme
Não a alevanta a poeira.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

443. A alegria de uma horta
É ter uma laranjeira
Alegria de uma mãe
É ter uma filha solteira.

444. Esta noite chove chove
Água notada aos pinguinhos
Vem o noivo leva a noiva
Aos abraços e beijinhos.

445. Namorei uma menina
Com a tenção de a deixar
Ela deixou-me primeiro
É o muito adivinhar.

446. Portalegre tão alegre
Cidade de Elvas tão triste
Como é que hei-de andar alegre
Se o meu amor não existe.

447. Cantar e ouvir cantar
Dar ouvidos bem parece
Quem chora de ouvir cantar
Cada vez mais entristece.

448. A ribeira da Ocesa
Todo o ano tem verdura
Estes rapazes de agora
Trazem cabaças à cintura.

Quadras (342 a 448) recolhidas junto de Maria Júlia Matos, Joaquim Martins e Maria Albertina Matos M. Tavares (Palhota, PN) em 1986.

449. És c' mó pau d' ameixoeira
És muito impertinente
As coisas num se querem à força
Quer-se só à boamente.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

450. Ai, ai deixa-me rir
Da boneca enfeitada
Se não fossemos a rir
Não valias uma apitada.

451. Há tantos navios no mar
Qu' eu corro de ponta a ponta
Esses teus olhos menina
Já correm por minha conta.

Quadras (449 a 451) recolhidas junto de Joaquina Dias Rosa (Bairrada, PN) em Junho de 1984.

452. O Sete – Estrelo vai alto
Vai tão alto como a lua
Vai deitando clareza
P' r' ás meninas desta rua.

Quadra (452) recolhida junto de Manuel Ribeiro Santo (Vale do Cobrão, VVR) em Março de 1986.

453. Ó minha pombinha branca
Com asas de Primavera
Eu desejava saber
O teu sentido qual era.

454. Daqui p' r' á minha terra
São trinta léguas talvez mais
Caminho tão seguido
Tão seguido dos meus ais.

455. Vou começar a cantar
Para não ficar em branco
Pertença a Vila Velha
Distrito de Castelo Branco.

Quadras (453 a 455) recolhidas junto de Tomás Pires Ribeiro (Vale do Cobrão, VVR) em Março de 1986.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

456. A violeta nascida
Na borda do cemitério
Eu juro pela minha vida
Que outros amores não tenho.

457. Caçador atira atira
À pomba que anda na eira
Ó ladrão que já mataste
A minha leal companheira.

458. Ó lua qu' lá vás alta
Alumia lá p' r' á guerra
Vê lá se p' r' a lá tens visto
Rapazes da nossa terra.

459. Pus-me a contar as estrelas
Achei duzentas e doze
Com as luzes do teu rosto
São duzentas e quatorze.

460. Adeus campos da Charneca
As costas te vou virando
Haja quem queira apanhar
O ramo qu' eu tou deixando.

461. Minha mãe é minha amiga
E eu sou amiga dela
Minha mãe miga as couves
E eu boto-as p' r' á panela.

462. Num colhas o cacho verde
Na parreira essencial
Num descubras o tê peto
A quem p' ra ti num é lial.

463. Ó folha da parra seca
Anda no mar a nadar
D' antes queria-te muito
Agora quere-te a dobrar.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Quadras (456 a 463) recolhidas junto de Teresa Cardoso Henriques (Vale do Cobrão, VVR) em Março de 1986.

464. Se a morte fosse interesseira
Do pobrezinho que seria
O rico pagava a morte
Porque o pobrezinho morria.
465. Não há nada como a morte
Para cortar a direito
Nem ò rico nem ò pobre
Nenhum guarda respeito.
466. O trevo diz qu' s' atreve
A falar a toda a flor
Eu sou trevo e não m' a' strevo
A falar ò meu amor.
467. Os calos das tuas mãos
São mesmo as tuas medalhas
Se tens uma vida linda
É porque muito trabalhas.
468. Pedi a Deus um conselho
Para encontrar alegria
Deus mostrou-me a terra e disse
Trabalha, semeia e cria.
469. Tens uma casa ao teu dispor
Almoço jantar e ceia
Se quiseres faz pela vida
Não vivas da vida alheia.
470. Ó Portugal, Portugal
Ainda num ficas assim
Quem pudesse ser eterno
Para ver teu triste fim.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

471. Ceifeira que andas à calma
À calma a ceifar o trigo
Ceifai as penas da minha alma
Ceifa-as e leva-as contigo.

473. O Sacadura Cabral
Mais o Gago Coutinho
Foram ambos a passear
Nas asas de um passarinho.

474. Dali do Alentejo
Olhei p' ra trás chorando
Adeus ò meu querido Alentejo
Tão longe me vais ficando.

475. Ó mar que ondas levas
Uma pedrinha de sal
Levaste e num trouxeste
O Sacadura Cabral.

476. Rapazes quando eu morrer
Levai-me devagarinho
À porta do cemitério
Descansai um bocadinho.

477. Tua boca é uma rosa
Teus dentes as folhinhas
As tuas faces mimosas
São duas lembranças minhas.

478. Minha avó morreu ontem
Santo António que a leve
Deixou-me a chave d' adega
Mas o vinho bebeu-o ela.

479. Ò lua que vais tão alta
Numa noite qu' eu num qu' ria
Num viera pelo céu
Uma nuvem qu' ta' encobrirá.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

480. Rainha Santa Isabel
Com quantas virtudes tinha
Ela deixou de ser santa
Mas não deixou de ser rainha.

481. O sol prometeu à lua
Uma fita de mil cores
Quando o sol promete prendas
Fará quem tem amores.

482. Manuel é ramo d' oiro
Cravo da minha varanda
Caixinha dos meus segredos
Onde o meu sentido anda.

483. O pobre pediu ó rico
Um bocadinho de pão
O rico lhe respondeu
Vai trabalhar mandrião.

484. Castelo Branco é cidade
Sarnadas é uma aldeia
Gavião é aldeia
Onde o meu amor passeia.

485. O pobre pediu ao rico
Um chapéu a chorar
Vai-te imbora mandrião
Tens bom lombo p' ra trabalhar.

486. Janela de pau de pinho
Não caíesses tu c' o vento
Por causa de ti janela
Eu num vejo quim lá tá dentro.

487. São João p' ra ver as moças
Fez uma fonte de cortiça
As moças não bebem nela
E São João todo se arriça.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

488. Ó estrelinha do norte
Espera aí qu' eu também vou
Quero ir a visitar
Uma mãe que me criou.

489. São João perdeu a capa
No caminho dos estudos
As moças juntaram-se todas
E vão comprar-lhe uma de veludo.

490. Anda o mundo às avessas
Na maior galantaria
Quem há-de valer num vale
Quim num vale, tem valia.

491. Maria tu és lima
O teu pai é o limão
Tua mãe é a laranja
Que bonita geração.

492. Eu não namoro o teu ouro
Nem os brincos das orelhas
Só namoro esses teus olhos
Por baixo das sobrancelhas.

493. Menina que passa a vida
Sentadinha a escrever
Eu venho pedir-lhe um favor
Que gostava de saber.

494. Minha sogra disse que tinha
Um cravo para me dar
Se ela não me der o filho
O cravo pode arrecadar.

495. Se no Domingo fores à missa
Põe-te em sítio que eu te veja
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

496. Quando eu entro na igreja
E não te ouço a cantar
Coro logo como a cereja
E ponho-me logo a cismar.

497. O sol quando nasce inclina
Na pedra do meu anel
Também eu hei-de inclinar
Nos teus olhos Manuel.

498. Cada vez de ti mais gosto
Pelo teu desembaraço
Eu nunca disse a ninguém
Coisas que eu para ti faço.

499. Onde eu passei os meus dias
Adeus ó linda varanda
Tens flores que é um amor
Regadas por dona Ana.

500. Cada vez de ti mais gosto
Pelo teu desembaraço
Mas eu nunca fiz a ninguém
A franqueza que te faço.

501. Adeus ó linda varanda
Tens flores que é um amor
Regadas por dona Marida
Senhora de tanto valor.

502. Donde vens ó São João
De manhã pela maresia
Venho de apagar as fogueiras
Do pé da Virgem Maria.

503. Donde vens São João
Tão cedo sem chapéu
Venho de apagar as fogueiras
Que se acenderam no céu.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

504. Não sei se canto se choro
Para aliviar uma pena
Se canto tudo me esqueço
Se choro tudo me lembra.

Quadras (464 a 504) recolhidas junto de Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR) em Março de 1986.

505. Quando eu era galo novo
Pelas frangas era gabado
Agora que estou velho
Cai-me as penas do rabo.

506. Nas ondas do teu cabelo
Aprendi a nadar
Agora que estás careca
Aprendo a patinar.

Quadras (505 e 506) recolhidas junto de Maria dos Santos Belo (Vila Velha de Ródão) em Julho de 1988.

507. Os olhos do meu amor
São duas baguinhas pretas
Namorei-os ao luar
À sombra das violetas.

508. Violeta azul escura
É sinal de amor perdido
Antes que eu queira não posso
Tirar de ti o sentido.

509. Julgar que eu te quero
Tens uma grande ilusão
Hei-de fazer-te andar
Como o passarinho na mão.

510. Ó comboio das onze e meia
Nem para ti posso olhar
Levaste o meu amor
Para a vida militar.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

511. Casa com um coxo
Com um coxo que te ama
Só a gracinha que tem
Ir aos pulinhos p' r' á cama.

512. Vai-te carta, vai-te carta
Por estes ares voando
Vai dizer ao meu amor
Porque eu estou chorando.

513. A oliveira do adro
Está carregada de neve
O ladrão do meu amor
Sabe ler e não escreve.

514. Ó Mártir S. Sebastião
O vosso altar tem fitas
A Nossa Senhor Santana
Manda-vos muitas visitas.

515. Com letrinhas se escreve
O nome que eu mais adoro
Quem souber ler que as leia
Saberá por quem eu choro.

516. Nossa Senhora da Guia
Quem te varreu o terreiro
Foi o rancho de Sarnadas
Com raminho de loureiro.

517. Pus-me a cagar de joelhos
P' ra não borrar o capote
Levantei-me dei três peidos
Vi-me nas ânsias da morte.

518. Os olhos do meu amor
São confeitos não se vendem
São luzes que me alumiam
Candeias de oiro, que me [prendem].

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

519. Senhora do Rosário
Raminho de salsa crua
Atrás da tua capela
Põe-se o sol e nasce a lua.

520. Não canto por bem cantar
Nem por boa fala ter
Canto para quebrar o ódio
A quem não me pode ver.

521. S' eu soubesse que cantando
Alcançava o teu sentido
Mandava fazer umas asas
Das penas que tenho tido.

522. Se canto chamam-me doida
Se sou séria tenho brio
Não sei como hei-de andar
Neste mundo tão vadio.

523. Maria que lindo nome
Eu também quero ser Maria
As Marias são alegres
Eu também quero alegria.

524. Quero cantar e bailar
A tristeza nada tem
Eu nunca vi a tristeza
Dar de comer a ninguém.

525. Quando eu cheguei ao baile
Deitei os olhos p' r' ó meio
Logo o meu coração disse
Meu amor ainda não veio.

526. Quando eu te além vi vir
Tua boquinha a falar
Logo o meu coração disse
Além vem quem eu hei-de amar.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

527. Viva quem agora veio
Mais quem agora chegou
Estava para me ir embora
Agora já não me vou.

528. Ó meu Menino Jesus
Descalinho pelo chão
Meti os vossos pezinhos
Dentro do meu coração.

529. Ó meu Menino Jesus
Ó meu Menino tão belo
Que vieste nascer
Na noite do caramelo.

530. De quem são as camisinhas
Que se estão a lavar no rio
São do Menino Jesus
Que nasceu com tanto frio.

531. Entrai pastores entrai
Por este portal adentro
Venham a ver o Deus Menino
No seu lindo nascimento.

532. O São João adormeceu
Ao colo de sua tia
Acorda, João, acorda
Que amanhã é o teu dia.

533. Se fores ao São João
Traz-me um São Joãozinho
Se não puderes com um grande
Traz-me um mais pequenino.

534. São João para ver as moças
Fez uma fonte de prata
As velhas vão lá beber
São João todo se mata.

Quadras (507 a 534) recolhidos junto de Maria Alice Gonçalves Duque (Sarnadas de Ródão, VVR) em Março de 1990.

As quadras 528, 529, 530 e 531 eram cantadas na época natalícia.

As quadras 532, 533 e 534 eram cantadas junto das fogueiras de S. João.

Parte II. Estrofes diversas

535. Frei João é brigela
 D' onde s'avista Mação
 Frei João é brigela
 No meio tem um chorão
 Também tem uma portela
 D' onde s' avista Mação
 Ameixeira é soalheirinha
 Soalheirinha do sol nado
 Alar por ser pequenino
 Também está a nosso lado
 Sanguinheira é liberta
 No cimo tem uma ermida
 Também se faz uma festa
 À santinha Margarida
 A Capela é regalada
 Coisa melhor num pode haver

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Mesmo às ruas abaixo
Tem as fontes a correr
Pracana Cimeira é valente
A Fundeira é valentona
Todos sabem de certo
Casal d' Eira mangerona
Povo de Pereiro é l' berto
Parece uma capital
Todos o sabem de certo
Qu' a Feiteira é igual
A Galega é uma rosa
Fechadinha na roseira
Também é peganhosa
Vai pegar com a Junqueira
A Cobrada é traseira
Vai brigar com Vale Priendes
A mais assoalhada é a Eira
S. Tiago é rabeco
Todo se forma em cantinhos

Vale da Casa é tareco
Pode ouvir tocar o sino
Os Golados degradados
Degradados ó vento norte
Todos sabem decerto
Carvoeiro é praça forte
Carvoeiro é praça forte
Encostada lado a lado
Todos sabem decerto
Carvoeiro é praça forte
Carvoeiro é praça forte
Encostado lado a lado
Todos sabem decerto
Carvoeiro está fechado
Coradas novas coradas
A faca contra limão
.....
Foi o rapaz de frei João.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

536. Povos da Freguesia dos Envendos

Vale da Mua está sozinho

Mete guerra ó Vale Grou

Vilar da Lapa está mais perto

Sanguinheira reparou

Nisto foi tomar conselho

Foi brincar c' o Vale Coelho

E logo os separou

Vale de Junco coitadinho

Nisto foi tomar sentido

Por ser o mais pequenino

Deu-se logo por convencido

Afossada é fortaleza

O Carrascal valentão

Vale da Gama é nobreza

Zimbreira é braço

Cumeada é felizona

Teatro de balancé

Onde se vai domingos à missa

À capela de S. José

Santo Aleixo é regalia

Por ter água melhor

O Tejo é Rei Formão

E Oliveirinha girassol

A Ferrenha é jardim

Tem flores para dispor

Monte Novo é salgueirinho

E Montargil é traidor

Mata Cimeira é banquete

Montesinho monte real

Alpalhão é traiçoeiro

Dá combate ó Maxial

O Rebique é laranjal

A Zimbreira limoeiro

Oh que prisão tão escura

Faz tremer o munde inteiro

A Ladeira é deserto

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Onde se joga à espada
Envendos praça fechada
Lá está a pia sagrada
Onde fomos batizados
Também 'stá o cemitério
Onde hamos ser enterrados.

Informante: João Pereira Eduarda (S. José das Matas, M), Março 1989.

537. Está Gardete mobilizado
Com as tropas em trincheiras
Dando fogo sem cessar
P' ra bombardear a Silveira.

Da Riscada soam ordens
Do seu quartel general
Já cortaram os telefones
Que falavam p' r' ó Juncal.

O Vermum está na rotunda
Prevenidos bem a tempo
Dando fogo sem cessar
Com granadas de vento.

A Carepa de prevenção
Também entra no barulho
Dando fogo sem cessar
Com granadas de tartulhos.

Lá está o Vale da Bezerra
Grupo de revoltosos
Não se querem entregar
Com certeza que estão teimosos.

Mais acima o Peroledo
Forma um ponto só
É o Chita e o Raposo
O Figuêra e o Manel d' Avó.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Mais acima o Vilar de Boi
Terra de gente guerreira
Já estão ameaçados
Pelo povo do Vale da Figueira.

A tropa no Perdigão
E a guerra no Marmelal
A paz está no Montinho
Não pode haver grande mal.

Lá está o Montinho
Com a sua marinha de guerra
Puseram-nos fora do ninho
Puseram as armas em terra.

538.

Vila Velha de Ródão
Vila Velha de Ródão
Nem putas se lá acabam
Nem padres se lá formarão.

Peixeiros no Porto do Tejo
Cambranistas na Vila
Morgados no Gavião
Sardinheiros na Tavila²¹

Um pouco mais acima
São os morgados do Gavião
Sardinheiros da Tavila
Lavradores do Vale do Cobrão.

Informantes: António S. Pedro Tropa e Agostinho Agostinho (Vila Ruivas, VVR), Fevereiro de 1984.

²¹ Esta canção foi cantada pelas crianças da escola por volta do ano de 1941, durante uma festa da escola primária da aldeia.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Mais abaixo é a Foz
Onde está o serralheiro
Fizeram lá uma fábrica
P' ra ganhar muito dinheiro.

Mais acima o Sobral Fernando
Em frente do Al Mourão
Cultivam lá muito azeite
Mas não cultivam pão.

Rabacinas
Fica na encosta da serra
Só laranjas e pêssegos
Governam a nossa terra.

Mais acima é o Chão de Galego
Terra de muito mouro
Três faltas que lá há
Prata, papel e ouro.

Mais acima é a Catraia
Que fica à beira da estrada
Cultivam lá muito trigo
Mas não cultivam cevada.

Chão Redondo
Fica no meio dos pinhais
Onde vai cantar o cuco
Ao meio dos fetos reais.

Informante: José Henriques (Rabacinas, PN) 1986.

539. Ninguém devia morrer
Sem viajar Portugal
Do que mais gostei de ver
Do que mais gostei de ver
Foi da parte industrial.
Passei ao Monte Cimeiro
Pé da Serra e Vinagra

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Daí passei à Velada
Chão da Velha e Cacheiro
Montes do Duque e Arneiro
Ao Fratel cheguei sem querer
À tarde estava em Belver
Dei a volta pela barragem
Sem fazer esta viagem
Ninguém devia morrer
Vila Velha e Gavião
Tavila e Sarnadinha
Chão das Servas e Rabacinas
Tojeirinha e Tostão
Belos campos de aviação
Encontrei no Cerejal
Já remeda a fundição
Do que mais gostei de ver
Foi da parte industrial
Em Perais e Monte Fidalgo
Também se fazia uma feira

Que um rico da Serrasqueira
Arrasava a feira com gado
Havia outra em Alvaiade
Que era coisa vital
As fábricas do Salgueiral
Já remeda a fundição
Já tenho ouviste falar
Mas não conhecia Atalaia
Que tem uma excelente praia
E um lindo porto de mar
Mas pensões para se jantar
É preciso levar de comer
Se uma pinga quis beber
Tive de Voltar ao Pombalinho
Estradas Feitas de rosmaninho
Do que mais gostei de ver
Foi da parte industrial.

Informante: António S. Pedro Tropa (Vilas Ruivas, VVR), Fevereiro 1984.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

540 Montes da Senhora
Terra de incanto
És o meu berço
Que eu amo tanto.

Montes da Senhora
Incantadora
És consagrada
A Nossa Senhora.

És bem convertida
E benção doutora
Gritamos bem alto
Viva os Montes da Senhora
Viva os Montes da Senhora²².

Informante: Maria do Carmo (Ribeiro), Montes da Senhora (PN), Março de 1986 (cantarolando).

²² Esta canção foi cantada pelas crianças da escola por volta do ano de 1941, durante uma festa da escola primária da aldeia.

541 Adeus ó povo da Foz
Adeus ó povo isolado
Pela subida do cerro
E pela largura da estrada.

Nossa Senhora da Piedade
Nossa Senhora comovente
O seu filho morto ao colo
Mete dó a toda a gente.

Mete dó a toda a gente
É uma natural verdade
Mal empregada senhora
Estar no povo de Alvaiade.

Informante: Manuel Ferreira Morgado (Foz do Cobreão, VVR), 1986.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

542

O Gavião é bonito
E é bonito mete graça
O Gavião é bonito
E é bonito mete graça
Tem uma fonte no meio
Dá de beber a quem passa
Tem uma fonte no meio
Dá de beber a quem passa.

O Gavião é bonito
Ninguém pode dizer que não
Tem uma serra formosa
Para passar férias de Verão.

O Gavião é bonito
Tem laranja e limão
Minha terra é linda
Viva o nosso Gavião.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986.

543

Ró-pó-pó, ró-pó-pó
O Cansado corre em bica
O Cansado corre em bica
E assim dessa maneira
Agora é qu'já tá bem
Porque já tem uma torneira
Ora bola rebolacho
Bola im cima, bola im baixo
Por causa de maior luxo no meio fica o cartuxo
Aí ó ai, esta agora cá me fica
Ó pó, ó pó, o Cansado corre em bica
Aqui já temos as três fontes
Granja, Cansado e Mina.
Nossa água é bem pouca
Nossa água é bem pouca
Mas é pura e cristalina

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Nossa água é bem pouca
Nossa água é bem pouca
Mas é pura e cristalina
Arrebola, arrebolacho
Bola im cima, bola im baixo
Por causa de maior luxo
No meio fica o cartuxo
Aí ó ai, essa agora cá me fica
Ó pó, ó pó, o Cansado corre em bica²³.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

544 Quadras de João Franco

Olha lá, Zé Povinho
Olha lá p'ra quem votas
Se votas pelo franquista
Depressa tens uma albarda às costas.

²³ Versos referentes à cidade de Castelo Branco.

Ó Senhor dos Navegantes
Livrai-nos desta situação
Quartel-general im Abrantes
Liberal consideração.

Minha cadela pariu ontem
Um cão negro outro branco
D. Amélia foi madrinha
Pôs o nome de João Franco.

Olha lá, Zé Povinho
Olha lá p'ra quem votas
Se votas pelo franquista
Depressa tens uma albarda às costas.

João Franco p'ra ser cego
Usa Barreto incarnado
O bigode retorcido

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Um latão atado ao rabo.
Ó Senhor dos Navegantes
Livrai-nos desta situação
Quartel-general im Abrantes
Liberal consideração.

Já não vigora
Ele já fugiu
Olaré pum, pum
Vai para a puta
Que o pariu.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais), Março 1986 (cantarolando).

545 Meu amor se fores a Espanha
 Pum, pum, leva a tesoura
 Pum, pum, leva a tesoura
 Que está lá o Paiva Couceiro
 Pum, pum, a roer palha
 Pum, pum na mangedoura
 Tu és tão linda
 Ó bela aurora
 Olaré pum, pum
 Paiva Couceiro
 Já não vigora

Meu amor se fores para Espanha
Pum, pum, não vais sózinha
Pum, pum, não vais sózinha
Que está lá o Paiva Couceiro
Ele o que come, é pão com sardinha
Tu és tão linda
Ó bela aurora
Olaré pum, pum
Paiva Couceiro
Já não vigora
Já não vigora
Ele já fugiu
Olaré pum, pum

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Vai para a puta
Que o pariu.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

546 A Alemanha disse:
Deus no céu e eu na terra
Eu sou a rainha do mundo
Tenho poder onipotente
A Europa inteira contra mim
Não a temo à minha frente
E para todos combater
Tenho fogo e muita gente.

Depois respondeu-lhe a Bélgica:
Tu queres julgar de mim
Confessa diz a verdade
Sendo eu tão pequenina

Não tens de mim piedade
Mas talvez haja vingança
Para a tua crueldade.

Depois foi a Polónia:
Ó Bélgica minha querida amiga
Eu também estou ao teu lado
A união faz a força
Assim diz o ditado
Eu também por ser pequena
Ela de mim tem zombado.

Eis que a valorosa França
A rainha da civilização
Estou pronta a sacrificar-me
Simplesmente pela razão
E creio que todo o Mundo
Tem a mesma opinião.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

O grande império da Rússia
Também está pelo mesmo lado
Não deixaremos de lutar
Sem ver tudo derrotado
E lutaremos até ao resto
Até haver um só soldado.

Depois foi a Inglaterra:
Ó Rússia minha querida amiga
Eu também ando em guerra
Eu os combaterei no mar
Eu no mar e tu na terra
E o nosso Senhor??
O poder de Inglaterra.

Depois foi Portugal:
Eis aqui quem foi valente
Hoje estou velho e acabado
Eis aqui quem foi valente

Hoje estou velho e acabado
Mas cheguei sempre para a frente
Com o brio de um soldado
E pela honra e dever
Sou um vosso aliado.

Depois a Alemanha:
Ó Áustria querida amiga
És tu que estás ligada a mim
Para melhor os vencermos
Lutaremos até ao fim
E está ali a Turquia
Também nos diz que sim.

Informante: João Pereira Eduardo (São José das Matas, M), Março de 1989 (os versos relativos a Portugal estão cantarolados).

547

Meninas:

Aceitai estas florinhas
Ó virgem pura assunã
Aceitai-as como prendas
Do nosso amor doce e mã.

Mulheres:

Ó Virgem imaculada
Lá impirio lindas flores
Atirai as nossas almas
Às chamas do nosso amor
Às chamas do nosso amor.

Meninas:

Na hora da nossa morte
Inde-nos ó mãe valer
Lembraí então que as florinhas
Que hoje aqui vimos trazer.

Mulheres:

Ó Virgem imaculada
Lá impirio lindas flores
Atirai as nossas almas
Às chamas do nosso amor
Às chamas do nosso amor.

Meninas:

Ditai nos nossos filhos
Meu olhar, olhar de amori
Ditai então as florinhas
De um olhar por cada flor.

Mulheres:

Ó Virgem imaculada
Lá impirio lindas flores
Atirai as nossas almas
Às chamas do nosso amor

Às chamas do nosso amor.²⁴

Informante: Maria do Carmo (Ribeiro). Montes da Senhora (PN),
Dezembro de 1985 (cantarolando).

548 Onde vão as três Marias
 Onde vão as três Marias
 À noite pelo luar
 Vão buscar, ai Jesus Cristo
 Vão buscar, ai Jesus Cristo
 Jesus Cristo vão buscar
 Não o acharam em Vila
 Ai, não o acharam em Vila
 Nem também em mau lugar
 Foram-no achar a Roma
 Ai, foram-no achar a Roma
 Revestido ó altar

²⁴ Em Montes da Senhora era costume cantar o texto mencionado durante o mês de Maio. Geralmente eram apenas duas vozes de criança: mais raramente eram duas vozes de criança no cimo da igreja, duas no meio e duas outras no fundo. Era como que um diálogo entre crianças e mulheres, pertencendo a estas apenas o refrão.

Missa nova quer dizer
Ai, missa nova quer dizer
Missa nova quer cantar
São João ajuda à missa
São João ajuda à missa
São Pedro muda o missal
Deus te salve ó hortelã
Ai, Deus te salve ó hortelã
Qu' andas nas águas do mar
Vistes vós aí passar
Ai, vistes vós aí passar
O meu filho natural
O seu filho aí passou
Ai, o seu filho aí passou
Antes de os galos cantarim
Levava uma cruz ós ombros
Levava uma cruz ós ombros
Que o fazia ajoelhar
Levava outra nos braços

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Para mais pena lhe dar²⁵.

Informantes: Adelina Carmona Pires (Vale do Cobrão, VVR), Março 1986 (cantarolando).

549 Ó bom Jesus do Calvário
Tende lá a cruz d'oliveira
Foste o mais lindo cravo
Que nasceu entre as roseiras.

Vosso nome lindo é
Ai Jesus de Nazaré
Quem o trazer na mimória
Há-de morrer pela fé.

Vossa sagrada cabeça
Tem uma coroa de espinhos
Pelo amor dos meus picados
Passaste tantos martírios.

Vosso sagrado cabelo
Mais fino que um fio d'ouro
Onde ele tem as raízes
Tem minha alma o tisouro.

Os vossos sagrados olhos
Estão inclinados ao chão
Pelo amor dos meus pecados
Passaste tanta paixão.

O vosso sagrado rosto
Cheios de escarros nojentos
Pelo amor dos meus pecados
Passaste tantos tormentos

A vossa sagrada boca
Bebeu fel e amargura
Pelo amor dos meus pecados
Por estes fel de amargura.

²⁵ Cântico de Quaresma, quando se rezava o terço numa casa particular em Vale do Cobrão.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

O vosso sagrado pescoço
Vos ligaram uma corda
Ó meu Deus da minha alma
Senhor da misericórdia.

Misericórdia meu Deus
Misericórdia senhor
Misericórdia vos peço
Deste grande pecador.

Os vossos sagrados braços
Vos pregaram numa cruz
Perdoai os meus pecados
Perdoai-nos bom Jesus.

O vosso sagrado peito
Vos abriram c'uma lança
Minha alma entrai nele
Senhor dê-lhe confiança.

Vossa sagrada cintura
Com uma toalha prendia
Pelo amor dos meus picados
Tiraram a Jesus a vida.

Vossos sagrados joelhos
Todos ensangentados
Perdoai-m'os bom Jesus
Perdoai-m'os meus picados.

Os vossos sagrados pés
Mais alvos que a neve pura
Correram rios de sangue
Pelas ruas d'amargura.

Por hora não digo mais
Não digo mais qu'isto
Queira Deus que nos vejamos
Todos no reino de Cristo.

Estas dores em pretensões
Meu senhor vô-las entrego
Minha alma já é vossa
Meu senhor não vô-la nego
À hora da minha morte
Meu senhor vô-la entrego²⁶.

Informante: Adelina Carmona Pires (Vale do Cobreão, VVR), Março 1986
(cantarolando).

550 Cântico dos Castilhos²⁷

Lá no céu está um Castilho
Pintado à maravilha
Quem o pintou?
Foram os anjos mais a Sagrada Maria

²⁶ Em Vale do Cobreão, esta canção era cantada todos os dias por altura da Quaresma, quando se rezava o terço. Como em Vale do Cobreão não havia capela, os elementos da população reuniam-se à noite, depois da ceia, em casa da informante ou da sua mãe para o rezarem.

²⁷ O Cântico dos Castilhos era usado em S. José das Matas para os mais novos pedirem as Janeiras. Por sua vez, os mais velhos usavam o Cântico dos Reis Magos.

Em portados, em portados
Mil anjos lh'apareciam
Com seu menino em braços
Dando-lhe a mama que queria
Missa nova quero ver
Missa nova quero cantar
São João ajuda à missa
São Pedro muda o missal
Mas que dinheirinho é este
Que aqui veio nascer
São os donos desta casa
Que nos ajudam a viver
Estas casinhas são baixinhas
Forradinhas a papel
Viva a quem nelas exista
E morra quem na mal quiser
Levante-se minha senhora
Do seu rico assento
Venha dar as Janeiras

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Em louvor do sacramento.

Informante: João Pereira Eduardo (S. José das Matas, M), Março 1989
(cantarolando).

551 Pedir para as Almas²⁸

Espírito Santo Rei Divino
Rei Divino Espírito Santo
Vamos cantar para as almas
Vamos pedir para as almas.
Ó almas do purgatório
Que estais esperando pelas nossas orações
Vamos pedir esmola
Que lá temos os nossos pais, nossos avós
Dai esmola se puderdes
Se puderdes dai esmola.

²⁸ Este cântico era usado em S. José das Matas, num único domingo da Quaresma, à noite. Tinha como objectivo angariar géneros alimentícios (azeite, pão, carne) que no final era leiloado e os fundos obtidos destinados ao pagamento de missas de sufrágio. Do grupo de pessoas que ia pela rua, uns cantavam, outros estavam encarregues de pedir e transportar os géneros.

Informante: João Pereira Eduardo (S. José das Matas, M), Março 1989.

552 Bendito e louvado sejas
O Santíssimo Sacramento
Que está no altar
E desciam os anjos
E sobem ó céu
E continuamente os 'stão à'dorar
Adorim os anjos, louvamo-los
O filho da Virgem
Que morreu por nós
S'ele por nós morreu
Por nós morreria
O filho da Virgem
Da Virgem Maria
S'ele por nós morreu
Foi por nosso bem
Louvarmos a glória

Para sempre ámen²⁹.

Informante: Adelina Carmona Pires (Vale do Cobrão, VVR), Março de 1986 (cantarolando).

553

Excelências³⁰

Ó almas benditas

Pedi ao senhor

Que nos leva a glória

Para seu amor

Ó almas, ó almas

Que lá estais esperando

Pelas excelências

Que se estão rezando.

Pela primeira excelência

Ai qu'a Virgem tiver

Ai Senhora da Graça

Que graça nos der

Ó almas, ó almas

Que lá estais impando

Pelas excelências

Que se estão rezando.

Pelas duas excelências

Ai qu'a Virgem tiver

Ai Senhora da Graça

Que graça nos der

Ó almas benditas

Pedi lá também

Que nos leva a glória

Para sempre amém.

Pelas três excelências

Ai qu'a Virgem tiver

²⁹ Cântico da Quaresma.

³⁰ As excelências eram um cântico de Quaresma. Cantavam-se no trabalho e mais frequentemente durante a tarde, pelo seu tamanho. Um participante cantava os quatro primeiros versos de cada oitava, outro cantava os restantes.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ai Senhora da Graça

Que graça nos der

Ó almas benditas

Pedi ao Senhor

Que nos leve a glória

Para seu amor.

Pelas quatro excelências

Ai qu'a Virgem tiver

Ai Senhora da Graça

Que graça nos der

Ó almas, ó almas

Que lá estais esperando

Pelas excelências que se estão rezando.

Pelas cinco excelências

Ai qu'a Virgem tiver

Ai Senhora da Graça

Que graça nos der

Ó almas, ó almas

Pedi lá também

Que nos leve a glória

Para sempre amém.

Pelas seis excelências

Ai qu'a Virgem tiver

Ai Senhora da Graça

Que graça nos der

Ó almas benditas

Pedi ao Senhor

Que nos leve a glória

Para seu amor.

Pelas sete excelências

Ai qu'a Virgem tiver

Ai Senhora da Graça

Que graça nos der

Ó almas, ó almas

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Que lá estais esperando
Pelas excelências
Que se estão rezando.

Pelas oito excelências
Ai qu'a Virgem tiver
Ai Senhora da Graça
Que graça nos der
Ó almas benditas
Pedi ao Senhor
Que nos leve a glória
Para seu amor.

Pelas nove excelências
Ai qu'a Virgem tiver
Ai Senhora da Graça
Que graça nos der
Ó almas benditas
Pedi lá também

Que nos leve a glória
Para sempre amém.

Pelas dez excelências
Ai qu'a Virgem tiver
Ai Senhora da Graça
Que graça nos der
Ó almas, ó almas
Que lá estais esperando
Pelas excelências
Que se estão rezando.

Pelas onze excelências
Ai qu'a Virgem tiver
Ai Senhora da Graça
Que graça nos der
Ó almas benditas
Pedi ao Senhor
Que nos leve a glória

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Para seu amor.

Pelas doze excelências
Ai qu'a Virgem tiver
Ai Senhora da Graça
Que graça nos der
Ó almas, ó almas
Que lá estais esperando
Pelas excelências
Que se estão rezando.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

554 Indo o lavrador dourado
Ó meu Jesus
Encontrou um pobrezinho
O pobrezinho lhe disse
Ó meu Jesus

Leva-me no teu carrinho
Leva-me no teu carrinho
Lá desceu o lavrador
E ó meu Jesus
E subiu o pobrezinho
E subiu o pobrezinho
Levou-o p'ra sua casa
Ó meu Jesus
P'r'á melhor sala que tinha
P'r'á melhor sala que tinha
Mandou-lhe fazer a ceia
Ó meu Jesus
Do melhor manjar que havia
Do melhor manjar que havia
Quando foram p'ra comer
Ó meu Jesus
O pobrezinho não comia
O pobrezinho não comia
Mandou-lhe fazer a cama

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ó meu Jesus
Da melhor roupa que tinha
Por cima damasco roxo
Ó meu Jesus
Por baixo cambraia fina
Por baixo cambraia fina
Lá por essa noite adiante
Ó meu Jesus
O pobrezinho gemia
O probrezinho gemia
Levantou-se o lavrador
Ó meu Jesus
Para ver o que o pobre tinha
Para ver o que o pobre tinha
Ó meu Jesus
Numa cruz da prata fina
Numa cruz de prata fina
Se eu soubera, ó meu Deus
Ó meu Jesus

Qu'eu em minha casa vos tinha
Qu'eu em minha casa vos tinha
Mandava forrar a sala
Ó meu Jesus
De oiro e prata fina
De oiro e prata fina
Eu vos peço ó meu Deus
Ó meu Jesus
Levai-me p'ra vossa companhia
Levai-me p'ra vossa companhia
Tua mulher não a levo
Ó meu Jesus
Porque ela dormir, não dormia
Porque ela dormir, não dormia
Julgava que tinha em casa
Ó meu Jesus
O maior ladrão que havia
O maior ladrão que havia
Eu te digo ó lavrador

Ó meu Jesus
Com ele dá-te valor
Com ele dá-te valor
Já lá tenho uma cadeira guardada
Ó meu Jesus
Pelo teu grande amor
Pelo teu grande amor³¹. (26)

Informante: Maria Rosa Mota, Gavião de Ródão (VVR), Março de 1986.
(Cantarolando)

555 Virgem da Lapa³²

Venho da Virgem da Lapa
Mais valente qu'a cansada
Ora valha-me Deus

³¹ Canção usada durante as tarefas agrícolas no tempo da quaresma. Foi recolhida versão muito semelhante junto da informante Balbina Castelo Pires (Perais) em Março de 1986.

³² Canção usada durante as tarefas agrícolas no tempo da Quaresma. Este texto e o seguinte são muito semelhantes. Registamos ambas as versões porque se completam uma à outra.

Mais a Virgem Sagrada.

Com a roca à cintura
A cestinha à ilharga
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada.

Foram dizer ó meu marido
Qu'eu qu'andava namorada
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada.

Marido se me matares
Enterra-me na ermida
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Maria.

Lá no fim de nove meses
Um lindo choro se ouvia

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Maria.

Deram volta à sepultura
Acharam a mulher viva
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Maria.

Acharam a mulher viva
C'uma criança nascida
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Maria.

Os anjos a baptizaram
A Virgem era a madrinha
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Maria.
Quem lhe dava o copo d' água
Era a Santa Catarina

Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Maria.

Vês aqui ó meu marido
Nos passos em qu' eu andava
Ora valha-me Deus
Mais a Virgem Sagrada.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

556

Virgem da Serra³³

Ai vem aí a Virgem da Serra
Mais valente qu' cansada, ora lá
E meu Deus mais a Virgem Sagrada.

³³ Canção usada durante as tarefas agrícolas no tempo da Quaresma.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Com a roca à cintura
A cestinha à ilharga, ora lá
E meu Deus mais a Virgem Sagrada.

Foste dizer ó meu mano
Qu'eu qu'andava namorada, ora lá
E meu Deus mais a Virgem Sagrada.

Qu'eu qu'andava namorada
C'um sacerdote de dizer missa, ora lá
E meu Deus mais a Virgem Maria.

Lá no fim de nove meses
Uma criança nascida, ora lá
E meu Deus mais a Virgem Maria.

Os anjos a baptizá-la
A Virgem era a madrinha, ora lá
E meu Deus mais a Virgem Maria.

Quem tinha im seu braço
Era a Santa Isabelinha, ora lá
E meu Deus mais a Virgem Maria.

Quem tinha a jarrinha d'água
Era a Santa Catarina, ora lá
E meu Deus mais a Virgem Maria.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais), Março 1986 (cantarolando).

557 Estava à minha porta
Cosendo na almofada
A agulha era d'oiro
O dedal de prata
Passa o passageiro
Pedindo pousada
Se meu pai lha der
Está muito bem dada
Diz a minha mãe

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Muito me custava
Eu me levantei
Toda arrenegada
Fui deitar a ceia
Venham cear
Fui fazer a cama
Vá venham-se deitar
Por essa noite adiante
Minha casa roubada
De três que nós eramos
Só a mim me levava
Lá mais adiante
Ele me procurava
Como era meu nome
E como eu me chamava
Em casa de meu pai
Eu era fidalga
Por estas montanhas
Feia e desgraçada

Lá mais adiante
Ele me procurava
Casa de meu pai
Como se manjava
Em casa de meu pai
Galinhas assadas
Por estas montanhas
Sardinhas salgadas
Ele se venceu
Ele a degolou
Coberta de flores
Ele ali a deixou
Daí p'ra sete anos
Ele lá passou
Que ermida é aquela
Qu'além 'ta armada
A Santa é Iria
Qu'além foi achada
Deixa-me lá ir

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Fazer-lhe oração

558

Encomendação das almas³⁵

Qu'algum tempozinho

Foi da minha mão

Perdoa-me Iria

Teu amor primeiro

Qu'hei-de eu perdoar

Ladrão carniceiro

Do meu real sangue

Fizeste ribeiro

Vai-te vestir d'azul

Qu'é da cor do céu

Se Deus te perdoar

É perdoar qu'eu quero³⁴.

Ó almas que estais dormindo

Nesse sono, nesse sono d'alegria

Rezemos um Padre-Nosso

Pela Senhora da Guia.

Informante: Adelina Carmona Pires (Vale do Cobrão, VVR), Março de 1986 (cantarolando).

559

Encomendação das Almas

Ó almas que estais dormindo

Nesse sono tão profundo

Rezemos um Padre-Nosso

P'las almas do outro mundo

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março 1986 (cantarolando).

³⁵ Cântico habitual em algumas noites de Quaresma, geralmente de terça para quarta-feira, por volta da meia-noite. Este cântico era frequentemente executado por homens e rapazes que escolhiam para isso os pontos altos da cada povoação. Os santos mencionados eram os padroeiros das capelas existentes na freguesia. Nas casas, as pessoas que ainda não dormiam, acompanhavam em voz baixa os Padres-Nossos solicitados em cada quadra. O som produzido era geralmente muito elevado e arrastado.

³⁴ Canção usada durante as tarefas agrícolas no tempo da Quaresma.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ó almas que estais dormindo
Nesse sono em que estais
Rezemos um Padre-Nosso
Pelas almas das mães e pais.

560

Bons dias minha tia
Como está vomecê
Está de boa saúde
No rosto bem se vê.

Ó almas que estais dormindo
Nesse sono tão dormente
Rezemos um Padre-Nosso
Ao Santíssimo Sacramento.

Bons dias meu sobrinho
Bons dias meu rapaz
Aparece que vens tão leve
Mas carregado não virás
Vens com a cabeça p'r'à frente
Mas breve a virás p'ra trás.

Ó almas que estais dormindo
Nesse sono tão pesado
Rezemos um Padre-Nosso
À Senhora da Piedade³⁶.

Eu há muito tempo que andava
P'r'à minha tia visitar
Mas não tinha nada que trazer
Estava-me a envergonhar.

Nazaré Carmona, Monografia da Sarnadinha (VVR), pp. 150-151, 1963, inédito.

Eu não tenho sacos em casa
P'ra emprestar a ninguém

³⁶ O mesmo da nota anterior.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Onde me trazem as visitas
É que eu as mando também.

Eu, chocou-me ontem uma galinha
Que lá em casa trazia
Deitei-lhe uns poucos de ovos
P'ra trazer os pintos à tia
Se eles tivessem nascido
Já agora lhos trazia.

Eu também trago ganhões no campo
Para o milho semear
Se ele criar boa espiga
Hei-de mandá-lo apanhar
E darei-te uma mão cheia dele
P'r'ós ajudar a criar.

Não tem geito minha tia
Qu'os pitos nascem primeiro

Se a tia m'ó quiser dar
Tem lá muito no celeiro
Que eu parto aos bocadinhos
Qu'eles ainda não o comem inteiro.

Tu querias milho p'r'ós pitos
Metê-los em papo teu
P'ra suster borrachões
Bem tola seria eu.

Vomecê ó minha tia
Sempre está bem zangada
Vem-lhe um sobrinho a casa
E manda-o embora sem nada.

Vai-te embora meu sobrinho
Dá visitas aos nossos parentes
Com as côdeas que eu der
Não hás-de tu partir os dentes.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

.....
Cala-te lá meu sobrinho
Que tu também és meu herdeiro
Quando for pela minha morte
Hei-de-te deixar bens e dinheiro
Mas enquanto eu for viva
Quero eu gozar primeiro.

Informante: Manuel Dias (Vale do Cobrão, VVR), Março de 1984.

561 Segunda-feira é anecril verde
Todo o ano dá flor
Eu prometo-te de te amar
Até à morte, firme amor.

Terça-feira é perpétua
Bem perpétua que eu sou
Meu amor se me quiseres bem
Não vás onde 'stou.

Quarta-feira é honradinha
Menina quem honras tem
Quem ama com lealdade
Sempre o amor lhe quer bem.

Quinta-feira é saudade
Eu de saudade o digo
Saudades encobertas
Eu as tenho para contigo.

Sábado é um terroeiro
Que nasce rente ao chão
Terroeiro é o meu amor
Qu'eu trago no coração.

Com bem venha ó Domingo
Escravo de toda a semana
Vão rapazes à terra
Cada um fala a quem ama

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Na Segunda-feira te amo
Na Terça te quero bem
Na quarta por ti esperei
Na quinta por mais ninguém.

Informante: João Pereira Eduardo (S. José Matas, M), Março de 1989.

562 À uma hora nasci
Tinha um ano esgatinhava
Aos dois ainda não andava
Aos três adoeci
Não sei como não morri
Por ser ainda de mama
Aos quatro já tinha manha
Aos cinco 'tou bem lembrado
Mesmo por ser embalado
Já dormi na tua cama
Aos seis fui à missa
Pelas mãos da minha mãe
Aos sete me lembra bem

Qu'eras a minha delícia
Meteras uma tal cobiça
Quando os oito completei
Aos nove é qu'eu atentei
Qu'eu t'havia de namorar
Aos dez me posso gabar
Que já o teu rosto beijei
Quando eu onze anos tinha
Já sabia o qu'era amor
Vinham-me certos calores
Que me faziam ser feliz
Aos treze nem a sorte o quis
Que nós fossemos amiguinhos
Aos catorze alguns beijinhos
Isso é qu'era os meus encantos
E ós quinze
Te disse portanto
Já logrei os teus carinhos
Ao fazer os dezasseis

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ainda te disse uma vez
Aos dezassete que talvez
Tu verias a ser minha
Aos dezoito eu me entretinha
Com amores qu'eu arranjei
Aos dezanove eu t'amei
E mostrei-te toda atenção
E aos vinte apertei-te a mão
E outras coisas qu'eu cá sei.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986.

563

.....
Palácio de grande altura
Muita gente lá morreu
Deu seu corpo à sapultura
Casa cheia tem fartura
Não sou só eu qu'o digo
E a galinha vai ó trigo

E a culpa é dos pardais
O burro tem atafazes
Também tem os seus estribos
Na praça se vendem figos
P'ra contente dos rapazes
No ar andam alcatrazes
Tamém se chamam gaivotas
Quem tem as pernas tortas
Tamém sezão macadiz
Vão-se os sezões com desejos
E as feridas com inguentos
Andam moinhos com vento
No ar tece teia a aranha
Esta cantiga tamanha
Não tem cabo nem fim
É o ramo de alecrim
Que se dá ós namorados
Triste de quem tem amores
Ligeiro tem de andar.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Informante: Joaquina Rosa Dias (Barirrada, PN), Junho de 1986.

564

Carreirada do Sábio Salomão

Quando o Sábio Salomão morreu
Deu o seu corpo à sepultura
Na caveira nasceu
Árvore de grande altura
Casa rica é fartura
Não sou só eu que o diga
Foge as galinhas para o trigo
E a culpa é dos pardais
Um burro com atafais
Tamém lhe põem os seus 'stribos
P'ra contentamento dos rapazes
No mar andam alcatrazes
Que muitos lhe chamam gaivotas
Ó menina das pernas tortas
Que muitos lhes chamam canejas

Curam-se as sezões com desejos.

As feridas com iuluentes
Mói o moinho com o vento
Lá no ar passa a aranha
Ó cantiga tamanha
Que não tem cabo nem fim
Um raminho de alecrim
É para os namorados
As armas são para os soldados
E também para os caçadores
Ó menina que anda de amores
Traz o juízo p'la toada
Você diz que anda remelada
Que é uma das comidas quentes
Daquelas que se dá a doentes
Daquelles que bem se tratam
Foge o gato para a gata
O galo para a galinha
O pobre para a sardinha

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

O rico p'ró pano de gala
Não há correia sem mala
Nim cegonha sim bico
Eu venho da terra do pico
Da terra da boa ameixa
No peito trago uma queixa
Beber água de bruços
Ó filha tu não te lembras
Dos ursos que naquela cidade havia
Vamos à vaca fria
Que sobrou do jantar
Deu o abraço numa donzela
Que muito custou à 'pertar.

Informante: Maria de Lurdes Pereira (Pereiro, M), Março 1990.

565 Tenho tanta sede tanta
Que num podes calcular
Tenho sede confinada
Quem não m'a pode matar

Tenho sede confinada
Quem não m'a pode matar
Dá-me um copo de água fresca
Da raiz do rosmaninho
Que dos lados d'onde venho
Nom há fontes p'lo caminho
Tenho fome não de pão
Tenho sede não de vinho
Tenho fome de um afecto
Tenho sede de um carinho
Tenho sede de um carinho³⁷.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão), Março de 1986.

566 O meu amor é baixinho
Ai, o meu amor é baixinho
É assim da minha altura
É assim da minha altura

³⁷ Cantiga ouvida pela informante quando era criança.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

É coradinho da cara
Ai, é coradinho da cara
E delicado da cintura
É assim da minha altura
É coradinho da cara
E delicado da cintura.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão), Março de 1986.

567 Ora o gajo do garoto
É pequeno e já namora
Ora o gajo do garoto
É pequeno e já namora
Deixa o pai e deixa a mãe
No Domingo e vai-se imbora
Deixa o pai e deixa a mãe
No Domingo vai-se imbora
No Domingo vai-se imbora
Na Segunda torna a vir
No Domingo vai-se imbora

Na segunda torna a vir
Ora o gajo do garoto
Já se sabe divertir
Ora o gajo do garoto
Já se sabe divertir.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986.

568 O Chico da Mouraria
Tocava tão bem o fado
Com tanta sabedoria
Ele era o homem mais falado
De todos os homens qu'havia
Usava guitarras de pinho
Com cinco cordas de arame
Tocava com todo o carinho
Qu'té era um enxame
De moças no seu caminho
Mas certo dia à tardinha

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Um grande portugau	569	Como vais linda rendilheira
Trouxe um recado que tinha		Nessa tua renda à mão
Ir ó palácio real		Ó vem à janela
Cantar o fado à Rainha		Como a noite é bela
Mas a rainha era novinha		Vai ver o luar
Uma princesa estrangeira		Linda rendilheira
Usava laços de fita		Deixa a travesseira
Na brava cabeleira		Vem ouvir cantar
Que a tornava tão bonita		Eu dou-vos se vós quereis
E foi desde esse dia		Almofada ou coração
Foi desde essa serenata		Eu dou-vos se vós quereis
Sem saber quem o diria		Almofada ou coração
Usava guitarras de prata		Ó vem à janela
O Chico da Mouraria.		Como a noite é bela
		Vai ver o luar
		Linda rendilheira
		Deixa a travesseira

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

Vem ouvir cantar.³⁸ (31)

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

570 Chamaste-me lavadeira
Eu num vou lavar ó mar
Chamaste-me lavadeira
Eu num vou lavar ó mar
Onde eu passo o meu bom tempo
É na ribêra a namorar
Onde eu passo o meu bom tempo
É na ribêra a namorar
Na ribêra a namorar
É que passo o meu bom tempo
Na ribêra a namorar
É que passo o meu bom tempo

³⁸ Segunda a informante esta canção era cantada pelos Nunes do Tostão, nos bailes de carnaval.

Eu desejava saber
Amor o teu pensamento
Amor o teu pensamento
O teu modo de pensar
Amor o teu pensamento
O teu modo de pensar
Chamaste-me lavadeira
Eu num vou lavar ó mar
Eu num vou lavar ó mar
Eu num vou lavar ó rio
Se andas p'ra me enganar
Deus te dê algum desvio
Se andas p'ra me enganar
Deus te dê algum desvio
Deus te dê algum desvio
Amor do meu coração
Deus te dê algum desvio
Amor do meu coração
Se andas p'ra me enganar

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Eu não tenho essa intenção
Se andas p'ra me enganar
Eu não tenho essa intenção
Eu não tinha essa intenção
Nem tal modo de pensar
Eu não tinha essa intenção
Nem tal modo de pensar
Chamaste-me lavadeira
Eu num vou lavar ó mar

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

571 Eu escrevi no roxo d'água
 No encarnado n'areia
 Eu escrevi no roxo d'água
 No encarnado n'areia
 Ó Jesus nesse teu peito
 Numa rica baleia

Numa rica baleia
No encarnado n'areia.

Eu escrevia-te uma carta
Se tu a souberas ler
Eu escrevia-te uma carta
Se tu a souberas ler
Não quero qui ninguém saiba
O que te mando dizer
O que te mando dizer
Se tu a souberes ler.

Eu escrevia-te uma carta
Sem nenhuma letra dentro
Era p'ra ti poderes dar
Mil voltas ao pensamento
Mil voltas ao pensamento
Sem nenhuma letra dentro

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ó cartas cima leal
Lá d'onde ele a namora
Ó cartas cima leal
Lá d'onde ele a namora
Pede-lhe abraços por mim
Despede-te e vem-te imhora
Despede-te e vem-te imhora
Lá d'onde ele a namora.

O alecrim é cheiroso
Alfazema tem virtude
O alecrim é cheiroso
A alfazema tem virtude
A gala d'uma donzela
Trajar bem e ter saúde
Trajar bem e ter saúde
Alfazema tem virtude.

O Alecrim é o rei das ervas
Já m'eu deito p'r'ó teu lado
O Alecrim é o rei das ervas
Já m'eu deito p'r'ó teu lado
Como tens novos amores
Já de mim nom fazes caso
Já de mim nom fazes caso
Já m'eu deito p'r'ó teu lado.

Ó José ó Josezinho
Ó José peitos de cera
Ó José ó Josezinho
Ó José peitos de cera
Quem fora a brasa de lume
Que o teu peito derreteria
Que o teu peito derreteria
Ó José peitos de cera.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Josezinho cara linda
Cara de ginja madura
Josezinho cara linda
Cara de ginja madura
Cara mais linda qu'a tua
Cara mais linda qu'a tua
Cara de ginja madura.

Se fores ó Domingo à missa
Põe-te em sítio qu'eu ti veja
Se fores ó Domingo à missa
Põe-te em sítio qu'eu ti veja
Não faças andar meus olhos
Im leilão pela igreja
Im leilão pela igreja
Põe-te em sítio qu'eu ti veja.

Os teus olhos me prinderam
'Stando eu ouvindo a missa
Os teus olhos me prinderam
'Stando eu ouvindo a missa
Não sei qui tem os teus olhos
Qui mi prendem sem justiça
Qui mi prendem sem justiça
'Stando eu ouvindo a missa.

Os olhos do meu amor
Andam vivendo na praça
Os olhos do meu amor
Andam vivendo na praça
Em que preço andarão
Olhos de tão linda graça
Em que preço andarão
Olhos de tão linda graça.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Foi na pia do batismo
Qu'eu qu'amei singela flor
Qu'eu amei singela flor
Quem havia de dizer
Que uma pia tinha amor
Que uma pia tinha amor
Qu'eu qu'amei singela flor.

A ausência tem uma filha
Que se chama saudade
A ausência tem uma filha
Que se chama saudade
Eu sustento mãe e filha
Bem contra a minha vontade
Bem contra a minha vontade
Que se chama saudade.

Saudade, saudade
Saudade, linda flor
Saudade, saudade
Saudade, linda flor
Eu tenho uma saudade
P'ra dar ao meu amor
P'ra dar ao meu amor
Saudade linda flor.

Saudade é pranto que treme
Pranto qui nim há ma'agora
Saudade é pranto que treme
Pranto qui nim há ma'agora
É como um beijo que geme
Como um ai que evapora
Como um ai que evapora
Pranto qui nim há ma'agora.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Saudade é uma flor
Que se põe em qualquer vaso
Saudade é uma flor
Que se põe em qualquer vaso
Uma saudade firme
Só s'incontra por acaso
Só s'incontra por acaso
Que se põe em qualquer vaso.

Ó meu peito tu és exíguo
Ó meu peito tu és exíguo
Para ti 'stará guardado
Para ti 'stará guardado
Eu estimo com lealdade
Ali serás sepultado
Ali serás sepultado
Para ti 'stará guardado.

Ó meu peito és solitário
É um livro de cantigas
Ó meu peito és solitário
É um livro de cantigas
De segredos e paixões
Paixões de amor que não diga
Paixões de amor que não diga
É um livro de cantigas.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

572

Quadras à Senhora dos Remédios

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
Ide dar a mão à Janela
Ide dar a mão à Janela
Vossa capela 'tá cheia
Vossa capela 'tá cheia

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Nom posso entrar dentro dela
Ide dar a mão à Janela.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
O seu caminho tem tojos
O seu caminho tem tojos
???
???
Pô-los cravos molhos
O seu caminho tem tojos.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
À vossa porta cheguei
À vossa porta cheguei
Tantos anjos m'acompanhim
Tantos anjos m'acompanhim
Como de passos eu dei

À vossa porta cheguei.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
Senhora de boa fé
Senhora de boa fé
Tendes coração d'açúcar
Tendes coração d'açúcar
Com qu's'adoça o café
Senhora da boa Fé.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
Tem um manto a fazer
Tem um manto a fazer
Bordado a ritros verde
Bordado a ritros verde
E muito lindo vem a ser
Tem um manto a fazer.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
Tem vinte e quatro janelas
Tem vinte e quatro janelas
Quem mi dera ser o Sol
Quem mi dera ser o Sol
P'ra intrar numa delas
Tem vinte e quatro janelas.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
As costas vos vou virando
As costas vos vou virando
Minha boca se vai rindo
Minha boca se vai rindo
Os meus olhos vão chorando
As costas vos vou virando.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
O meu coração cá vos fica
O meu coração cá vos fica
Preso ao vosso altar
Preso ao vosso altar
Com arames e laços de fitas
Meu coração cá me fica.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
O vosso manto tem fitas
O vosso manto tem fitas
A Senhora do Rosário
A Senhora do Rosário
Manda-vos muitas visitas
O vosso manto tem fitas.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
Já cá vamos ao cabeço
Já cá vamos ao cabeço
Abride a vossa capela
Abride a vossa capela
Que quero rezar o terço
Já cá vamos ao cabeço.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
Minha mãe minha madrinha
Minha mãe minha madrinha
Que leva as mãos ao céu
Que leva as mãos ao céu
A primeira seja minha
Minha mãe minha madrinha.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios
Quem vos varreu a capela
Quem vos varreu a capela
Foi o ranchinho de Pirais
Fou o ranchinho de Pirais
Com raminho de marcela
Com raminho de marcela.

Quem vos varreu a capela
Quem vos varreu o terreiro
Quem vos varreu o terreiro
Foi o ranchinho de Pirais
Foi o ranchinho de Pirais
Com um raminho de loureiro
Com um raminho de loureiro.

Ó Senhora dos Rimédios
Ó Senhora dos Rimédios

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Raminho de endoendo
Abri a vossa capela
Abri a vossa capela
Dia oito de Setembro
Raminho de endoendo.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

573 Minha amora madurinha
Diz-me quem 'ta madurou
Foi o Sol e foi a Lua
Do calor qu'ela apanhou.

Do calor qu'ela apanhou.
Lá em cima da amoreirinha
Diz-me quem 'ta madurou
Minha amora madurinha
Diz-me quem 'ta madurou
Minha amora madurinha

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

574 Ai garotinha, ai garotinha
Ainda agora aqui passou
Ai garotinha, ai garotinha
Á ai garotinha você laços enviou
Eu não sou como o meu amor
Meu bem não é com'a'mim.

O meu bem agrada a todos
E num pode ser assim
Ai garotinha, ai garotinha
Ainda agora aqui passou
Ai garotinha, ai garotinha
Á ai garotinha você laços enviou

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

575

Usas caixoné
Olha a coradinha
Usas caixoné
Olha a coradinha
Anda cá comigo
Não fiques sozinha
Anda cá comigo
Não fiques sozinha.

Não fiques sozinha
Rosa encarnada
Não fiques sozinha
Rosa encarnada
Anda cá comigo
Minha prenda amada.
Anda cá comigo
Minha prenda amada.

Minha prenda amada.
Ai o meu coração
Minha prenda amada.
Ai o meu coração
Anda cá comigo
Não és a primeira não
Anda cá comigo
Não és a primeira não.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986 (cantarolando).

576

No cimo da minha terra
No alto do grande penedo
Im chegando à minha terra
Já de ninguém tenho medo
Im chegando à minha terra
Já de ninguém tenho medo.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986.

577 Chamás-te-me camponesa
Ai chamás-te-me camponesa
Eu sou de Campo Maior
Eu sou de Campo Maior
Tenho a linda fala presa
Tenho a linda fala presa
Não posso cantar melhor
Não posso cantar melhor.

Anda lá para diante
Anda lá para diante
Não te enganes no caminho
Não te enganes no caminho
Quem vai para amar amores
Quem vai para amar amores
Não vai tão devagarinho

Não te enganes no caminho.
Deste-me um lenço de nozes
Deste-me um lenço de nozes
Nozes são arcas fechadas.
Nozes são arcas fechadas
Tu querias-me experimentar
Tu querias-me experimentar
Mas eu já num sou quem julgavas
Nozes são arcas fechadas.

Menina que está deitada
Menina que está deitada
Entre dois lençóis de linho
Entre dois lençóis de linho
Deia um jeito ao corpo
Deia um jeito ao corpo
Faça-me lá um lugarinho
Entre dois lençóis de linho.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

No outro lado do Tejo
Ai no outro lado do Tejo
Tem meu pai um castanheiro
Tem meu pai um castanheiro
Dá castanhas no mês de Maio
Cravos roxos em Janeiro
Cravos roxos em Janeiro.

No outro lado do Tejo
Ai no outro lado do Tejo
Tenho eu lá uns marmelos
Tenho eu lá uns marmelos
Mas a água não se passa
Mas a água não se passa
Tenho eu lá uns marmelos.

Quando eu era solteirinha
Ai quando eu era solteirinha
Usava fitas e laços

Usava fitas e laços
Agora que sou casada
Agora que sou casada
Uso os meus filhos nos braços
Ai usava fitas e laços.

Quando eu era solteirinha
Ai quando eu era solteirinha
Usava fitas aos molhos
Usava fitas aos molhos
Agora que sou casada
Agora que sou casada
Uso lágrimas nos olhos
Ai usava fitas aos molhos.

Agora que estou casada
Agora que estou casada
Uso lágrimas nos olhos
Uso lágrimas nos olhos

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ai usava fitas aos molhos
Agora que estou casada
Uso lágrimas nos olhos.

Os rapazes da Rabacinas
Os rapazes da Rabacinas
Gabam-se que têm dinheiro
Gabam-se que têm dinheiro
As solas dos sapatos
São folhas de castanheiro
Ai, são folhas de castanheiro
Gabam-se que têm dinheiro.

A salsa é melindrosa
Ai a salsa é melindrosa
Que se dá pelas paredes
Que se dá pelas paredes
Também eu sou melindrosa
Para o meu amor às vezes

Que se dá pelas paredes.

Andas vestido d'azul
Ai andas vestido d'azul
Da cintura até ao chão
Ai da cintura até ao chão
Da cintura para cima
Da cintura para cima
Andas no meu coração
Da cintura até ao chão.

Os olhos do meu amor
Ai os olhos do meu amor
São dois navios de guerra
São dois navios de guerra
Quando vão pelo mar fora
Quando vão pelo mar fora
Dizem adeus ó minha terra.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Cantas bem não cantas mal
Ai cantas bem não cantas mal
Ai eu também canto assim
Ai eu também canto assim
O mestre que te ensinou
Ai o mestre que te ensinou
Também me ensinou a mim.

Cantas bem não cantas mal
Ai cantas bem não cantas mal
Tens bonita opinião
Tens bonita opinião
Puderas cantar melhor
Pela fama que te dão
Tens bonita opinião.

O anel que tu me deste
Era de vidro e quebrou-se
O anel que tu me deste

Era de vidro e quebrou-se
A amizade qu'eu te tinha
Era pouca e acabou
A amizade qu'eu te tinha
Era pouca e acabou

Nem por mais amores qu'eu tenha
Não se há-de chamar João
Nem por mais amores qu'eu tenha
Não se há-de chamar João
Qu'eles queimim como lume
Amargam como limão.

Não se há-de chamar João
Não se há-de chamar Francisco
Não se há-de chamar João
Não se há-de chamar Francisco
Qu'eles queimam como o lume
Amargam como o trabisco.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Eu quero subir ao alto
Que no alto é que vejo bem
Eu quero subir ao alto
Que no alto é que vejo bem
Quero ver o meu amor
Se ele está ainda com alguém
Quero ver o meu amor
Se ele está ainda com alguém.

Abaixa-te ó serra alta
Qu'eu quero ver a montanha
Abaixa-te ó serra alta
Qu'eu quero ver a montanha
Quero ver o meu amor
Que anda nos campos de Idanha
Quero ver o meu amor
Que anda nos campos de Idanha.

Ontem à noite à noitinha
À beirinha do luar
Ontem à noite à noitinha
À beirinha do luar
Eu achei uma cestinha
De beijos para te dar
Eu achei uma cestinha
De beijos para te dar.

Fui à fonte descalcinha
Para me verem os pés
Fui à fonte descalcinha
Para me verem os pés
Cantarinha à cabeça
E dedos cheios de anéis
Cantarinha à cabeça
E dedos cheios de anéis.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Se eu soubesse quem tu eras
Ou quem tu vinhas a ser
Se eu soubesse quem tu eras
Ou quem tu vinhas a ser
Nunca eu te chegava a dar
O meu peito a conhecer
Nunca eu te chegava a dar
O meu peito a conhecer.

578

Ò Gavião, Gavião
Ò Gavião, Gavião
Tu és a minha cegueira
Tu és a minha cegueira
Quando eu lá chego à tarde
Ai quando eu lá chego à tarde
Encosto-me à oliveira
Só tu és a minha cegueira.

Ó José, ó Josezinho
Qu' é da tua carta amor
Ó José, ó Josezinho
Qu' é da tua carta amor
Lá me ficou no jardim
No regaço de uma flor
Lá me ficou no jardim
No regaço de uma flor.

Eu tenho um amor na Vila
Ai eu tenho um amor na Vila
Tenho outro na Sarrasqueira
Ai tenho outro na Sarrasqueira
Tenho outro no Gavião
Tenho outro no Gavião
É essa a minha cegueira
Tenho outro na Sarrasqueira.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1896 (cantarolando).

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ai o Gavião, Gavião
Ai o Gavião, Gavião
Ó fundo da Serra fica
Ó fundo da Serra fica
Não sei como tens criado
Ai não sei como tens criado
Mocidade tão bonita
Ó fundo da Serra fica

Ó fundo da Serra fica
Ai ó fundo da Serra fica
Não sei como tens criado
Ai mocidade tão bonita.

Ò Gavião, Gavião
Ò Gavião, Gavião
Ó cimo tens um cabeço
Ó cimo tens um cabeço
Tens rapazes como a prata

Raparigas de alto preço
Ai tens rapazes como a prata
Raparigas de alto preço.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986 (cantarolando).

579

Rapazes cautela
Com as raparigas
Porque elas são falsas
Não valem cantigas.

Mas elas passim o tempo
A falar no alheio
Convencem qualquer
Bonito ou feio.

Mas se alguma quiser
Comigo vir ter
Venha devagarinho

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Para me convencer.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986 (cantarolando).

580 O ladrão do meio
É bem azadinho
O ladrão do meio
É bem azadinho
Para namorar
Tem grande jeitinho
Para namorar
Tem grande jeitinho
Rouba ladrãozinho
Se sabes roubar
Rouba ladrãozinho
Se sabes roubar
Rouba uma dama
Que te saiba amar
Rouba uma dama

Que te saiba amar
Já cá vai roubada
Já cá vai na mão
Já cá vai metida
No meu coração
Já cá vai metida
No meu coração
No meu coração
Ela vai metida
No meu coração
Ela vai metida
Ó ladrão, ladrão
Deixa a rapariga
Ó ladrão, ladrão
Deixa a rapariga.³⁹

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986 (cantarolando).

³⁹ Esta canção é considerada uma contradança.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

581 A maré vive e não fala
O rio corre e não cansa
Eu desejava saber
Se tu me trazes na lembrança.

A maré vive e não fala
O rio corre e não cansa
Eu desejava saber
Se tu me trazes na lembrança.

São tão bonitas
Tão bonitas são
Meninas aldeolas
A vender carvão.

Ó que lindo ramo
Tem a mocidade
Viva as raparigas

Viva a liberdade.⁴⁰

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

582 Cá na nossa freguesia
Eu é qu'sou o cabo d'ordes
Cá na nossa freguesia
Eu é qu'sou o cabo d'ordes

Olaré quim brinca, brinca
E daqui à nossa beira
Olaré quim brinca, brinca
Olaré quim tem, quim tem.

Olaré quim brinca, brinca
Olaré quim brinca bem
Olaré quim brinca, brinca

⁴⁰ Esta canção é também uma contradança e quando se dizia "ó que lindo ramo" as pessoas passavam umas pelas outras dando as mãos".

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Olaré quim tem, quim tem.

Cá na nossa freguesia

É qu'sou o regedor

Cá na nossa freguesia

É qu'sou o regedor.

Olaré quim brinca, brinca

Olaré quim brinca bem

Olaré quim brinca, brinca

Olaré quim tem, quim tem.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

583

Caíu no laço

Já cá 'tá guia

O triste do perdigão.

Caiu no laço

Já cá 'tá guia

O triste do perdigão.

Eu estava nesta aflição

Meu amor não o sabia

Eu estava nesta aflição

Meu amor não o sabia

Meu amor não o sabia

Meu amor não sabe não.

Caiu no laço

Já cá 'tá guia

O triste do perdigão.

Caiu no laço

Já cá 'tá guia

O triste do perdigão.⁴¹

⁴¹ Esta canção é considerada uma contradança.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

584 Eu fui ao campo
 A colher flores
 Com que regalo
 Os meus amores.

Eu corri tudo
Cansada vi
Colhi belhantes
Algum jasmim.

Antes qu'eu canti
E vá de cores
Eu vou furtá-las
Ós meus amores.

Vamos todas raparigas
Pela manhã orvalhada
Vamos todas colher rosas
Ó jardim da nossa amada.

Vamos todas raparigas
Pela manhã orvalhada
Vamos todas colher rosas
Ó jardim da nossa amada.

Eu corri tudo
Cansada vi
Colhi belhantes
Algum jasmim.

Antes qu'eu canti
E vá de cores
Eu vou furtá-las
Ós meus amores.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Vamos todas raparigas
Pela manhã orvalhada
Vamos todas colher rosas
Ó jardim da nossa amada.

Ós meus amores.⁴²

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

Vamos todas raparigas
Pela manhã orvalhada
Vamos todas colher rosas
Ó jardim da nossa amada.

585

Cantigas do nosso tempo
Agora vamos cantar
Meninas que sois novinhas
Vinde connosco bailar.

Uma por uma
Escolhi a mais bela
Se eu a encontro
Sou livra dela.

Nós somos lindas minhotas
Lindo serão se passou
Vimos a pedir desculpa
Se algum de nós se enganou.

Antes qu'eu canti
E vá de cores
Eu vou furtá-las

Vamos meninas, vamos cantar
Todas contentes para acabar

⁴² Esta canção é uma contradança. Quando se diz "vamos todas..." as pessoas começam a passar umas pelas outras e a dar as mãos.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

E os rapazes cantam então
Lindas cantigas ó Gavião.⁴³

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão), Fevereiro de 1986.

586 Olha a velha do diabo
Tem cócegas na barriga
Ela já não se lembra
De quando era rapariga.

De quando era rapariga
Ela já não se lembra
Olha a velha do diabo
Tem cócegas na barriga.

Tem cócegas na barriga
Ela já num se lembra

⁴³ Quadras cantadas em Gavião de Ródão pelo entrudo.

Olha a velha do diabo
Tem cócegas na barriga.

Olha a velha do diabo
Tem cócegas na barriga
Ela já não se lembra
Do tempo que passou comigo.⁴⁴

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986 (cantarolando).

587 No dia treze de Setembro
Foi dia de pouca sorte
José Pina e Maribela
Ambos se deram à morte.

⁴⁴ Estas quadras foram cantadas em Gavião de Ródão durante o intervalo de um baile de Carnaval no salão dos Mouros.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ambos se deram à morte
Foi bonita a brincadeira
Onde eles trataram de tudo
Na Tapada da Tojeira

José Pina disse à mãe
Que queria casar com Maribela
Sua mãe lhe respondeu
Filho não cases com ela.

No outro dia de manhã
Seu pai lhe estava a ralhar
De nada queria saber
Sua vida era cantar.

la ele pela rua abaixo
Ainda se ouvia assobiar
Quem havia de dizer
Que ele se ia matar.

Maribela disse à mãe
Com aquela pouca alegria
Ó minha mãe deixa-me ir
À Nossa Senhora da Guia.

Minha filha não vás lá
Tu não tens lá que fazer
E o mundo anda murmurando
Não sei o que vai dizer.

Juntou os lenços da mão
Dizendo que ía lavar
Quem havia de dizer
Que ela se ía matar.

Quando ela chegou à fonte
Bebeu uma gota de água
Voltou-se para a parede
Chorando a sua mágoa.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Quando ela chegou ao cabeça
Lá o viu andar a passear
Logo o coração lhe disse
Além é que eu vou ficar.

Quando ela lá chegou
Inclinou os olhos ao chão
Mata-me que eu quero morrer
Mata-me por tua mão.

Mata-me tu a mim
Que eu a ti não sou capaz
Atira um tiro para mim
Outro para ti atrás.

Toma lá este lencinho
Faz dele uma almofada
Já caminha para três anos
Que tu és minha amada.

Às oito horas da noite
Um revólver disparou
Entre pedras e silêncio
Um letreiro ele deixou.

Já morreu Maribela
O nome dessa menina
Já morreu Maribela
Maribela e José Pina.

No dia do seu enterro
Metia muita paixão
Ele à direita, ela à esquerda
Fechada no seu caixão.

Minha nora, minha nora
Minha nora Maribela
Já que o não foste neste mundo
És debaixo da terra.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Na Tapada da Tojeira
Está uma rosa amarela
Onde eles deixaram escrito
José Pina e Maribela.

Torradas novas torradas
A faca corta o limão
Já um pai proibiu um filho
De lhe dar amor??⁴⁵

Informante: Maria Conceição Ramos (Vila Velha de Ródão), 1975.

588 Andando eu a mondar
 Um lencinho achei
 Cheio de suspiros
 Para Lisboa o mandei.

⁴⁵ Existem outras versões, talvez mesmo mais completas. Estas quadras foram recolhidas em 1975 para um trabalho de âmbito completamente diferente.

Não me mandais a mondar
Que não sei correr o lido
Mandai-me falar de amores
Que para isso tenho jeito.

Meninas que andais a mondar
Nesses verdes campos de flores
Dizei-me as lindas cantigas
E o ABC dos amores.

O ABC dos amores
Julgueis que não o sei
Dizei-me a primeira letra
Que eu então continuarei. ⁴⁶

Nazaré Carmona, Monografia de Sarnadinha (VVR), p. 61, 1963.
Inédito.

⁴⁶ Quadras cantadas durante a monda.

589

Ó senhora esposada
Quem lhe pôs o seu véu
Quando ia para a igreja
Parecia um anjo do céu.

Ó senhora esposada
Raminho de erva cidreira
Hoje dá a despedida
À mocidade solteira.

Ó senhora esposada
Raminho de salsa crua
O que se passa em casa
Não se vem contar à rua.

Ó senhor esposado
Ponha a mão no colete
Trate bem a sua noiva
Que é um lindo ramalhete.

Ó senhor esposado
Raminho de “profundo”
Trate bem a sua noiva
Não dê que falar ao mundo.

No caso de um dos noivos já não possuir pai ou mãe,
cantam:

Senhora da Piedade
Olhai para mim olhai
Abençoai este(a) noivo(a)
Que ele(a) já não tem pai.

Senhora da Piedade
Olhai para mim também
Abençoai este(a) noivo(a)
Que ele(a) já não tem mãe.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

E ao terminar:

Ó senhores esposados
Lindos raminhos de poejo
Nosso senhor lhes dê tanta sorte
Como para mim desejo.

Vamos dar a despedida
Não sei se a darei bem
Adeus noivo, Adeus noiva
Passem a noite muito bem.

Nazaré Carmona, Monografia de Sarnadinha, p. 139-140, 1963. Inédito.

590 Foi na lagoa do Minho que um pobre garotinho
Por causa de ir brincar
Perdeu-se da sua mãe
D'onde não conhecia ninguém
Viu-se com fome a chorar

Viu-se com fome verdadeira
De peras carregada
Da pereira se aproximou
Um bolso de peras apanhou
Foi comê-las à estrada
'Tava uma criança que viu
Foi logo chamar o tio
Olhe que o andam a roubar
Veio o dono num momento
Soberbo e avarente
Com ideia de matar
Sim Deus lhe dar a crença
Dei-lhe com uma enxada na cabeça
E o garoto ficou morto
Foi logo testemunhado
Um caso bem censurado
Nunca se deu naquela área
Pelo juiz foi condenado
A caminho enviado

Preso p'ra penitenciária.

Informante: Maria do Carmo (Ribeiro), de Montes da Senhora (PN), Abril de 1986 (cantarolando).

591 O que fizeste ó teu filho
Qu'estava sempre a chorar
Há dias qu'eu num o vejo
Há dias qu'eu num o vejo
Tem qu'o ir apresentar
Eu cortei-o ós bocadinhos
Guisei-o numa panela
Eu cortei-o ós bocadinhos
Guisei-o numa panela
Comi soube-me bem
Comi soube-me bem
Como carne de vitela
Comi soube-me bem
Comi soube-me bem

Como carne de vitela
Foi à presença do juiz
Para castigo lhe dar
Foi à presença do juiz
Para castigo lhe dar
O juiz lhe disse então
O juiz lhe disse então
A prisão vai pagar
O juiz lhe disse então
O juiz lhe disse então
À prisão vai pagar
O juiz ainda lhe disse
Outra vez devagarinho
O juiz ainda lhe disse
Outra vez devagarinho
A coragem que tiveste
A coragem que tiveste
De comer o teu filhinho
A coragem que tiveste

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

A coragem que tiveste
De comer o teu filhinho
Uma vizinha à porta dela
No crime também ajudou
Uma vizinha à porta dela
No crime também ajudou
Irá pagar à prisão
Irá pagar à prisão
O acção que praticou
Irá pagar à prisão
Irá pagar à prisão
O acção que praticou
Já me dou por arrependida
Não mereço compaixão
Já me dou por arrependida
Não mereço compaixão
O crime qu' eu pratiquei
O crime qu' eu pratiquei
Faz cortar o coração

O crime qu' eu pratiquei
O crime qu' eu pratiquei
Faz cortar o coração.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

592

Donde vindes meus meninos
Não vistes o Antoninho
Ficou na sala dos livros
Com o corpo aos saltinhos.

Seu pai sobressaltado
Na arma foi pegar
O maldito do professor
O professor foi matar.

Bons dias senhor doutor juiz
À prisão me venho entregar

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Meu filho matou um pavão
E o professor meu filho foi matar.

Vá-se embora meu amigo
Tem muita razão ao falar
Queria-lhe pagar o prejuízo
E ele num o quis aceitar.⁴⁷

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

593 Namorei uma pequena
 Filha órfão pai não tem
 Era uma infeliz donzela
 Que vivia com a sua mãe.

 Sua mãe como nam queria
 Qu'ela d'amores tivesse
 Namorei-a às escondidas

⁴⁷ A informante refere que esta estrofe está incompleta.

O qu'a ninguém soubesse.

Namorei-a quatorze meses
Sem nunca haver novidade
Ó fim dos quatorze meses
Apareceu-lhe uma efermidade.

É uma moléstia qu'andava
Chamada febre amarela
Ó fim de vinte e quatro horas
Tomou a morte posse dela.

Ela pediu à sua mãe
Pediu com grande dor
Qu'nom dava a alma a Deus
Sem falar com o seu amor.

Sua mãe lhe procurou
A porta onde ele morava

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ela tudo lhe disse
Até com'ele s'chamava.

Palavras num eram ditas
Uma criada mandava
Venha ver a sua amada
Qu' tá numa última agonia.

Eu como nada sabia
Sobressaltado fiquei
Desci à escada abaixo
A criada acompanhei.

Chegando à sua porta
Fiquei tudo secumbido
Vim portas tudo fechado
Só ouvi um gemido.

Intrei p'lo seu quarto
Ó seu leito m'encostei
Da maneira com'eu a vi
Muita lágrima chorei.

Dá-me daí um abraço
Antes qu'm'coma a terra
É o produto que podes tirar
D'esta tua infeliz donzela.

Apartai a minha mão à dela
Quando a desta??
?? por todos os lados
Fechou os olhos e morreu.

Como poderiam verificar
Dois corações aflitos
O d'sua mãe e o meu
E de altas vozes dá um grito.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Informante: João Pereira Eduardo (S. José Matas, M), Março de 1989.

594

Agora vou contar
Passos da minha mocidade
Eu im tudo infeliz
Até na própria amizade
Namorava uma menina
Era órfão não tinha pai
Era uma pura donzela
Qu'vivía cum sua mãe
Sete anos a namorei
Sim haver uma novidade
Lá ó fim de sete anos
Deu-lhe Deus uma efermidade
Era uma moléstia qu'andava
Chamada febre amarela
Ó fim de vinte e quatro horas
Tomou a morte a posse dela
Chamou a mãe à cabeceira

E pediu com grande dor
Que num mandava a alma a Deus
Sim se despedir do amor
A mãe como não o sabia
A rua donde ele morava
Ela tudo lhe disse
Até como ele se chamava
Logo naquele mesmo dia
P'la criada o mandou chamar
Venha ver a sua amada
Qu'tá próximo à'cabar
A criada desceu a 'scada abaixo
E ele acompanhou
Quando ele lá chegou
Ouviu um grande gemido
Portas e janelas fechadas
E lá dentro um gemido
Quando ele lá chegou
Lhe tremia o coração

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

'Stás tu agora melhor
Amor do meu coração
Se eu soubesse Rosalina
Qu'tu tavas tão mal
Eu vinha p'la botica
Trazia-te um cardinal
Ali se podia ver
Dois corações aflitos
Era o dele e o da mãe
Choravam im altos gritos.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

595

??... à tarde
Quando eu vinha da Sobreira
Qu'eu vou ver o meu amor
Qu'é do Casal da Corrilheira.

Quando ela lá chegou
Lhe tremia o coração
'Tás tu agora melhor
Amor do meu coração.

Eu não ó Mari Farinha
Não estou nada melhor
Qu'é o ladrão do meu mal
Cada vez vai pior.

Olha as prendas qu'eu cá tinha
Já t'as podia ter dado
Eu nunca imaginei
Qu'ó meu mal chegava a este estado.

Quando ela lhe disse adeus
Era um adeus de esquecer
Parecia qu'adivinava
Qu'ó não tornava a ver.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Quando ela lhe virou as costas
Á c'os olhos atrás dela
Adeus ó Mari Farinha
Adeus ó minha donzela.

Adeus ó Mari Farinha
Deus te dê uma boa sorte
Que sempre me foste firme
Até à hora da morte.

Adeus ó Casal das Vedeiras
Cercadinho de olivais
Adeus ó Mari Farinha
Adeus p'ra nunca mais.

Eu num quero o meu caixão preto
Qu'eu num sou nenhum casado
Quero forrado de branco
Cor-de-rosa ou incarnada.

Nossa Senhora de Lurdes
Pedindo a S. Simão
Que me denha um cravo branco
P'ra levar na minha mão.

A morte p'ra o serrano
Foi uma grande desventura
Foi fechar os vinte e oito anos
Debaixo da sepultura.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

596 São quatro horas da tarde
Alfredo andava a ceifar
Quando lhe veio a notícia
Que Maria estava a acabar.

Foi no dia de S. Tiago
Mas ele não o sabia

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Foi no dia de S. Tiago
Mas ele não o sabia

A sua vizinha lhe disse
Não vás há horta Maria
A sua vizinha lhe disse
Não vás há horta Maria.

A vizinha já lhe tardava
Foi ver dela ao caminho
A vizinha já lhe tardava
Foi ver dela ao caminho
Quando ela lá chegou
Andavam as saias no cimo
Quando ela lá chegou
Andavam as saias no cimo.

O seu marido andava
Na ceifa na Póvoa Meadas

O seu marido andava
Na ceifa na Póvoa Meadas
Quando lhe deram a notícia
Sua mulher era sepultada
Quando lhe deram a notícia
Sua mulher era sepultada.

Quando ele vinha a caminho
O sino estava a tocar
Quando ele vinha a caminho
O sino estava a tocar
Já lá não vou fazer nada
Já se está a sepultar
Já lá não vou fazer nada
Já se está a sepultar

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986 (cantarolando).

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

597 Ó Senhora da Alagada
Houve muito que contar
Lá morreu o Adelino
Lá no Tejo a nadar.

A sua irmã dava gritos
Que cortava o coração
Queria-se atirar ao Tejo
Para tirar o seu irmão.⁴⁸

Informante: Maria da Conceição Ribeiro (Gavião de Ródão).

598 Onde vais, qu'eu tamém vou
Vou à horta colher cravos
Qu'a minha mãe me mandou
À entrada do portão

Plantou-lhe o braço pro cima
Que 'stás p'ra casar?
Não negues ó Rosalina
Não negue p'ra ti António
Nim p'ra ti nim p'ra ninguém
É à vontade do meu pai
Ó gosto da minha mãe
Pega lá uma facada
Vai levá-la ó teu amor
Diz qu'ta dei eu
No centro do interior
Pega lá ainda mais outra
Vai levá-la à tua mãe
Já qu'nom casas comigo
Nom casas com mais ninguém.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

⁴⁸ Estas duas quadras referem-se à morte de um soldado, por afogamento, no dia de festa da Senhora da Alagada.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

599 Lá na aldeia de S. Pedro
Na Aldeia do Cadafaz
Por causa d'um armónio
Foi a morte d'um rapaz.

Adeus povo de Albusquer
Adeus rua de Belver
Adeus minha rapariga
Já não te torno a ver.

Olha lá Manel Pascoal
O que foste a causar
Com o gume d'uma inchada
Um rapaz foste matar.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Barirrada, PN), Junho de 1984.

Coitadinho do rapaz
O que estaria a pensar
Estava a atacar os sapatos
P'ra começar a trabalhar.

600 Francisco Barão Carapinha
Foi um rapaz infeliz
Francisco Barão Carapinha
Foi um rapaz infeliz
A namorada o matou
O destino assim o quis
A namorada o matou
O destino assim o quis
Quando ele ia p'r'à mina
Onde era desenhador
Surgiu-lhe o seu amor
Como uma ave de rapina

Quando ia p'á estação
Virou a cara ao lado
Não podia encarar
D'onde andava namorado.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Chora o pai e a mãe
Pelo seu filho tão querido
Chora o pai e a mãe
Pelo seu filho tão querido
Já num há nada a fazer
Francisco 'tá falecido.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986 (cantarolando).

601 No dia trinta de Março
Foi numa Segunda-feira
Foi quando a Carmo morreu
Era uma moça solteira.
Quando ela s' ía imbora
E a rir e a brincar
Dizendo p'r'ó seu primo.

Ó primo eu vou-me afogar.
P'r'à borda da ribeira

Mas ela num adivinhava
Qu'lhe caía a barreira.

Qu'lhe caía a barreira.
P'r'àquele pego sem fundo
No dia trinte de Março
Deu a despedida ao mundo.

Quande ía p'la água abaixo
Foi ó fundo tornou a vir
Dando o ?? ó seu amor
Qu'lhe fosse acudir.

Seu amor muito lhe custou
De não lhe poder valer
E sua mãe chorou muito
Da sua filha morrer.

Informante: João Pereira Eduardo (S. José Matas, M), Março de 1989.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

602

Com seu marido vivia
Tecedeira Diolinda
Seu rosto era um incanto
Numa beleza infinda
Seu rosto era um incanto
Numa beleza infinda
Por toda a gente qu'rida
Na casa onde trabalhava
Na vida das companheiras
Ela nunca murmurava
Na vida das companheiras
Ela nunca murmurava
A quem tinha todo o amori
Um dia houve quem tente
Transformar a vida em dor
Um dia houve quem tente
Transformar a vida em dor
O encarregado da fábrica
Com má opinião

Diz assim p'r'à Diolinda
Vai-me dar o teu coração
Diz assim p'r'à Diolinda
Vai-me dar o teu coração
Ela em lágrimas banhada
Diz-lhe assim seu atrevido
Eu nom mancho nem por nada
A honra do meu marido
Eu nom mancho nem por nada
A honra do meu marido
Teu marido nada sabe
Tu debes de ser gostante
Vais ter sorte Diolinda
Se quiseres ser minha amante
Vais ter sorte Diolinda
Se quiseres ser minha amante.

Informante: Maria de Jesus (Palhota, PN), 1986.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

603 Com seu marido vivia
Tecedeira Diolinda
Tinha um rosto qu'era um encanto
E uma beleza que nunca finda
Por toda a gente era qu'rida
Aonde ela trabalhava
Na vida das companheiras
Ela nunca murmurava
O encarregado da fábrica
Com a má opinião
Diz assim p'r'à Diolinda
Vais dar-me o teu coração
Seja tudo como for
E para mim isso não torça
Hás-de ser minha Diolinda
Hás-de ser minha por força
A emprega a ouvir isto
Pela tesoura puxou
E dando-lhe três facadas

O encarregado matou
O senhor repare bem
Ora tome bem o sentido
Não quero ser rica do senhor
Quero a honra do meu marido
Mas o filho do patrão
Que tudo estava a ver
Quando prenderam a Diolinda
Ele é que a foi defender.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986 (cantarolando).

604 É mesmo p'r'à admirar
O que no Porto se passou
É mesmo p'r'à admirar
O que no Porto se passou
Foi uma morte a bailar
Com seu par a dançar
Até qu'o baile terminou

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Foi uma morte a bailar
Com seu par a dançar
Até qu'ó baile terminou
São horas de me retirar
A hora vai-se chegando
São horas de me retirar
A hora vai-se chegando
Ela dizia para o seu par
Não me posso demorar
Que por mim estão esperando
Não me posso demorar
Não me posso demorar
Por mim já estão esperando
Saíram os dois p'ra fora
Um fresco vinha do rio
Saíram os dois p'ra fora
Um fresco vinha do rio
Não tem frio o meu senhor
Mas eu não tenho calor

Neste caminho sombrio
Não tem frio o meu senhor
Mas eu não tenho calor
Neste caminho sombrio
Que fresquinho meu amor
Nos está à'companhar
Que fresquinho meu amor
Nos está à'companhar
Não tem frio o meu senhor
Pois eu não tenho calor
Não tem frio o meu senhor
Pois eu não tenho calor
Tenho o corpo a arrepiar
Se a gabardine quer vestir
Eu empresto-a com todo o gosto
Se a gabardine quer vestir
Eu empresto-a com todo o gosto
Obrigadinha a sorrir
Sem desconfiar e sem mentir

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Quem seria aquele rosto
Obrigadinha a sorrir
Sem desconfiar e sem mentir
Quem seria aquele rosto
Obrigadinha a sorrir
Logo à porta chegava
Da rapariga ser despedida
Logo à porta chegava
Da rapariga ser despedida
Sua gabardine deixava
Sua gabardine deixava
Ir buscar no outro dia
Sua gabardine deixava
Sua gabardine deixava
Ir buscar no outro dia
Então o pedido se deu
Voltando no outro dia
Então o pedido se deu
Voltando no outro dia

Logo a uma porta bateu
Uma mulher lh'apareceu
Perguntando-lhe o que queria
Logo a uma porta bateu
Uma mulher lh'apareceu
Perguntando-lhe o que queria
Na porta está enganado
Mostrou-lhe o retrato seu
Na porta está enganado
Mostrou-lhe o retrato seu
O senhor está equivocado
Há tanto tempo passado
Que minha filha morreu
O senhor está equivocado
Há tanto tempo passado
Que minha filha morreu
Foi ó cemitério e viu
A gabardine estendida
Foi ó cemitério e viu

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

A gabardine estendida
Puxou-a não saiu
Puxou-a não saiu
Um as mãos frias sentiu
Daquela alma perdida
Puxou-a mas não saiu
Puxou-a mas não saiu
Um as mãos frias sentiu
Daquela alma perdida.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986 (cantarolando).

605

.....
Pegou na sua guitarra
Coisa que ela não sabia
Levanta-se o pai da cama
Com o 'strondo qu'ela fazia
O que tens tu Silivana
O que tens tu filha minha

Venhoestragada
.....
Hei-de ser a mais formosa
Para que a razão fique minha
.....
Com esse meu pai com esse
Com esse é qu'eu casaria
Eu hei-de chamar o conde
Da tua parte e da minha
Ainda as falas não eram ditas
O conde à porta batia
Que me quer Vossa Alteza
Que me quer, que me queria
Quero que mates a condessa
P'ra casar com minha filha
Senhor isso é que não mato
Que ela a morte não merecia
Se a condessa a morte merecesse
Eu depressa a mataria

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Se a condessa a morte merecesse
Eu depressa a mataria
Cala-te lá meu amor
Não estejas com heresias
Eu trago-te a cabeça
Nesta doirada bacia
O conde foi para casa
Todo cheio de agonia
Mandou arranjar o jantar
P'ra fazer que comia
As lágrimas eram tantas
Que até os pratos enchia
Conta-me lá meu amor
Conta-me a tua agonia
S'eu t'a fora contar
Mais penas te causaria
Mandou-te o rei matar
P'ra casar com sua filha
Manda-me deitar ao mar

Os peixes me comeriam
Isso não condessa minha
Isso o nosso rei sabia
Mandou-me levar a cabeça
Nesta maldita bacia
Deixa-me dar um passeio
Da casa até ao jardim
Adeus cravos adeus rosas
Já não são vivos para mim
Deixa-me dar um passeio
Da casa para o quintal
Adeus cravos adeus rosas
Já me vão matar
Mamai filhos, mamai filhos
Este leite d'amargura
Amanhã por esta hora
Está vossa mãe na sepultura
Mamai filhos, mamai filhos
Este leite d'amargurado

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Amanhã por esta hora
Está vosso pai coroado
Tocam-se os sinos na corte
Quem morreu, quem morreria
Morreu Dona Silivana
Pelas traições que fazia
Casai-os bem casados
.....

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Maio de 1986 (cantarolando).

606 Eu tenho uma aposta feita
 Com tensão da ir ganhar
 Eu tenho uma aposta feita
 Com tensão da ir ganhar
 De enganar a Mariana
 De enganar a Mariana
 Antes do galo cantar

De enganar a Mariana
De enganar a Mariana
Antes do galo cantar
Não apostes meu sobrinho
Nem a perder nem a ganhar
Não apostes meu sobrinho
Nem a perder nem a ganhar
Mariana é muito fina
Mariana é muito fina
É difícil de enganar
Eu hei-de-me vestir de madame
À porta lhe vou passar
De frente d'uma janela
De frente d'uma janela
Onde ela vem tomar ar
Que madame é aquela
Que além vai a passear
Uma triste tecedeira
Uma triste tecedeira

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Que venho dos lados do mar
Uma triste tecedeira
Uma triste tecedeira
Que venho dos lados do mar
Tenho uma teia urdida
Tenho outra p'ra urdinar
Suba acima ó menina
Suba acima ó menina
Venha ajudar-ma a tirar
Suba acima ó menina
Suba acima ó menina
Venha ajudar-ma a tirar
Eu p'ra cima não subo
Que se está a fazer tarde
Eu p'ra cima não subo
Que se está a fazer tarde
Se por acaso se fizer de noite
Se por acaso se fizer de noite
Ao meu quarto vai ficar

Se por acaso se fizer de noite
Se por acaso se fizer de noite
Ao meu quarto vai ficar
Lá por essa noite adiante
Elas entraram a brincar
Lá por essa noite adiante
Eles entraram a brincar
Quando ela conheceu qu'era home
Quando ela conheceu qu'era home
Começou logo a chorar
Quando viu qu'era home
Quando viu qu'era home
Começou logo a chorar
Cala-te ó Mariana
Já te não vale chorar
Se tiveres presa de mim
Se tiveres presa de mim
Escreves ao D. Carlos do Mar
Se tiveres presa de mim

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Se tiveres presa de mim
Escreves ao D. Carlos do Mar
Lá ó fim de nove meses
As saias lhe levantavam
Lá ó fim de nove meses
As saias lhe levantavam
O seu pai mandou vir
O seu pai mandou vir
Modistas dos que bem talhavam
O seu pai mandou vir
O seu pai mandou vir
Modistas dos que bem talhavam
Esta saia não faz ponta
Esta saia bem talhada
Esta saia bem talhada
Mas saiba ó senhor rei
Mas saiba ó senhor rei
A sua filha é enganada
Mas saiba ó senhor rei

Mas saiba ó senhor rei
A sua filha é enganada
Os seus criados mandou
A lenha p'ra ser queimada
Os seus criados mandou
A lenha p'ra ser queimada
Queria ver a sua filha
Queria ver a sua filha
Naquela hora acabada
Queria ver a sua filha
Queria ver a sua filha
Naquela hora acabada
Suspirando dando ais
Ela andava a passear
Suspirando dando ais
Ela andava a passear
Já por aqui num há quem queira
Já por aqui num há quem queira
O meu dinheiro ir ganhar

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Já por aqui num há quem queira
Já por aqui num há quem queira
O meu dinheiro ir ganhar
Desceu um anjo do céu
Quero eu ir a ganhar
Desceu um anjo do céu
Quero eu ir a ganhar
Vai levar esta cartinha
Vai levar esta cartinha
Longe a D. Carlos do Mar
Vai levar esta cartinha
Vai levar esta cartinha
Longe a D. Carlos do Mar
Se estiver a dormir
Deixa-o primeiro acordar
Se estiver a dormir
Deixa-o primeiro acordar
Se estiver para comer
Se estiver para comer

Deixa-o primeiro acabar
Se estiver para comer
Se estiver para comer
Deixa-o primeiro acabar
Os seus criados mandou
O seu cavalo ir buscar
Os seus criados mandou
O seu cavalo ir buscar
Com ferraduras de bronze
Com ferraduras de bronze
Para elas não quebrar
Qu'a jornada de oito dias
Qu'a jornada de oito dias
Ainda hoje se vai dar
Quando ele lá chegou
Já a iam p'ra queimar
Quando ele lá chegou
Já a iam p'ra queimar
A donzela qu'ái vai

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

A donzela qu'ái vai
Ainda está para confessar
A donzela qu'ái vai
A donzela qu'ái vai
Ainda está para confessar
Confesse-a ó senhor padre
Faz favor da confessar
Confesse-a ó senhor padre
Faz favor da confessar
Eu no fim da confissão
Eu no fim da confissão
Eu quero-a ir queimar
Eu no fim da confissão
Eu no fim da confissão
Eu no fim da confissão
Eu quero-a ir queimar
Confessa-te Mariana
Faz a confissão geral
Que tu no meio da confissão
Que tu no meio da confissão

Um beijinho me vais dar
Que tu no meio da confissão
Que tu no meio da confissão
Um beijinho me vais dar
Mas isso num faço eu
Mas isso num faço tal
Onde D. Carlos deitou os lábios
Nun's há-de o padre deitar
Onde D. Carlos deitou os lábios
Nun's há-de o padre deitar
Confessa-te ó Mariana
Faz a confissão geral
Confessa-te ó Mariana
Faz a confissão geral
Tu no fim da confissão
Tu no fim da confissão
Um abraço me hás-de dar
Tu no fim da confissão
Tu no fim da confissão

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Um abraço me há-de dar
Onde D. Carlos deitou os braço
Nun's há-de o padre deitar
Onde D. Carlos deitou os braço
Nun's há-de o padre deitar
Confessa-te ó Mariana
Faz a confissão geral
Olha p'ra mim Mariana
Olha p'ra mim Mariana
Sou o D. Carlos do Mar
Olha p'ra mim Mariana
Olha p'ra mim Mariana
Sou o D. Carlos do Mar.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Junho de 1986
(cantarolando).

607 Eu fiz uma aposta
 Uma aposta hei-de ganhar
 D'ingarar a Mariana

Antes do galo cantar
Não apostes ó meu filho
Não te ponhas à'postar
Mariana é muito fina
É custosa de enganar
Minha mãe lhe vou dizer
De modo qu'a hei-de enganar
Hei-de-me vestir de donzela
Tecedeira d'um lar passear??
Que donzela é aquela
Qu'além anda a passear
É uma tecedeirinha
Do outro lado do mar
A minha tia num está cá
Não a posso aviar
Suba acima ó menina
Ó meu quarto há-de ir jantar
Ó meu quarto há-de ir jantar
Ó meu quarto há-de ir dormir

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Entre mulher com mulher
Não há nada a distinguir
Quando foi p'la noite adiante
Começaram a brincar
Conheceu qu'era home
Começou logo a chorar
Não te rales Mariana
Não te quero ralar
Eu sou rapaz solteiro
Contigo hei-de casar
Não se me dá qu'você case
Ou que deixe de casar
Rala-me a minha honra
Logo se vai acabar
O outro dia de manhã
Antes do sol arraiar
Já se estava a gabar
Esta noite dormi eu
C'a cara mais linda qu'havia

Disseram uns para os outros
Quem foi, quem seria
Foi a filha de D. Carlos
D. Carlos Maria
Seu pai quando tal ouviu
Sua fala recusou
Alto, alto meus criados
Meus criados vão ferrar
Com ferraduras de bronze
Que de prata podem-se quebrar
Mariana muito triste
Pela praça a passear
Há por aí um rapazinho
Que dinheiro queira ganhar
Desceu um anjo do céu à terra
Aqui estou p'ró qu'eu prestar
Vai-me levar esta carta
Ao conde de Montalvar
Se ele estiver a dormir

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Deixa-o primeiro acordar
Ele chegou em tão boa hora
Qu'ele andava a passear
Bons dias senhor Conde
Novas lhe venho dar
Bons dias ó rapazinho
Que tão bem sabes falar
Qual foi a ditosa mulher
Que aqui te mandou chegar
Logo que abriu a carta
Começou logo a chorar
Deixou o traje de conde
De padre foi tomar
Foi plantar-se a uma capela
Onde ela havi'de passar
Alto, alto senhor justiça
Senão faço-a parar
Essa menina qu'aí leva
Ainda vai por confessar

Confesse-se lá menina
Queira-se bem confessar
Lá no meio da confissão
Um abraço m'há-de dar
Isso não prometo eu
Nim ós santos do altar
Onde o conde põe os braços
Num é p'ra padre abraçar
Confesse-se lá menina
Queira-se bem confessar
Lá no meio da confissão
Um beijo m'há-de dar
Isso não prometo eu
Nim ós santos do altar
Onde o conde põe os beijos
Nom é p'ra padre beijar.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

608 Ó que guerra vem armada
Lá dos campos Aragão
Ai de mim que estou velho
Já nom lhes posso dizer não
Se o meu pai me dá licença
Eu ponho-me a andar
Ó filha tens os olhos fagueiros
Os homens te conhecerão
Quando passar pelos homens
Inclinarei-os ó chão
Tens os seios grandes
Todos te conhecerão
Haja colete sobre colete
E não se conhecerão
Na guerra, um príncipe gostava dela e disse p'r'à mãe:
Os olhos do Martinho m'enganarão
Todos feitos são d'home
Mas os olhos de mulher são
Olha filho, leva-a a um banquete se for home, assenta-se

Numa cadeira grande, se for mulher, numa mais pequena.
E o D. Martinho foi a um jantar mais o príncipe,
Sentaram-se e o D. Martinho sentou-se na cadeira mais
Alta e ainda punha o capote debaixo do rabo.
Tornava a vir para casa e dizia assim:
Os olhos do Martinho m'enganarão
Todos feitos são d'home
Mas os olhos de mulher são.
Olha leva-a a uma feira, se for mulher puxa para comprar
Brinquedos, à moda da terra dela e se for home espadas e
Outras coisas parecidas.
Ela foi à feira mais ele e disse:
Ó que bons brinquedos
P'ràs damas da minha terra
Mas ó que boas espadas
P'ra D. Martinho brilhar.
Tornou o príncipe a vir para casa e a dizer à mãe:
Ela todos feitos são d'home
Mão os olhos de mulher são

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Olha leva-a a tomar banho numa ribeira
Ela foi mais ele. Quando 'tavam a tirar o fato ela disse assim:
Deu-se-me um nó nas cerolulas
Não o posso desatar
Está o meu pai a morrer
Minha mãe p'ra enterrar
Quem me quer alguma coisa
A minha casa me vá perguntar.
E fugiu a cavalo no cavalo, e o príncipe foi atrás dela.
Ela tinha três irmãs e plantou-se no meio das três
Irmãs a costurar, ele veio bateu à porta, o pai abriu-a
E perguntou o qu'ele qu'ria e ele disse que lhe vinha a
Pedir a filha, qu'ela fugiu, D. Martinho, e o pai disse:
Eu dou-ta, mas é preciso que tu a conheças.
Ele foi, olhou p'ra todas, não a conhecia e ódepois ela
Foi e bateu c'uma laranja nas costas dele. E ele então é
Que soube que era aquela.
E lá estão hoje ainda.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

609

Bons dias menina Hortência
Minha linda jardineira
Que andas regando as flores
Tendo uma mais verdadeira
Que por essa flor qu'tu tens
Eu trago imensa cegueira.

Bons dias senhor Abel
Bons dias lhe quero dar
O senhor a estas horas
No jardim a passear?
Que corre um ar de mar'zia
Que se pode constipar.

Mal tu pensas ó jardineira
O calor qu'me fazes sentir

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Quando eu sinto o regador
Tenho do quarto sair
Por uma flor qu'tu tens
Qu'não me deixa dromir.

Mas atão que flor é essa
Qu'tão cedo o faz erguer
S'o senhor sabe onde ela 'tá
Faz favor de me dizer
Qu'o papá num ralhará
S'nós a formos colher.

Trago-a sempre no sentido
A flor qu'o meu peito estima
Qu'e do umbigo p'ra baixo
E do joelho p'ra cima
Palpita-me o coração
Qu'tem aí uma florinha.

Retire-se senhor Abel
Qu'isso num pode ser
Está-se-me a encher a boca d'água
Bem faria s'a chegasse a ver
Esta minha flor está guardada
Para o homem qu'me receber.

Hortência não diga que não
Qu'até fico esmorecido
Até morro de paixão
Se namorasse contigo.

Não abraça nem por certo
Como ía calcular
Este vaso qu'eu cá tenho
Não vá o senhor cheirar
E se acaso tem muito calor
Vá ó seu tanque banhar.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Hortência não diga que não
Meu peito por ti s'inflama
Tens tão belas melancias
Quem m'dera colher-lhe a rama
Quem m'dera abraçar-te
No lête da tua cama.

No lête da minha cama
'Stá com muita variedade
Num é próprio p'ró senhor
Nim p'r'à sua igualdade
Vá procurar outras mais novas
Que lhe tire a enfermidade.

Hortência não digas qu'não
Eu tenho-te imensa amizade
Ainda há-de vir ser minha esposa
Sendo da tua vontade
Dá-me beijos e abraços

Que em mim não há falsidade.

Aqui me tem senhor Abel
Pronta p'r'ó que quiser
Mas é numa condição
De ser sua mulher
Dou-lhe beijos, dou-lhe abraços
Dou-lhe aquilo qu'eu tiver.

Informante: João Pereira Eduardo (S. José Matas, M), Março de 1989.

610 Quando eu fui p'ra Coimbra
Passei mala qu'aprendi??
Com pena de não te ver
Uma carta te escrevi.
Essa carta meu benzinho
Nim a vim nim cá chegou
Se me queres alguma coisa
Fala amor qu'eu ainda aqui 'stou.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Eu bem sei qu'inda aí 'stás
Muito bela e perfeita
Diga-mo minha menina
Se quer ser minha sujeita.

Tanto se me dá qu'ele acorde
Nim que deixe de acordar
S'ele agora aqui 'stivera
Pai-sogro lh'havia de chamar.

Sua sujeita não sou
Qu'não fica meu pai contente
Eu era posta na rua
Desprezada para sempre.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

Desprezada para sempre.
Num há-de você ficar
Se má fama lhe puserim
Ainda lha hei-de tirar.

611

Vamos aos livros de estudos
Para amar o que aprendi
Como de te não ver
Uma carta te escrevi.

Eu má fama não a tenho
Mas daí me pode vir
Fala baixe e não acorde
O meu pai 'stá a dromir.

Essa carta nunca a vi
Nunca ela cá chegou
Se o senhor me quer alguma coisa
Fale-me qu'eu ainda aqui estou.

Eu bem sei que ainda aí estás
Bem bonita bem perfeitinha

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Venho falar ao seu pai
Se quer ser minha sujeita.

Sua sujeita não sou
Que não fica meu pai contente
Não quero ficar desgraçada
No mundo para sempre.
Desgraçada para sempre
Você não há-de ficar
Se má fama lhe puser
Eu bem a hei-de livrar.

Eu má fama nunca a tive
Mas ainda m'a pode vir
Fale mais devagarinho
Que está o meu pai a dormir.

Se o seu pai está a dormir
Eu já o vou acordar

Se eu vim aqui de tão longe
Propósito para lhe falar.

Ó que falas tão bem ditas
Que tu agora disseste
Se não sabes o caminho
Vai por onde vieste.

Informante: Maria Conceição Ribeiro (Gavião de Ródão, VVR).

612 Um rapaz bateu à porta de uma rapariga para lhe falar;
Bateu à porta. Truz, truz.
Quem 'stá lá?

Tire o seu lenço do pescoço
Quim num é cego bem vê
Venho aqui p'ra ser seu moço
Guarda Deus a vomecê.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Eu com toda a paciência
'Stou assim fadada p'ra tal
'Stou às suas obediências
Bom dia senhor maioral.

Não me faltes ao encalhe
Que lá no tal dia
Há-de ser aí dois chiberros
Ladrão dos chocalhos??

Eu nunca fiz queijos
Eu nunca fui à queijeira
Lá diz o ditado
Alguma vez há-de ser a primeira.

Chamaste-me cravo
Certo foi por zombaria
Se me chamasses cabreiro ou alarve
Mais contente ficaria.

Ao fim chamou-lhe porco e ele disse-lhe:

De muitos trapos
É que se fazem as rodilhas
Agora é que tu soubeste
Dar o valor à família.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, VVR), Junho 1984.

613

Tu não deixes que eu deia
Teu amor que tanta fala
Toma lá dá-lhes estes beijos
Para ver s'ela se cala.

Os beijos que tu me deste
Mandei tirei o retrato
Tens a dar muito beijo

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Mas é na sola do sapato.⁴⁹

614 O Tejo quando vai grande
No meio ajunta espuma
Quem fala p'r'ó meu amor
Não tem vergonha nenhuma.

Ó menina que lhe importa
A água que o Tejo leva
Fala para quem quiseres
Qu'eu nada disso t'invejo.⁵⁰

615 Aqui neste baile anda
Uma flor que deita pó
Anda quatro raparigas
P'r'à amar um rapaz só.

Andam quatro raparigas
Sem nenhuma ter diferença
Há-de casar com a mais nova
Se a mais velha der licença.⁵¹

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986.

616 Já o sol vem nascendo
Debaixo de nuvens sombrias
Como há-de o Sol ser velho
Se ele nasce todos os dias.

Mulher alta delgadinha
É a minha eluvação
Aqueles que são baixinhas
Muito mais graça me dão.

⁴⁹ Cantiga ao desafio entre dois namorados, ambos de Perais. As pessoas iam para o baile só para os ouvir cantar.

⁵⁰ Cantiga ao desafio cantada num baile em Perais, tendo duas raparigas como intervenientes.

⁵¹ Estas duas quadras foram cantadas por uma rapariga num baile em Perais, sendo a "mais nova" a sr.^a Balbina Castelo Pires.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Não sou alta ne baixa
Sou como Deus quis
Não sou vara de lagar
Nem vareta de abuis.⁵²

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Março de 1984.

617 Adeus arraial de S. Marcos
Adeus Santinho da Moita
Adeus festa de Cimadas
Como a das Corgas não há outra.

Se queres saber de onde eu sou
A terra onde eu nasci
Companhia de S. Pedro
Cernache de Bonjardim.⁵³

⁵² A primeira e a terceira quadra foram feitas pela informante quando andava à azeitona. A segunda foi feita por um rapaz que a ouviu.

⁵³ Quadras ao desafio cantadas na festa de Cimadas entre um rapaz e uma rapariga.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Março de 1984.

618 Tu és carpinteiro
Não sabes fazer arado
Eu sou sapateiro
Já hoje fiz uns gaspiados.

Ainda agora aqui chegou
Um rapaz que tão bem canta
Comeu sardinha salgada
Ficou-lhe o sal na garganta.

Uma sardinha salgada
Tirada da salgadeira
Comida assada
Tirava-te essa rouqueira.⁵⁴

Informante: Joaquim Martins (Bairrada, PN), Março de 1984.

⁵⁴ Cantiga ao desafio.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

619

Rapaz:

Incostei-te ao pessegueiro

À sombra do limão doce

Casava contigo Josefina

Se da tua vontade fosse.

Rapariga:

Tu pediste-me namoro

C'o teu chapéu preto ao lado

Mas a mim nom m'levas a crer

Qu'queiras ser meu namorado.⁵⁵

Informante: Joaquim Martins (Bairrada, PN), Março de 1984.

620

Rapaz:

Quatrocentos e oitenta

Forma um cruzado novo

Diga-me por cantigas

⁵⁵ Cantiga ao desafio, durante a apanha da azeitona, entre um rapaz e uma rapariga.

Quantas penas tem um corvo.

Rapariga:

Quantas penas tem um corvo

Eu já lhe vou dizer

Tem metade e outras tantas

Fora as que estão para nascer.⁵⁶

Informante: Maria do Carmo (Ribeiro), Montes da Senhora (PN), Março de 1986.

621

Os passos da minha vida

Rapazes eu vou-vos contar

Os princípios da minha vida

Já leva a fama espalhada

De enganar uma rapariga

Já leva a fama espalhada

De enganar uma rapariga

⁵⁶ Cantiga ao desafio.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Tudo isto foi causado
Pela boca boca d'um ladrão
Com dezoito anos de idade
Vou-me entregar à prisão
Com dezoito anos de idade
Vou-me entregar à prisão
Cala-te lá ó rapaz
Que a tua sentença está lida
Vais trinta anos p'rá África
Ou casas com a rapariga
Se eu for trinta anos para África
É o fim da minha vida
Entre vésperas de abalar
Mato o pai e rapariga
Ela quando isto ouviu
Sua fala replicou
Disse para o doutor juiz
Não foi esse que me enganou
Ó rapariga traidora

Porque não falas a verdade
Vai rapaz para a tua terra
Vai gozar a tua mocidade
Vai rapaz para a tua terra
Vai gozar a tua mocidade.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Fevereiro de 1986 (cantarolando).

622

Que tens minha filha
Que andas tão descorada
Nem comes nem vais para a mesa
Pareceis andar inchada.

Meu pai eu ando doente
Preciso muito de estar só
Mande chamar um doutor
Para me consultar só
Mande chamar um doutor

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Para me consultar só.

Ó meu digno criado

Vai chamar o doutor

Quando ele chegou a casa

Todo cheio de calor

Quando ele chegou a casa

Todo cheio de calor.

Bom dia meu velho amigo

Quem é que está doente

Logo que chegou a notícia

Parti logo de repente.

Foi a minha filha do meio

Que está quase a morrer

Que doença é a dela

Faz favor de me dizer

Que doença é a dela

Faz favor de me dizer.

Sua doença menina

Sabe ??

Ao fim de nove meses

O seu mal há-de dar fim

Quem come dessa ??

.....

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

623

O Manuel da Portela

Ai enganou uma menina

Trazia o retrato dela

Ai nas costas da concertina

Nas costas da concertina

Ai, nas costas do violão

Trazia o retrato dela

Maria Amélia da Conceição

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ela andava enganada
Ai, sua mãe já o sabia
Ele ía dormir com ela
Porque a mãe dela o consentia.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Março de 1984
(cantarolando).

624

No altar de Santa Rita
Está uma rosa aberta
Adeus ó Jaquim Caixeiro
Adeus ó Ana Roberta.

Adeus ó Jaquim Caixeiro
Prenda do meu coração
Só te peço por favor
Que não deixes a minha mão.

Tua mão não a recebo
Nem dela quero saber

Antes que morras à fome
Não te hei-de dar de comer.

Adeus ó Ana Roberta
Adeus flor que tanto cheiras
Andavas tão seriazinha
Caíste na maroteira.

Ainda as falas não eram ditas
Jaquim Caixeiro passava dentro
Enganava Ana Roberta
Com ela passou bom tempo.
O pai quando chegou
Começou a perguntar
O que tens ó mulherzinha
Que estás farta de chorar.

O que tenho ó meu marido
Já t'o vou a contar

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

A alegria da nossa filha
Era pouca e já vai acabar.

Ó mulher, ó mulher minha
Não sejas tão opiniante
Vai falar com Jaquim Caixeiro
Vai falar com essa gente.

Informante: Maria do Carmo (Ribeiro), Montes da Senhora (PN).

625 Há seis dias que estou casado
Quem me dera estar solteiro
Olha o diabo da mulher
Só me procura pelo dinheiro.

Já te aborreceste de mim
Casado há seis dias
Mas não me falavas assim
Quando me receber querias.

Eu nunca te prometi nada
Coisa que não te pudesse dar
Prometi casar contigo
E de bem te tratar.

Eu quero um vestido bem chique
Qu'eu também sou merecedora
Se você não tem dinheiro
Eu não sou a causadora.
Este chapéu já 'stá velho
Pouco me pode servir
Quero outro mais moderno
Para de mim ninguém se rir.

Também quero umas botinhas
Que é o meu último pedido
Se você não as quiser comprar
Não as tinha prometido.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Agora é qu'ela 'stá torta
Começa a mulher pedindo
Acho que será melhor
Guardar p'ra outro domingo.

Você está-me insultando
E eu não estou p'ra o aturar
Você queria ter mulher
E com ela não queria gastar.
Vai tratar da tua vida
Não queiras insultar mais
Eu não quero mais mulheres
Porque são todas iguais.

Informante: Maria do Carmo (Ribeiro), Montes da Senhora (PN).

626 Quadras da Ti Ana Ferra
 Uma rapariga nova
 Que se deu à maroteira

Uma rapariga nova
Que se deu à maroteira.

Que se deu à maroteira
Dizendo que a tratavam mal
Que se deu à maroteira
Dizendo que a tratavam mal
Ela andava namorada
C'um rapaz do Cebolal
Ela andava namorada
C'um rapaz do Cebolal.

A sua mãe coitadinha
Chorava e batia o pé
A sua mãe coitadinha
Chorava e batia o pé
Ver sua filha amigada
Com o Armando do S'calé
Ver sua filha amigada

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Com o Armando do S'calé

Não chore minha mãe não chore

Que não fui eu a primeira

Não chore minha mãe não chore

Que não fui eu a primeira

O casamento foi feito

Pelas bocas das alcoviteiras.

O casamento foi feito

Feito numa quinta-feira

O casamento foi feito

Feito numa quinta-feira

Foi o Jaquim Valente

Mais o António da Tojeira

Foi o Jaquim Valente

Mais o António da Tojeira.

O Mateus da Serrasqueira

Era a sua conveniência

O Mateus da Serrasqueira

Era a sua conveniência

O Jaquim seguia os passos

P'ra nom ganhar diligência.

Zefa Pedro era o correio

Trazia toda a notícia

Zefa Pedro era o correio

Trazia toda a notícia

Maria Gorda era leal

Que encobria toda a malícia

Maria Gorda era leal

Que encobria toda a malícia.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

627 Menina que estás à janela
Encostada ao craveiro
Você ou é para mim
Ou então é p'ró meu companheiro.

Eu não sou para si
Nem para o seu companheiro
O meu pai tem-me guardada
P'ra casar c'um sapateiro.

Eu também sou sapateiro
Também trabalho na oficina
Também faço uns sapatos
Delicados para a menina.

Os sapatos que você faz
Vá-os dar a quem quiser
Marotos como você
Não merecem ter mulher.

Informante: Maria da Conceição Ribeiro, Montes da Senhora (PN).

628 Ó mulher isso é vida
Então que mania é essa
Tu queres ser minha vergonha
Talvez por ti endoideça
Que mal te fez o teu marido
P'r'á assim perderes a cabeça.
Já você vem com murmúrias
Eu num sou mulher casada
E quem assim tem um marido
É o mesmo que num tenha nada
Não quero, 'stou no meu direito
E não posso ser obrigada.
Atão que qui ti falta
Tens comer vestir e calçar
Tens casa para viver
E não te mando trabalhar
Quem mais te estime do que eu

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Tu não podias encontrar.

Toda essa estimação
Para mim é aborrecimento
Nem só vestir é preciso
Nem só comer é sustento
Quero meiguices e carinho
Di quem mi dá mais merecimento.
Ai qui vergonha, qui coragem
Mulher 'tás tão descarada
E tod'à gente que nos conhece
Vão ficar admirados
Quanto mais valor eu te dou
Mais desgosto me tens dado.

Tu teimas em ir nessa ruta
Mas com isso tem cautela
Em viste que continues
A viver nessa viela

Eu passo por aqui à noite
E até te mato à janela.

Você num mata uma mosca
Quanto mais uma mulher
Eu tenho vergonha na cara
Disprezo quim eu nom quero
Eu daqui p'ra diante
Hei-de ir onde eu quiser.

Talvez ainda te inganes
S'eu a isso me puser
Hás-de ir p'ra onde eu te mande
Sou home e tu mulher
Obrigo-te pela justiça
E vais p'ra onde eu quiser.

O uso da sua justiça
Faça-lhe algo parecer

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Leve a força para casa
Se é home de bom comer
Qui eu daqui p'ra diante
Farei aquilo qu'eu intender.

Olha sabes o qu'eu te digo
Para mais te certificar
Anda agora muito na moda
É namorar e num casar
Em minha opinião
Quem quer comer que vá ganhar.

P'r'à mulher ser feliz
Case com home pacato
Se a cama tem dois cobertores
É preciso três ou quatro
Dormi c'um home e ter frio

Vale mais dormir c'um gato.⁵⁷

Informante: Manuel Ribeiro Santo (Vale do Cobrão, VVR), Março de 1986 (cantarolando).

629 Um rapaz quando é moço
Não pensa na vida bela
Eu então como solteirinho
Fui caindo na esparrela
Eu indava namorado
C'uma amada da Portela
Tu és rica e és morgada
Por não teres outros herdeiros
Eu então como pobrezinho
Também vivo como cavalheiro
Tu hás-de ver im vez ? ?
Comigo passas o tempo

⁵⁷ Esta cantiga era cantada e tocada nas festas e casamentos que o informante ia animar. O informante era tocador de concertina.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

C'o respeito ó casamento
Nom contes com anel do canto.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

630 Uma mãe, mãe tirante
Ela fugiu com seu amante
Ela im Lisboa vivia
Mas nunca se apaixonou
Mas nunca se apaixonou
Dum filhinho qu'ela tinha
Mas nunca se apaixonou
Mas nunca se apaixonou
Dum filhinho qu'ela tinha
O pai dele com carinho
Com sacrifício e carinho
Nos estudos o trazia
Pela sua mãe abalar
Pela sua mãe abalar

Com o seu filho vivia
Pela sua mãe abalar
Pela sua mãe abalar
Com o seu filho vivia
Tanto tempo passado
Ele foi formado im advogado
E grande fama ganhou
Pelo paizinho olhava
Pelo paizinho olhava
E grande amor lhe dedicou
Essa mãe que foi tão malvada
Um dia foi acusada
Por um furto ter praticado
Essa mãe que foi tão malvada
Um dia foi acusada
Por um furto ter praticado
Para a inocência provar
Resolveu ir perguntar
Esse tal advogado

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Para a inocência provar
Resolveu ir perguntar
Esse tal advogado
Venho aqui senhor doutor
Para lhe pedir um favor
Ao mesmo tempo para lhe pagar
Eu não roubei nada a ninguém
Eu não roubei nada a ninguém
E querem-me incriminar
Eu não roubei nada a ninguém
Eu não roubei nada a ninguém
E querem-me incriminar
Vá-se embora minha senhora
Vá-se embora minha senhora
A sua vida tratar
Qu'eu no dia do julgamento
Qu'eu no dia do julgamento
Logo a mando chamar
No dia do julgamento

No dia do julgamento
Logo a mando chamar
No dia do julgamento
No dia do julgamento
Ela se foi apresentar
Para dizer ó juiz
Para dizer ó juiz
O que se estava a passar
Para dizer ó juiz
Para dizer ó juiz
O que se estava a passar
Vá-se embora minha senhora
Vá-se embora minha senhora
A sua vida cuidar
Eu logo lhe mando dizer
Eu logo lhe mando dizer
O que a senhora tem a pagar
Eu logo lhe mando dizer
Eu logo lhe mando dizer

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

O que a senhora tem a pagar
Bons dias senhor doutor
Bons dias senhor doutor
Contas venho a fazer
Para falar ó doutor
Para falar ó doutor
E ó mesmo tempo agradecer
Para falar ó doutor
Para falar ó doutor
E ó mesmo tempo agradecer
Espere aí minha senhora
Espere aí minha senhora
Não se esteja a apoquentar
Espere aí um bocadinho
Espere aí um bocadinho
Qu'eu já lhe vou falar
A senhora pisou mau trilho
Não lhe recorda um filho
Que pequenino abandonou

A senhora pisou mau trilho
Não lhe recorda um filho
Que pequenino abandonou
P'r'ó meu pai foi tão ingrata
P'r'ó meu pai foi tão ingrata
Minha mãe aqui estou
P'r'ó meu pai foi tão ingrata
Essa ideia a mim me mata
Minha mãe aqui estou
Ela foi p'ra sua casa
Ela foi p'ra sua casa
E toda a noite pensou
Ai que triste sorte a minha
Ai que triste sorte a minha
Que a vida se aproximou
Ai que triste sorte a minha
Ai que triste sorte a minha
Que a vida se aproximou
Mas ela antes de morrer

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Ao filho foi escrever
Uma carta que dizia
Mas ela antes de morrer
Ao filho foi escrever
Uma carta que dizia
Eu com remorsos vou morrer
Já num posso mais sofrer
Esta tua mãe Maria
Eu com remorsos vou morrer
Já num posso mais sofrer
Esta tua mãe Maria
Ao cemitério acompanhou
A sua mãe qu'o abandonou
Á muito triste a pensar
Toda a gente lhe falava
Toda a gente o conformava
Por ela o abandonar
Toda a gente lhe falava
Toda a gente o conformava

Por ela o abandonar
Quando eu era pequenino
Quando eu era pequenino
Minha mãe me ensinava a dizer
Porque ela hoje é defunda
Porque ela hoje é defunda
Não lhe interessa já saber
Porque ela hoje é defunda
Porque ela hoje é defunda
Não lhe interessa já saber

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

631 Levando um garotinho pela mão
Entrava uma senhora na igreja
Donde ía rezar com devoção
Só o reino dos céus ela deseja.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

À porta encontrava-se um pobre cego
Que lhe pediu esmola p'ra comer
Ela lhe respondeu com sossego
Perdoai-me senhor mas não pode ser.

À porta encontrava-se um pobre cego
Que lhe pediu esmola p'ra comer
Ela lhe respondeu com sossego
Perdoai-me mas não pode ser.

O garoto ao ver ficou suspenso
Responde à sua mãe em voz baixa
Porque não deste esmola ao cego
E a foste deitar naquela caixa.
É p'r'ó azeite meu filho aqueles cobres
P'r'à alumiar Deus Nosso Senhor
Vale mais dar a Deus que dar aos pobres
Foi o que me disse à pouco o nosso prior.

Mãezinha no prior não acredito
Respondeu-lhe o garoto com desdém
Dar esmola ao cego é bonito
Porque o cego tem fome e Deus não tem.

Informante: António S. Pedro Tropa (Vilas Ruivas, VVR), Fevereiro de 1984.

632

Tu que vais presa
Da cadeia p'r'ó hospital
Bem o podes agradecer
Ó Sebastião do Pinhal.

Ó Sebastião do Pinhal
Bem o podes agradecer
Tu que dizes da tua mana
Que te pudera valer.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Obrigado senhor juiz
Bem lhe tenho a agradecer
Deu-me sombra p'ra toda a vida
E casa p'ra eu viver.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

633 Adeus ó Senhora de Ferro
Ainda num 'stás acabada
Por causa da nova linha
Está a Conheira desgraçada
Andaram pro'li a ver
Aqui 'stá ou além vai
Num apareceu ó seu pai
Nim à mãe qu'a criou
Qu'a tinha bem escondida
O tal gaje qu'a enganou
A cara lhe mascarrou
P'ra ninguém a conhecer

Tratou d'imbalar o fato
À máquina a foi 'sconder
Andaram pro'li a ver
Aqui 'stá ou além vai
Num apareceu ó seu pai
Nim à mãe qu'a criou
Esse amante das raparigas
Algumas tem enganado
Com aquela eram três
Qu'ele trazia enganado
Deve ser algo fabricado
Numa prisão bem medonha
Ele era um bom home casado
Devia ter vergonha.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

634

Que fazes tu
Na ponta desse penedo
Quero ir ao cemitério
Quero lá ir tenho medo.

O que vais tu lá fazer
Se tu lá não vês ninguém
Quero ir beijar a campa
Donde jaz minha mãe.

Pois então tu não tens mãe
Criança tão pequenina
Também morreu meu pai
Sepultado numa mina.
O que fazes tu criança
Neste mundo sem ninguém
Estou mais o meu irmão
Que órfão ficou tamém.

O que faz o teu irmão
Para te dar de comer
Anda a pedir pelas portas
Quando não tem que fazer.

Vai-te, vai-te, filha minha
Vai ajudar o teu irmão
Im sabendo que tu qu'és órfão
Já ninguém te diz que não.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

635

No Casal do Versão
Já intarra gente humana
Im qualquer sítio do chão
Foi Ingrácia de Jesus
Deu à luz uma criança
Interrou-a na fazenda
Ó que tirana a lembrança

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Interraste o teu filho
O coração nom te doía
Não lhe tinhas amor de mãe
Interraste-lo na terra fria
Interraste-lo na terra fria
Mas também não te escondeste
Qu'rias aquietar a honra
Coisa qu'à muito perdeste
Às oito horas da noite
Eu vim caminhar a Lua
P'r'às partes do mar sagrado
Ouvi suspiros e ais
Muita gente além defronte
Interraste o teu filho
Na horta do Vale das Fontes
Na horta do Vale das Fontes
Ó pé d'um valado de silvas
Reparai e tomais sentido
Ó solteiras raparigas

Ó pais que tindes filhas
Repreendei-as até qu'há tempo
Depois do mal estar com elas
Já nom há arrependimento.

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Junho de 1984.

636

Quando d'antes me batias
A minha mãe mansamente
Meu pai não lhe consentia
Até ficava descontente.
Quando foi à hora da morte
À minha mãe tu juraste
Que olhavas p'la minha sorte
E tu essa jura quebraste.

Pai:

Para que outra vez casaste
P'la esposa que arranjaste

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Que me bate de malvadez.

637

Vou fugir do lar paterno
A tremer de fome e frio
Para eu viver neste inferno
Mais me vale ser vadio.

Vivo aqui na minha casa
Sou uma alma perdida
Ela morde-me e me arranha
Como uma fera desconhecida.
Já num quero viver mais
Já num quero estar tão bem
Vou fugir por essas serras
E juntar-me à minha mãe.

Informante: Maria Rosa Mota (Gavião de Ródão, VVR), Março de 1986.

Quando eu era rico
Rico avarento
E passava o tempo
E a riqueza findou
E meus senhores
Que tendes a riqueza
Dai-me uma esmola
A quem pobre ficou
Quando eu rico
Todos me convidavam
Todos me convidavam
Bailes e prazeres
Agora sou pobre
Ninguém me conhéci
Tudo me escarnece
Mais vale morrer
Agora sou pobre
Ninguém me conhéci
Tudo me escarnece

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Mais vale morrer
No mais fino pano
Cai a maior nódoa
É como a balança
Desandou a roda
Desandou a roda
Desandou a roda
No mais fino pano
Cai a maior nódoa
Foge Zé não ames
Aquela mulher
Qu'ela é vadia
Faz o qu'ela quéri
Faz o qu'ela quéri
Faz o qu'ela qu'ria
Foge Zé não ames
Aquela vadia.

Informante: Balbina Castelo Pires (Perais, VVR), Março de 1986
(cantarolando).

638 Quando eu fiz a despedida
 E nisto tão emagoadado
 Tava o comboio a dar partida
 Im qu'eu ía p'ra soldado
 Adeus rapazes adeus
 Adeus meu pai e minha mãe
 Saudades tenho saudades
 E do meu amor também
 Adeus rapazes adeus
 Adeus meu pai e minha mãe
 Saudades tenho saudades
 E do meu amor também
 Adeus amor adeus
 Vou seguir o meu caminho
 Vou p'ra longe da terra
 Vou ficar sem teu carinho

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Vou p'ra longe da terra
Vou ficar sem teu carinho
Mas enfim tenho coragem
Nada posso fazer
Vou p'ra longe da terra
Vou cumprir o meu dever
Vou p'ra longe da terra
Vou cumprir o meu dever
Apenas eu lá cheguei
Pel'um cabo fui chamado
Diga lá como se chama
E em qui terra foi criado
Diga lá como se chama
E em qui terra foi criado
Deram-me em seguida um papel
E eu fui ver o que dizia
Fui ver qual era o meu número
D'uma certa companhia
Em seguida veio o barbeiro

E c'uma certa alegria
Julgava de mim algum carneiro
Em seguida me fez a tosquia
Julgava de mim algum carneiro
Em seguida me fez a tosquia
Fiquei triste sem talento
Im ver meus cabelos no chão
Vinha lá um sargento
Leva-me p'r'arrecadação
Subi as escádias então
Indo eu neste estado
Cheguei à porta falei
Dá-me licença nosso cabo
Então qui ti falta
Nesta forma me falou
Venho buscar minha roupa
Que o nosso primeiro mandou
Venho buscar minha roupa
Que o nosso primeiro mandou

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Toma lá a tua roupa
Ó galucho vais viajar
Toma lá as tuas calças
Que as botas estão acolá
Toma lá as tuas calças
Que as botas estão acolá
As botas eram tamanhas
Que tudo me causa horror
As calças eram tão grandes
Que varriam o corredor
No outro dia a seguir
Tocou cedo a alvorada
Vem de lá o cabo dia
E acorda-me à cinturada
Vem de lá o cabo dia
E acorda-me à cinturada
Ó rapazinho põe-te a pé
Que já estás a faltar
Vai lá ó comandante

P'r'à falta justificar
Vai lá ó comandante
P'r'à falta justificar
Fui intão ó comandante
P'r'à falta justificar
Apanhei uma guarda
E o cabelo fui cortar
Assim andámos quatro meses
Sem dar mostras de canseira
A desejar que viesse
O juramento de bandeira.

Informante: Manuel Ribeiro Santo (Vale do Cobrão, VVR), Março de 1986 (cantarolando).

639 Já há muito tempo que aqui não passo
Já os caminhos têm ervas
A amizade que me tinhas
Diz-me amor se ainda a conservas.

POESIA POPULAR DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques e João Carlos Caninas com prefácio de Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

Eu queria ser como a hera
Pela parede subir
Ir-te ver ao teu quarto
Onde estavas a dormir.

Ajuda-me ó companheira
Dá-me mais uma demão
A ladeira é comprida
Não me ajuda o coração.⁵⁸

Informante: Joaquina Rosa Dias (Bairrada, PN), Março de 1983.

640 Filho:
 Já vi uma cotovia
 Em cima de quatro ovos
 O Sol ao pino do meio-dia
 Alumina muitos povos.

⁵⁸ Estas quadras eram cantadas quando da mudança de colmeias, da área de Carvoeiro para a de Proença-a-Nova. É que aqui os matos florescia primeiro. Passavam à Bairrada sempre durante a noite. Aliás, esta tarefa só se executava de noite.

Pai:
Já vi uma cotovia
Em cima de quatro ovos
Das gemas geressem
Quatro passarinhos novos.⁵⁹

Informante: Guilhermino Pires Nogueira (Gavião de Ródão, VVR), Março de 1984.

641 O sobrinho do capitão
 É um grande toleirão
 Deu gato a comer
 Com muita satisfação.

 Ainda sei esta quadra
 Que hei-de cantar todos os dias
 Ainda sei quem a fez
 Foi o senhor Francisco Dias.⁶⁰

⁵⁹ Pai e filho andavam lavrando. Nisto uma cotovia levanta-se do ninho e diz ao pai: - Ó filho, faz um verso ó que viste. O filho faz então a primeira quadra e o pai a segunda.

Informante: Ilda da Conceição (Cimadas, PN), 1989.

642 Açaimaram-me a minhoca
 Por mijar no cancelão
 As testemunhas são duas mulheres
 Eu não sei quem elas são.
 É preciso ter cautelinha
 Agora com a mijadela
 Pagam-se cinquenta escudos de multa
 Já o mijar tem tabela.⁶¹

Informante: António Pires Gomes (Perais, VVR), Março de 1986.

⁶⁰ O acontecimento descrito pelas duas quadras é tido como verídico e sucedeu no Dia dos Compadres em Cimadas. Um indivíduo, sobrinho de um capitão, ofereceu um jantar aos rapazes e raparigas do lugar. A ementa era coelho. Resolveu entretanto meter gato à mistura. No entanto, os pedaços de gato eram de maior tamanho, logo, bem identificáveis pelo autor da façanha.

⁶¹ Estas quadras são do senhor José Gomes, Ti Peras, como era geralmente conhecido, sendo natural de Perais e falecido há já muitos anos. Segundo informações, este senhor era um excelente poeta popular. Uma vez já com os seus oitenta anos, destruíram o lugar onde habitualmente ele e muitos outros iam urinar – o campanário. E como não havia WC, excentricidade para a época, mijava aqui e ali, sendo sempre sacudido. Numa das ocasiões, quando estava a mijar numa cancela junto à sua casa, apareceu-lhe a cunhada com quem andava zangado. A cunhada começou a gritar em altos berros. Duas outras vizinhas vieram à porta (as testemunhas). O Sr. José Gomes de nada se incomodou, voltou as costas e começou a desandar para a sua casa, respondendo com estas duas quadras.